

Escolhas boas, justas e adequadas. Mais do que isso, pertinentes ao propósito de romper o véu de invisibilidade envolvendo Wessel e transformá-lo, o quanto possível, no “manto diáfano da fantasia”, que Eça de Queirós põe como epígrafe de seu livro *A relíquia*, publicado em 1887, com ele cobrindo, desde o início do romance, “a nudez forte da verdade”.

No caso de Wessel, a realidade de sua vida e de sua trajetória é feita, para quem quiser contá-la, de indicações, de sinais, de silêncios, de marcações do percurso que apontam para possíveis destinos, para a probabilidade de destinações.

É uma vida a ser buscada, a ser perseguida com a paciente esperança de que, não havendo revelações, nem surpresas, é preciso surpreendê-la em seu passado revelado: o quanto ele inscreve, numa história pessoal, uma narrativa nem épica, nem dramática, feita, contudo, como fotogramas, como fotos sucedidas em série, a revelar a tranquilidade das tardes na casa da rua Lopes de Oliveira, e, nela, a persistência tranquila do inventor, empreendedor, do químico, do mecenas Conrado Wessel.

Carlos Vogt

“Em 1921, instalei a primeira fábrica de papéis fotográficos da América do Sul. Até 1924 lutei muito e enfrentei a concorrência da Kodak, Gevaert e Agfa. Depois de 1930 a fábrica começou a se desenvolver rapidamente, a tal ponto que a Kodak me propôs adquirir toda minha produção. Em 1949, instalei em sociedade com a Kodak, a nova fábrica em Santo Amaro. Em 1954, a Kodak absorveu a minha fábrica adotando o nome Kodak-Wessel. Isto, porém, foi de pouca duração. Ela eliminou o meu nome e adotou o nome Kodak Brasileira. Eu me retirei à vida privada e assim continuo. Até hoje.”

Conrado Wessel

FUNDAÇÃO CONRADO WESSEL
FCW

INSISTA, NÃO DESISTA

RUBENS FERNANDES JUNIOR

UMA FOTOBIOGRAFIA
DE CONRADO WESSEL

INSISTA, NÃO DESISTA

RUBENS FERNANDES JUNIOR

INSISTA,
NÃO DESISTA

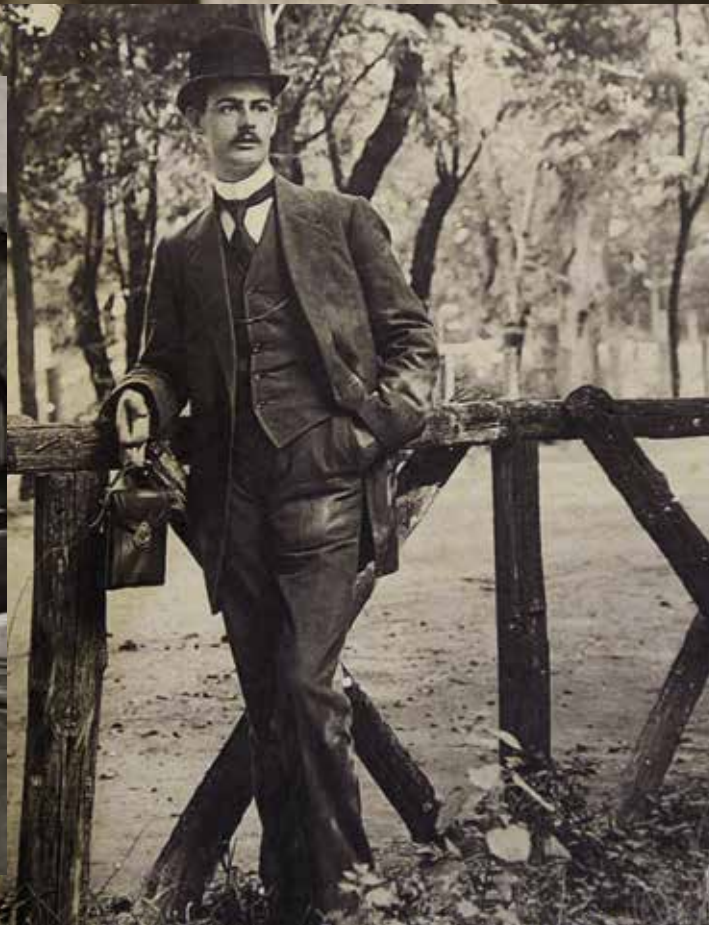
O título reproduz o mote e a inscrição de uma vida pautada em cor, a cor do silêncio!

Descobrir Conrado Wessel!

Este é o propósito de dois projetos que a Fundação, que leva seu nome e que ele criou, pôs em marcha, visando a contribuir para tirar do quase anonimato uma figura especial e comum, simples e complexa, tímida e incisiva na história da indústria cultural paulista e da inserção da fotografia nessa história e da história da fotografia em São Paulo e no país.

Nesse sentido, a Fundação Conrado Wessel teve a ideia e a iniciativa de produzir um livro, uma fotobiografia, e um documentário sobre a personagem.

Combinamos, então, com o professor Rubens Fernandes a realização do livro e com o cineasta Ugo Giorgetti, a do filme.



INSISTA, NÃO DESISTA

UMA FOTOBIOGRAFIA
DE CONRADO WESSEL

UMA FOTOBIOGRAFIA
DE CONRADO WESSEL

INSISTA, NÃO DESISTA

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO
INSISTA, NÃO DESISTA – CARLOS VOGT
_7

O ENIGMA CONRADO WESSEL
_13

UMA BREVE HISTÓRIA FAMILIAR
_33

O JOVEM CONRADO WESSEL
_53

VIENA – A VIAGEM
_65

RETORNO A SÃO PAULO – A INSTALAÇÃO DA FÁBRICA
_81

REVOLUÇÃO DE 1924
O FOTÓGRAFO LAMBE-LAMBE
E A PRODUÇÃO WESSEL
_99

WESSEL – A FOTÓPTICA E OS FOTÓGRAFOS
_115

WESSEL E A KODAK
_131

1974 – BORIS KOSSOY ENTREVISTA CONRADO WESSEL
_151

O TESTAMENTO E A FUNDAÇÃO CONRADO WESSEL
_163

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
_172



INSISTA, — NÃO DESISTA

O título reproduz o mote e a inscrição de uma vida pausada em cor, a cor do silêncio!

Descobrir Conrado Wessel!

Este é o propósito de dois projetos que a Fundação, que leva seu nome e que ele criou, pôs em marcha, visando a contribuir para tirar do quase anonimato uma figura especial e comum, simples e complexa, tímida e incisiva na história da indústria cultural paulista e da inserção da fotografia nessa história e da história da fotografia em São Paulo e no país.

Nesse sentido, a Fundação Conrado Wessel teve a ideia e a iniciativa de produzir um livro, uma fotobiografia, e um documentário sobre a personagem.

Combinamos, então, com o professor Rubens Fernandes a realização do livro e com o cineasta Ugo Giorgetti, a do filme.

Escolhas boas, justas e adequadas. Mais do que isso, pertinentes ao propósito de romper o véu de invisibilidade envolvendo Wessel e transformá-lo, o quanto possível, no “manto diáfano da fantasia”, que Eça de Queirós põe como epígrafe de seu livro *A relíquia*, publicado em 1887, com ele cobrindo, desde o início do romance, “a nudez forte da verdade”.

No caso de Wessel, a realidade de sua vida e de sua trajetória é feita, para quem quiser contá-la, de indicações, de sinais, de silêncios, de marcações do percurso que apontam para possíveis destinos, para a probabilidade de destinações.

É uma vida a ser buscada, a ser perseguida com a paciente esperança de que, não havendo revelações, nem surpresas, é preciso surpreendê-la em seu passado revelado: o quanto ele inscreve, numa história pessoal, uma narrativa nem épica, nem dramática, feita, contudo, como fotogramas, como fotos sucedidas em série, a revelar a tranquilidade das tardes na casa da rua Lopes de Oliveira, e, nela, a persistência tranquila do inventor, empreendedor, do químico, do mecenas Conrado Wessel.

Neste livro e neste documentário, o leitor e o espectador poderão acompanhar o menino que chega a São Paulo, vindo da Argentina com os pais, o jovem que vai a Viena para estudar e que, no regresso, acompanha o pai em iniciativas de negócios, sempre envolvendo a fotografia, o inventor e criador do papel Jardim para revelação, a interdição das comunicações entre São Paulo e Rio de Janeiro na revolução de 1924, que favorece a adoção de seu papel pelos lambe-lambes e pelos estúdios de fotografia, a parceria com a Kodak e depois, já em 1954, a compra pela empresa americana e o desgosto por ver seu nome excluído da marca Kodak-Wessel.

Depois de um intervalo ainda mais silencioso, que se estende aos anos 1970, quando, pelo trabalho de Boris Kossoy, em mais de uma frente, Conrado Wessel tem seu nome reconhecido e repetido não só como fundador da Fábrica Privilegiada de Papéis Photographicos, dono da patente do papel fotográfico Jardim, mas como pioneiro da indústria fotográfica no Brasil.

Pelo trabalho de Boris Kossoy, Wessel é levado às páginas do Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*, à

Folha da Tarde e à revista *Fotóptica*, na qual, em entrevista, já com 89 anos, anota, orgulhoso, ter sido “o primeiro químico brasileiro que ousou colocar seus produtos nas prateleiras das lojas e ao lado de nomes como Kodak, Agfa, Gevaert”.

Amigo e colaborador de Desiderio Farkas e depois de seu filho, Thomaz, Wessel, nos anos 1980 já tinha consolidada, de há muito, a sua situação financeira e o seu patrimônio formado por inúmeras propriedades nos bairros Campos Elíseos, Barra Funda, Santa Cecília e Higienópolis.

Na década de 1980, logo em seu primeiro ano, dá-se a morte de sua companheira de longo tempo, Erna Frida Densau, de origem alemã, que veio dos Estados Unidos, onde vivia, para o Brasil.

Também nessa década, Wessel cogita criar uma instituição a quem deixar, em testamento, os seus bens. No dia 11 de maio de 1988 é lavrada a Escritura de Testamento de Ubaldo Conrado Augusto Wessel, então com 97 anos.

Nela, ele determina a criação da Fundação e estabelece as diretrizes e as linhas de ação de suas atividades: beneficiar um conjunto de entidades benemerentes e apoiar a arte da fotografia, a ciência e a cultura, destinando-lhes, regularmente, incentivos financeiros através do Prêmio FCW.

Wessel morreu em 1993, com 102 anos de idade. Em 1995, foi instalada a Fundação Conrado Wessel, por resolução do Ministério Público. Em 2003, deu-se início às ações institucionais de sua vontade testamentada.

Por um período de 5 anos houve suspensão das mesmas, felizmente retomadas, em 2022, e que agora seguem.

No ano passado, a FCW publicou o livro *Coragem – Erney Plessmann de Camargo e o desafio de fazer ciência no Brasil*, homenageando o amigo e diretor-presidente que nos deixou e, para nós, deixou também, além

da saudade, a responsabilidade de continuar cumprindo as finalidades maiores da Fundação, conforme vontade expressa de seu fundador.

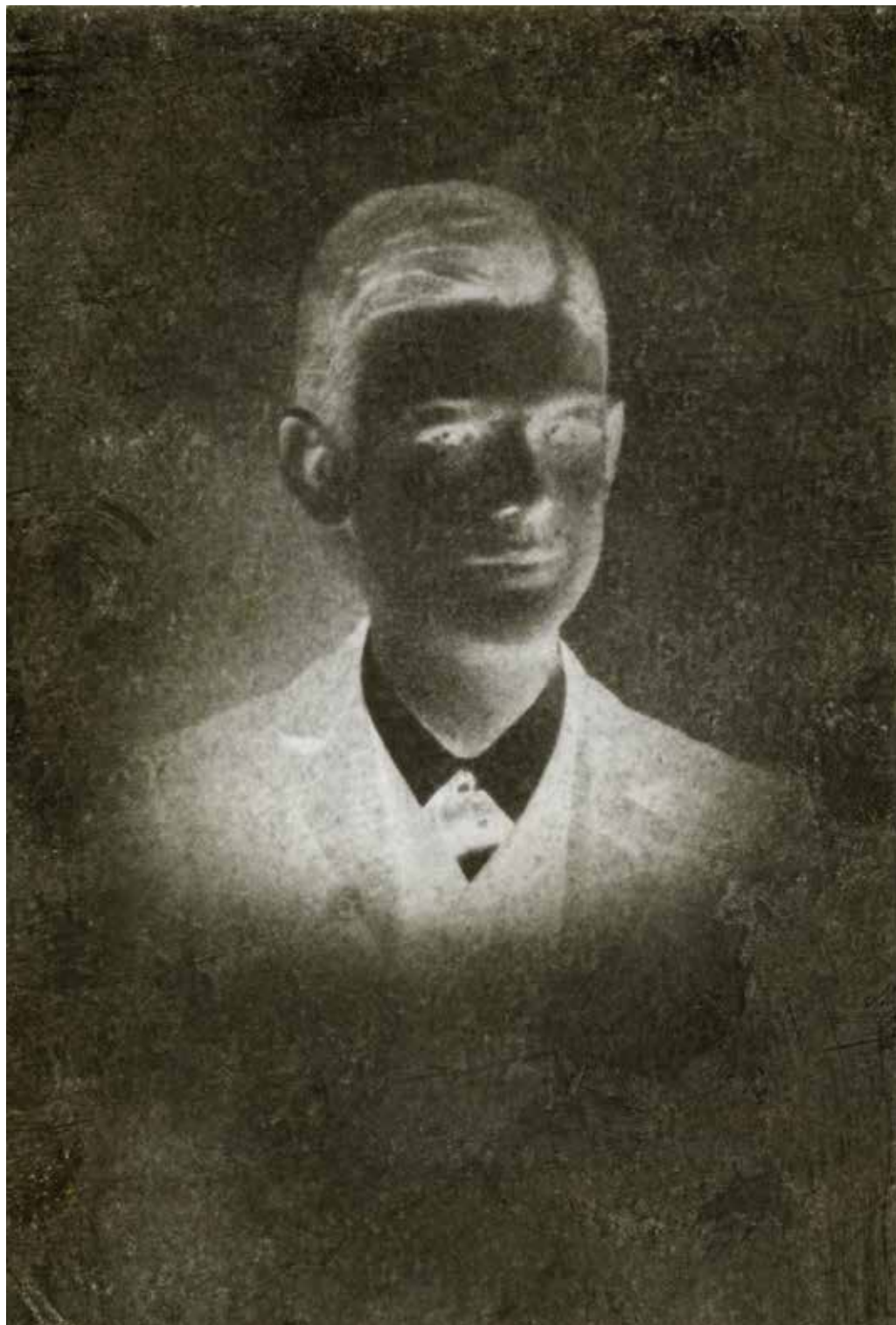
Também no ano de 2023 deixou-nos o professor José Caricatti que, desde 2003, comandou a concessão do prêmio e o sucesso de sua edição até 2016.

A eles, este livro de Rubens Fernandes e o documentário de Ugo Giorgetti são dedicados, como dedicado foi Conrado Wessel à sua discreta e fundamental importância na história da fotografia em São Paulo e na exemplaridade de sua história pessoal e institucional para o Brasil.

CARLOS VOGT

Diretor-Presidente da Fundação Conrado Wessel





O ENIGMA — CONRADO WESSEL

Afinal, o que sabemos sobre a vida e a obra de Conrado Wessel?

Empresário bem-sucedido, químico industrial, fotógrafo premiado pela Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, cineasta e inventor. Um homem recatado, de muitas facetas, que pouco conhecemos, justamente porque preferiu a privacidade a partir de 1954, após vender a operação do seu negócio – a produção de papel fotográfico – para a maior empresa multinacional do mercado: a Kodak.

Conrado Wessel (1891-1993) talvez seja a figura mais enigmática da fotografia e da ciência brasileira. Mais recentemente, seu nome foi vinculado aos prêmios nas áreas de arte, ciência e cultura, mas sua trajetória ainda permanece desconhecida. Homem tímido, calado, muito inteligente, cujo maior prazer no início de sua trajetória era ativar suas ideias e realizar suas ricas experiências nos laboratórios da Escola de Viena e da Escola Politécnica de São Paulo.

Por isso mesmo, torna-se oportuna esta fotobiografia. Um conjunto de imagens e dados que circunscreve seu percurso ao longo de mais de 80 anos na cena científica e cultural do país.

Nascido em Buenos Aires, sua família, de origem alemã, emigrou para o Brasil no final do século XIX, antes do seu primeiro ano de idade. São Paulo foi a cidade em que cresceu, se educou e empreendeu. Parte da sua história está narrada neste livro através de fotografias selecionadas em seus álbuns familiares e de seus textos, escritos quando sua idade avançada ainda permitia registrar as lembranças e as memórias das suas peripécias, tanto nas experiências científicas quanto nos percalços da sua aventura para instalar uma indústria química fotográfica nacional.

Uma outra parte permanece na zona cinzenta. Seus registros não dão conta de toda sua vida centenária. Mesmo assim, o desafio foi alinhar seus textos, que relatam sua infância na cidade de São Paulo na primeira década do século XX, seus estudos em Viena e na Escola Politécnica, e as dificuldades para comprovar suas pesquisas e instalar uma fábrica de papel fotográfico no país. Nada fácil para Wessel, um homem reservado, simples, imbuído de uma personalidade introvertida e pouco carismático.

Ao tentarmos verificar sua participação na cena cultural e científica da cidade de São Paulo, nada encontramos. Não frequentava os círculos restritos da ciência, nem as associações de arte e cultura. Nas páginas dos jornais da primeira metade do século XX quase não aparece como inventor, nem como fotógrafo, nem como um industrial bem-sucedido. Sua privacidade era tamanha que raramente encontramos seu nome associado a qualquer manifestação minimamente midiática.

Em seus arquivos, não há informações em relação à sua participação nas exposições de arte, nas óperas e nos concertos sinfônicos, seja na cidade que o acolheu, seja nas raras viagens internacionais. Vivenciou a movimentada Semana de Arte Moderna de 1922, mas não encontramos qualquer vestígio ou citação de sua eventual presença. Afinal, era natural a conexão entre fotografia

e modernidade e, naquele momento, Wessel tinha acabado de receber a patente do papel fotográfico do presidente da República Epitácio Pessoa. Mas, o curioso é que conseguimos encontrar uma imagem de alguns dos participantes da Semana numa fotografia lambe-lambe feita no Jardim da Luz, datada de 1925, onde se lê no verso “Wessel”, a marca do papel que ele produzia e distribuía. Qual seria a causa dessa total desconexão?

Por outro lado, quando olhamos para as revistas de fotografia, particularmente as publicadas na segunda metade da década de 1920, nos deparamos com seus artigos técnicos e anúncios de seu papel fotográfico. Sem dúvida, a revista segmentada era o espaço mais apropriado e no momento certo para propagar sua marca. Também veiculava seu produto nas publicações das casas fotográficas mais prestigiosas, em particular a Loja Fotóptica e Casa Stolze¹, a mais antiga da cidade, fundada em 1874.

Em 1922, na Exposição do Centenário da Independência, realizada no Rio de Janeiro, no pavilhão de São Paulo, foi exibido, entre outras fotografias, o panorama de Valério Vieira, recorde mundial da fotografia. Um texto publicado num folheto de 12 páginas, de autoria não identificada, informa que Valério Vieira “montou, em sua própria residência, um pequeno laboratório químico onde estudou, durante cerca de três meses, a fórmula da emulsão sensível, cujo segredo de fabricação não é divulgado senão em linhas gerais muito obscuras, aí conseguiu finalmente, com o auxílio do sr. Conrado Wessel, obter a emulsão, ao mesmo tempo que estudava um processo mecânico para distribuí-la sobre o papel. (...) A revelagem da fotografia uma vez impressa foi uma das grandes dificuldades a vencer. Dado o comprimento do papel, exigia o emprego de enormes bacias e o dispên-

¹ Casa Stolze fundada em 1874 por Werner Otto Stück e Carlos Henrique Stolze.



Os modernistas no Jardim da Luz, 1925 – Maria Carolina Silva Telles, segurando um exemplar do *manifesto Pau-Brasil*, Clóvis Camargo, Tarsila do Amaral, Olívia Guedes Penteado, Oswald de Andrade e Maria Penteado Camargo.

Reunião festiva na casa de Conrado Wessel, com sua mãe Nicolina e amigos.



Conrado Wessel na fantasia cenográfica do lambe-lambe, em 1934; com Frida Densau, 1934; e Frida com amiga na Praia do Guarujá, em 1929.



dio de centenas de litros de banhos, feitos com drogas caríssimas. Este trabalho foi executado no espaçoso porão de um dos cinemas da capital, com o auxílio de cerca de 40 pessoas e durante uma noite inteira”.²

E lá estava Conrado Wessel colaborando tecnicamente, criando emulsões e banhos químicos, para solucionar os problemas apresentados ao longo do processo de produção do panorama de Valério Vieira. Essa colaboração Valério Vieira e Conrado Wessel é um certificado de que nosso biografado estava sintonizado com um dos fotógrafos mais interessantes e criativos daquele momento em termos de investigação e produção de linguagem. Valério foi premiado com a medalha de ouro na exposição de St. Louis, nos Estados Unidos, em 1904, com a fotografia denominada “Os trinta Valérios”. Uma rica fotomontagem centrada em autorretratos do fotógrafo mais inventivo das primeiras décadas do século XX.

Esse paradoxo, sucesso comercial e invisibilidade cultural, constitui um enigma indecifrável até o momento.

Apesar de participar, não existe uma ação propositiva de sua parte nas associações de classe ou nos sindicatos patronais. Sua discreta trajetória está associada à sua educação familiar, de imigrante que buscava alguma independência financeira, sem maiores conexões com a vida cotidiana, exceto o trabalho árduo, geração de empregos e a contribuição à economia do país.

É incrível! Após um percurso vitorioso, sua participação sociocultural se dá por vias não convencionais. Em seu testamento, parte de seus recursos foi destinado à Associação Benjamin Constant, colégio de origem alemã, na Vila Mariana, onde realizou seus primeiros estudos, à instituição Corpo de Bombeiros da Polícia Militar do Estado de São Paulo, sonho de toda criança ao pensar

² Folheto sem autoria “O record mundial da photographia”, panorama da cidade de São Paulo medindo 16 metros de comprimento em um só papel. Impresso nas Oficinas Graphics Monteiro Lobato, 1922.

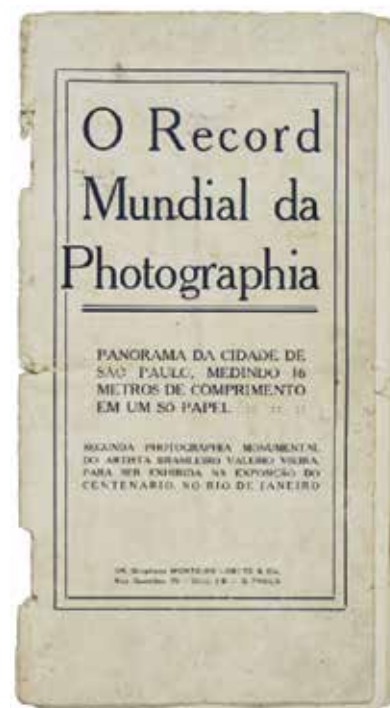
numa eventual profissão, à Fundação Antonio Prudente, às Aldeias Infantis SOS Brasil, ao Serviço de Promoção Social do Exército de Salvação e à alguma instituição escolhida pela diretoria da Fundação Conrado Wessel, que privilegie a educação de crianças carentes e desamparadas. Uma atitude coerente para um homem humilde e vitorioso, que evitava o protagonismo e a visibilidade.

Dotado de uma capacidade científica singular e de uma intuição incomum, sempre buscou uma vida modesta, sem grandes luxos, mesmo quando a situação financeira já estava bastante confortável. Ao tomar conhecimento de seus arquivos, nos deparamos com cadernos e anotações em que realizava um controle rígido dos seus investimentos, fruto dos aluguéis das dezenas de imóveis que adquiriu ao longo da vida.

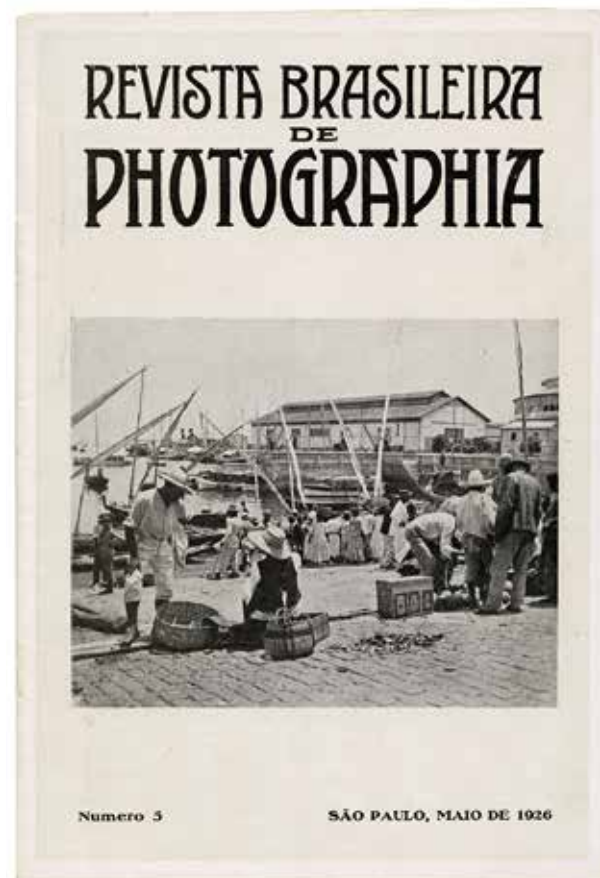
Tudo era feito na ponta do lápis. Sua vida não era perdulária. Com recursos suficientes para viajar, conhecer o mundo e ampliar seu repertório cultural, preferiu seguir, com Frida Densau³, sua companheira de muitas décadas, na rua Lopes de Oliveira, uma residência simples e sem luxos. Talvez seu comportamento seja uma questão geracional, de imigrante que chegou com recursos controlados, que buscava alguma tranquilidade e segurança financeira.

Sua paixão sempre foi a fotografia. Encontramos vários textos de sua autoria em que relata cronologicamente a invenção da fotografia e dos processos químicos. Suas pesquisas em torno da química fotográfica se concentravam no suporte – a emulsão e o papel. Afinal, se a emulsão tivesse qualidade e fosse processada de acordo com as orientações do fabricante, a imagem ali impressa garantiria a existência dos retratados para as futuras gerações.

³ Erna Frida Densau (1893–1981), alemã, viveu alguns anos nos Estados Unidos, onde se casou e se divorciou, vindo depois para São Paulo. Viveu com Conrado Wessel mais de 40 anos.



Folheto sobre o panorama de Valério Vieira, publicado pelas Oficinas Graphicas Monteiro Lobato; *Revista Brasileira de Photographia*, de 1926, onde Conrado Wessel publicou textos técnicos resultantes de suas pesquisas.



18
REVISTA BRASILEIRA DE PHOTOGRAPHIA

Viragens pelos sães de cobalto

C. WESSEL

Nestas linhas faço uma rapida adaptação de um trabalho sobre viragens com saes de cobalto, de autoria do Dr. Strauss de Berlim. Este processo desvia-se em parte da maioria das outras formulas, pois que numa unica solução as copias ao Brometo ou chloro-Brometo passam de preto para violeta até vermelho. Esta viragem tambem pode ser applicada a copias á luz do dia, com excepção dos papeis Celloidina. As copias viradas por este processo teem a vantagem, conforme cita o autor, de resistirem á acção da luz e do ar sem alterar os tons e conservarem os brancos puros. Estas qualidades a maior parte das outras formulas á base de metaes não possuem. As copias para este processo não devem ser reveladas a fundo, pois que esta formula tem tendencia a reforçar um pouco as provas. Durante a manipulação é conveniente mover-se constantemente a cuba, assim as côres tornam-se mais vivas. Para obter-se os tons violeta até vermelho, preparam-se quatro soluções concentradas como segue:

I Sulfato de cobalto	10 gr.
Agua	100 c. c.
II Ferricyaneto de potassio (vermelho)	20 gr.
Agua	100 c. c.
III Citrato de potassa	10 gr.
Agua	100 c. c.
IV Citrato de ammonio	20 gr.
Agua	100 c. c.
V Acido citrico	10 gr.
Agua	100 c. c.

Tons violeta obtem-se com a seguinte proporção dos seguintes numeros:

Agua	80 c. c.
Sol I	2 c. c.
Sol III	15 c. c.
Sol IV	0,5 á 1 c. c.
Sol II	0,8 c. c. ou 16 gottas.

Nesta solução as copias permanecem 10 a 15 minutos, tendo-se a cuba sempre em movimento. Depois das copias terem virado, lava-se durante 5 minutos em agua corrente. Caso a coloração volte um pouco, será necessario passar novamente no banho de viragem durante 5 minutos. Acidos conservam os brancos e activam a coloração violacea.

Tons vermelhos obtem-se com a formula seguinte:

Agua	75 c. c.
Sol I	2 c. c.
Sol IV	12 c. c.
Sol II	0,8 c. c. ou 16 gottas.

Procede-se da mesma forma como indicado na formula anterior. Esta quantidade de banho dá para virar 3 a 4 13 x 18.

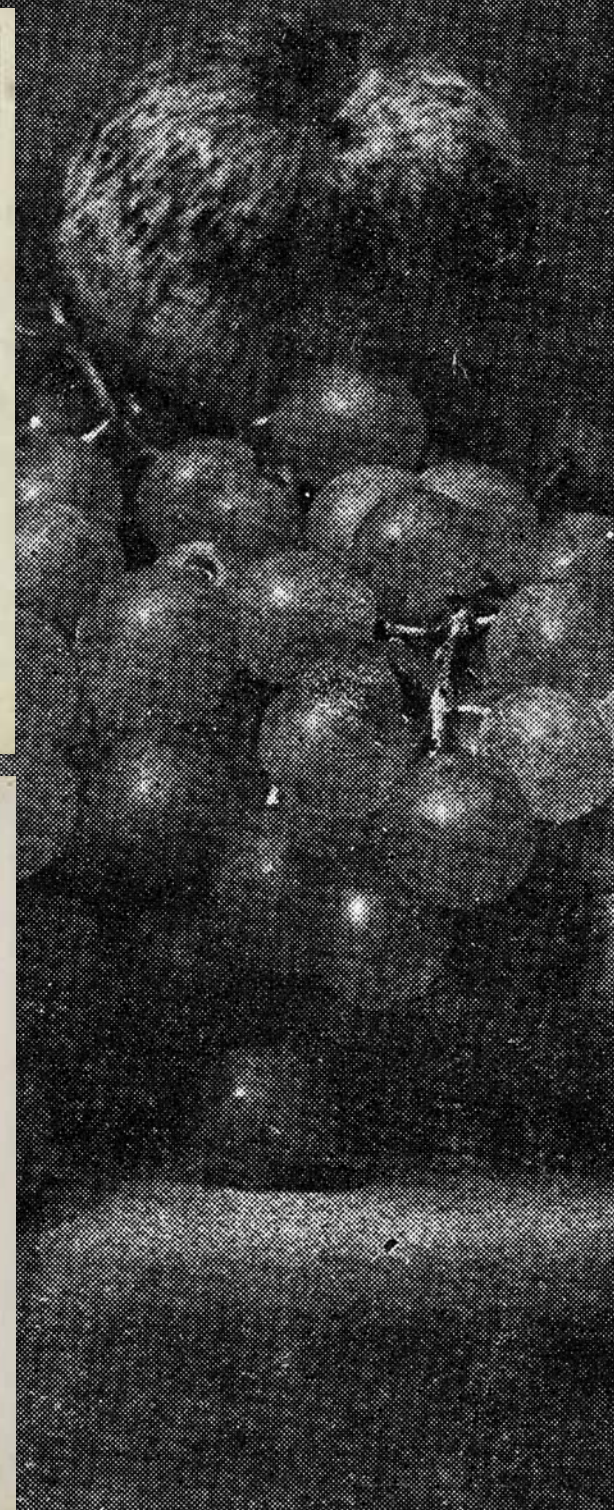
Para a boa conservação das copias é necessario pással-as numa solução oxydante que se compõe do seguinte:

Agua	100 c. c.
Acido chromico á 5 %	2 c. c.
Acido chlorhydrico conc.	10 gottas.

As copias viradas e lavadas permanecem nesta solução 30 a 60 segundos. Neste banho as copias adquirem facilmente um tom vermelho ferrugem. Sulfureto de sodio em concentração apropriada precipita em forma de sulfureto de cobalto (marron).

Querendo-se um tom sepia, passam-se as copias depois de viradas e lavadas numa solução de: Sulfureto de sodio 10 gr. e juntar tanta agua até prefazer 25 c. c.

1 gr. de Sulfito de sodio secco augmenta a conservação da solução de sulfureto. Para o uso toma-se 10 á 20 gottas desta solução em 100 c. c. de agua. Deixa-se as copias durante 30 á 60 segundos depois lava-se durante 10 á 15 minutos em agua corrente. Tons mais escuros obtem-se augmentando a dose de solução de sulfureto de sodio; em lugar de 20 gottas toma-se 40 a 50 gottas em 100 c. c. de agua.



Philosopho versus Photographo

E' fóra de qualquer duvida que o espirito do homem, sobretudo daquelle cuja vida é absorvida pelo trabalho, necessita de distrações, derivalivos, que, lhe concedendo um verdadeiro descanso, façam com que as suas forças se revigorem e o tornem apto, assim, para continuar esse intenso balalhar — a luta pela vida.

Essas distrações, naturalmente, para que produzam o seu desejado effeito, como é incontestavel, devem ser usadas com a precisa intelligencia e dentro do justo limite em que devam predominar, sem o que passariam a constituir a unica razão de viver, grande absurdo, dando lugar ás mais ruinosas consequências, como sejam certos individuos, que fracassam inteiramente na vida, pela preocupação unica, que têm, de se distrahir, divertir, etc.

Ha distrações innocentes e... não innocentes, a estas, nem por sombra (não pensem os distinctos leitores) pretendo referirme. Entre as primeiras, ao lado do salutar sport, occupa brilhante posição a PHOTOGRAPHIA. Effectivamente, essa manifestação de arte tem encantos mil, que prendem, seduzem, agradam e satisfazem áquelles, que a ella recorrem e della recebem valiosas recompensas.

Havia um certo philosopho, que implicava solennemente com a photographia, a que

cruelmente negava o minimo cunho artistico. Assim, toda a vez que via um individuo com machina photographica, sorria d'uma forma especial e, em seu semblante, se percebia, com nitidez, certa expressão de piedade para com aquelle pobre maluco... photographico. Mudaram-se os tempos e esse philosopho de feliz, que era, passa a ter grandes desgostos e soffrimentos, entre os quaes a morte de sua adorada progenitora.

Certa vez, achando-se o philosopho a descansar, n'um jardim publico, á sombra do arvoredor e com o cerebro exaustor de tanto e tanto pensar, viu, nas proximidades, um individuo, com uma machina photographica, a andar, d'um lado para outro, apanhando trechos aqui, paisagens lá, recantos acolá, n'uma admiravel actividade. Prestando attenção no photographo, que era moço e sadio, leu, em sua physionomia, grande alegria e satisfação. Abi, então, comprehendendo o grande valor da photographia, suspirou e ficou devéras com inveja daquelle feliz amador.

No dia seguinte, logo pela manhã, o nosso philosopho, que, na vespera havia aprendido mais alguma coisa, foi a uma casa de artigos photographicos e adquiriu uma bella machina e varios compendios de photographia.

VASQUES NETTO.



Use os papeis WESSEL

SÃO 5 os typos fabricados:

WESSEL Normal	WESSEL Bromuro
WESSEL Contraste	WESSEL Rapido
WESSEL Osiris	

Estes cinco typos correspondem a todas as exigencias dos trabalhos photographicos

Seus álbuns fotográficos mostram sua trajetória – em Viena, em registros dos fotógrafos lambe-lambes atuantes nos parques da Luz e D. Pedro II, em Poços de Caldas e Caxambu com seus pais, nos encontros de negócios em Rochester, na sede da Kodak nos Estados Unidos, nos passeios com Frida nas praias do Guarujá, nas festas com os amigos, nos retratos formais realizados em alguns dos grandes estúdios da cidade, e com seus cachorros, outra paixão, compartilhada com sua companheira ao longo de toda sua vida. Essas fotografias documentam parte de sua movimentação, seja no mundo dos negócios, seja nos momentos de lazer e turismo.

Seu lema “Insista, não desista” o acompanhou por toda a vida. A perseverança em buscar bons resultados a partir das pesquisas em torno da composição de elementos químicos, foi fundamental para conseguir provar suas ideias inovadoras. A criação de uma emulsão fotoquímica aplicada num papel baritado de qualidade, desafiou a concorrência que não acreditou que um produto nacional, produzido em escala industrial, fosse capaz de desestabilizar o mercado.

Por tudo isso e muito mais é que devemos conhecer melhor a trajetória de Conrado Wessel. Um homem recatado, pesquisador incansável e experiente, que apostou numa ideia e conseguiu marcar o seu nome na história da fotografia brasileira. Seu sonho foi realizado. Aprovada sua invenção, colocou-a em circulação e abalou a estrutura dos concorrentes. Viveu sua vida dentro das lutas do cotidiano, sem jamais deixar-se perturbar com as pressões comerciais, prazos exíguos, concorrência desleal.

Agora, parte de suas fotografias e da sua história, ao se tornarem públicas, serão preservadas e, com certeza, poderão despertar novas pesquisas e abrir outras possibilidades para compreendermos melhor a grandeza e a coragem de Conrado Wessel.

Empreendedor e humanista, Wessel legou seu patrimônio, construído durante décadas, para a Fundação Conrado Wessel e dispôs em testamento atribuir prêmios para arte, ciência e cultura. Graças ao seu talento de inventor, à sua qualidade profissional e ao seu entusiasmo é que hoje podemos manter parcerias com as mais expressivas entidades científicas e com pesquisadores no universo artístico, cultural e científico do país.

O professor José Caricatti, que durante muitos anos esteve à frente das grandes realizações da FCW, destacou: “Algo nos polariza nesse caminho do inventor; é a expressão de um íntimo superior, a visão transcendental de um cidadão humilde e genial, altruísta e inflexível na análise de sua vida, estudioso obcecado, amante da vida, mas consciente de que nada se constrói sem estudo, sem cultivo da inteligência e do espírito, sem obstinação. ‘Nunca se entregue ao desalento! Insista, não desista!’ dizia ele. Somente um espírito superior faz o que Conrado Wessel fez: ao longo da vida reuniu um bom patrimônio selado por um trabalho incessante, para oferecer recursos por meio da Fundação Conrado Wessel à sociedade no incentivo às artes, à ciência e à cultura, além de beneficiar algumas entidades benemerentes”.⁴

⁴ Livro do Prêmio Conrado Wessel, edição de 2004.



Guilherme e Nicolina Wessel, pais de Conrado Wessel, em São Lourenço, no dia 19 de março de 1936, e em Poços de Caldas, no mesmo ano. Ao lado, uma página do álbum familiar.



Secretaria da Justiça e da Segurança Pública do S. Paulo (Brasil)
GABINETE DE IDENTIFICAÇÃO
CARTEIRA DE IDENTIDADE
Outorgada a pedido do Portador nos termos do art. 89
letra A do Decreto n.º 1892 de 23 de Junho de 1910.

S. Paulo (Brasil), 21 de Julho de 1911
Registro Civil N. 9071

Nome **Conrado Wessel**
Idade **20** anos. Nascido a **16** de Fevereiro de **1891**.
Estado civil **Solteiro** Pai **Guilherme Wessel**
Nacionalidade **Argentino**
Natural de **Buenos Ayres**
Profissão **Photographo**
Residência **Rua dos Guayanazes, 139**

Cicatriz de corte na phalangeta do
indicador anterior direito.

Marcas, cicatrizes, etc.

O Secretário da Justiça e da Segurança Pública:
Francisco de Paula
O chefe do Gabinete de Identificação:
Luiz de Almeida
Assignação do portador:
Conrado Wessel

Retrato tirado em 21 de Julho de 1911.
Molho
Anelar
Médio
Anelar
Médio
Pulgar

Impressão dos dedos da mão direita
Impressão dos dedos da mão esquerda

Relações Criminaes, etc.
Cullos **Branca**
Cabellos **Castanhos**
Barba **Feita**
Bigodes **Buço castanho
claro**
Olhos **Verdes**

Fórmula dactyloscópica
SERIE E-4444
SECÇÃO I-4244.

RESERVADO PARA O VISTO CONSULAR
em Genova aos 26 de Agosto de 1911
2.000
Rodrigues Martins
Rodrigues Martins, outb. 5.66.11.
Rodrigues Martins

Carilho consular
em Genova aos 26 de Agosto de 1911
2.000
Rodrigues Martins
Rodrigues Martins, outb. 5.66.11.
Rodrigues Martins

Documento de identidade e
carteira de sócio do Automóvel
Club Piratininga; participação
no I Congresso Nacional da
Associação de Produtores de
Material Ótico, Fotográfico e
Cinematográfico, em 1952.





Os carros: sinônimo de evolução patrimonial e liberdade de deslocamento, década de 1930.



UMA BREVE HISTÓRIA FAMILIAR

Conrado Wessel tinha como nome de batismo, Ubald Konrad August Wessel. Filho de Guilherme Wessel (1862-1940), nascido em Concepcion do Uruguai, Argentina, e Nicolina Krieger Wessel (1863-1956), nascida em Hamburgo, Alemanha. Conrado nasceu em Buenos Aires, aos 16 de fevereiro de 1891. Chegou ao Brasil no ano seguinte, com menos de um ano de idade com o carinhoso apelido de Tutti.

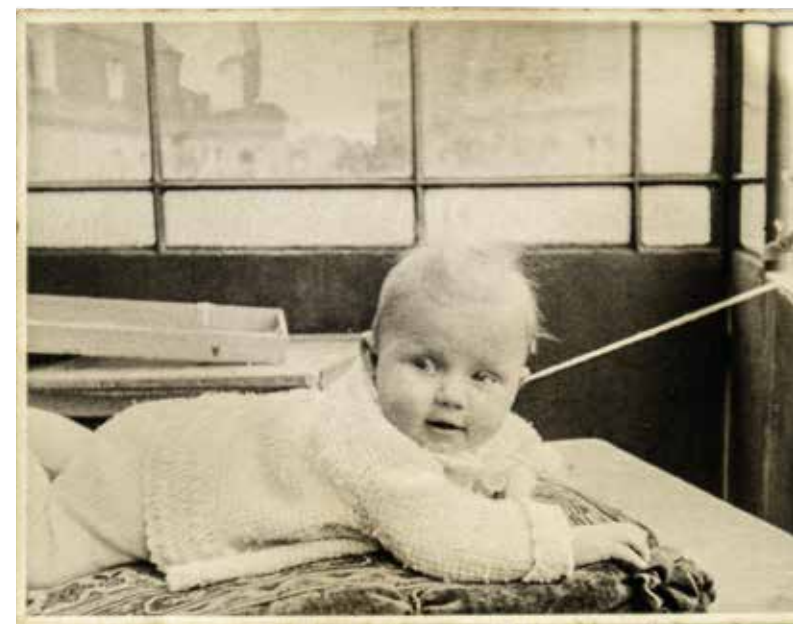
Seu avô paterno, August Wessel (1827-1906), um abastado pecuarista na Argentina, era natural de Hamburgo, onde a família era proprietária de uma das mais tradicionais e renomadas fábricas de chapéus da Europa. August emigrou para a Argentina na segunda metade do século XIX, muito provavelmente no início da década de 1860, já casado com Guilhermina Guiska (1832-1906). Logo ao chegar em Buenos Aires, com seu dote trazido de Hamburgo, adquiriu uma grande estância onde criava gado.

O filho Guilherme estudou matemática e física na Alemanha, onde conheceu sua futura esposa Nicolina, de Hamburgo, também de família abastada. Casou-se com Nicolina em 3 de março de 1887, por procuração, em Buenos Aires. Depois de celebrado o casamento, o casal viajou em lua de mel para Hamburgo, onde tinham amigos e familiares. Em 1892, juntamente com a esposa e seus dois filhos – Georg Walter e Ubald Konrad – emigrou para o Brasil.

Os pais de Conrado Wessel –
Guilherme Wessel e Nicolina
Krieger Wessel – jovens e
recém-casados, na Alemanha.



Conrado Wessel bebê e o meni-
no Conrado em dois diferentes
retratos de um mesmo dia.



Nicolina Wessel e os filhos Walter e Conrado, em 9 de julho de 1903, todos fotografados no estúdio do velho amigo da família, o italiano Vincenzo Pastore.



Walter e Conrado fazendo pose para o fotógrafo alemão Ricardo Mollenhauer, que mantinha seu estúdio na rua Aurora, 30, atuante entre 1897 e 1913.



Retratos de estúdio de
Nicolina Krieger Wessel
e Guilherme Wessel.



Os pais de Conrado Wessel
em viagem a Hamburgo,
Alemanha, em 1910, e ao
lado os jovens irmãos Walter
e Conrado.



Primeiramente se instalaram na cidade de Sorocaba, preferida por alguns imigrantes pelo fato de ser um polo de desenvolvimento agrícola da cultura do café. Ficaram por pouco tempo e, em seguida, mudaram-se para São Paulo, ocasião em que Guilherme recebeu um convite para lecionar física e matemática no Seminário Episcopal, no bairro da Luz.

Por motivos ainda desconhecidos, Guilherme Wessel, apaixonado pela fotografia, se aventurou comercialmente nessa área. Em 1900, em sociedade com Carlos Nader, abriu um estabelecimento dedicado à comercialização de produtos fotográficos e laboratórios químicos, localizado à rua São Bento, 41-A, no centro da capital, região que já reunia algumas casas especializadas em fotografia.

O jornal *Correio Paulistano* publicou no dia 5 de janeiro de 1900 um pequeno anúncio que participava “aos photographos e amadores da fotografia” a abertura da loja e também oferecia aos amadores “explicações e lições práticas da arte photographica – gratuitamente – na mesma casa, onde há também à disposição de seus frequentes um quarto escuro, do qual poderão se utilizar também gratuitamente”.¹

Outro anúncio, desta vez publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*², trazia os seguintes dados: “À Praça – Comunicamos a esta praça e às demais, que organizamos nesta data, uma sociedade sob a razão social de Guilherme Wessel & Comp., à rua S. Bento 41-A, para importação e artigos para fotografia e fabricação de cartões, sendo solidário o sócio Guilherme Wessel e mandatário o sócio Carlos Nader.”

De acordo com outro anúncio, publicado mais tarde na revista *Ilustração Brasileira*³, de São Paulo, de março de 1905, Guilherme Wessel era “o único representante da

¹Anúncio no jornal *Correio Paulistano*, 5 de janeiro de 1900.

²Jornal *O Estado de S. Paulo*, 3 de janeiro de 1900.

³Revista *Ilustração Brasileira*, 1905.

fábrica de anilina no Brasil” e seu estabelecimento era a casa importadora “de todos os artigos para fotografia e aparelhos para eletricidade”. Também se anunciava como “fabricante de cartões e passpartouts de todos os tamanhos e gostos” e mantinha um “depósito permanente de todas as drogas para fotografias e das célebres objetivas da Zeiss e Göerz”. Nessa época, diante de tantas novidades tecnológicas, as casas fotográficas também incorporavam em suas atividades o fornecimento de outros produtos, aparentemente díspares. O novo endereço da loja, ainda segundo o anúncio, era na rua Direita, 20.

Guilherme Wessel, desde o início, assumiu-se como fotógrafo atuante, além de se tornar um reconhecido comerciante de produtos fotográficos. Com alguma certeza, sua atuação profissional e a abertura da casa fotográfica própria influenciaram as futuras decisões dos então filhos adolescentes Walter e Conrado que se encantaram com as possibilidades “mágicas” do quarto escuro e da fotografia, bem como da reprodutibilidade técnica através da clichéria.

Desde os primeiros anos do estabelecimento comercial de produtos fotográficos, Guilherme contou com a participação dos filhos Walter e Conrado. O primeiro ficava mais próximo das questões administrativas e financeiras, enquanto Conrado, avesso a qualquer burocracia, preferia as imprevisíveis aventuras do laboratório fotográfico e as possíveis experiências químicas a fim de resolver eventuais problemas no processamento dos materiais sensíveis.

Em 5 de julho de 1904, Guilherme Wessel, para incrementar sua atividade comercial, instituiu talvez um dos primeiros concursos de fotografia para uma exposição de “Amadores”, pelo qual, “o trabalho mais bello em 1° e 2° lugar será reproduzido e publicado com o nome do auctor n’um dos jornaes artísticos d’esta praça e do Rio de Janeiro”.⁴

⁴Release de divulgação assinado por Guilherme Wessel.

GUILHERME WESSEL
UNICO REPRESENTANTE DA FABRICA DE ANILINA NO BRAZIL

CASA IMPORTADORA
de todos os artigos para photographia
e aparelhos para electricidade
Fabrica de cartões e passepartouts
de todos os tamanhos e gostos
Deposito permanente de todas as drogas
para photographia
e dos celebres objectivos de Zeiss e Querz

20, RUA DIREITA * S. PAULO * RUA DIREITA, 20
CAIXA POSTAL N. 541

GUILHERME WESSEL
PHOTOGRAPHO DA
SECRETARIA DA AGRICULTURA
— E —
REPARTIÇÕES ANNEXAS
RUA DOS GUAYANAZES N. 139
S. PAULO

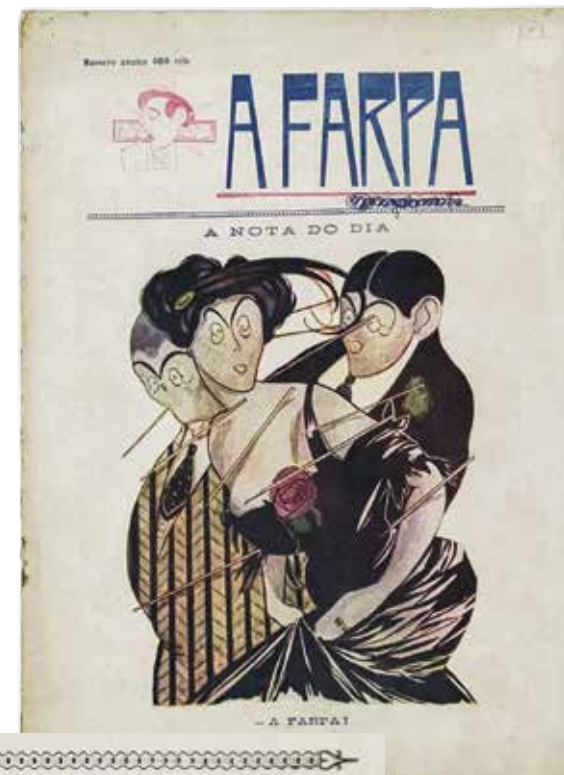
Pequenos anúncios da Casa
Fotográfica Guilherme Wessel
e uma câmera com a adição
da placa do seu estabeleci-
mento comercial.



Aos Photographos
e
Amadores da photographia
Guilherme Wessel & Comp.

Participem que sabem do valor á para de S. Paulo de
S. Paulo, uma capital, um estabelecimento commercial de todos
os artigos, os mais modernos e aperfeiçoados, convenientes á
tudo o que se refere á photographia, desde osapparellhos e
apparellhos para se fazerem por seosapparellhos hactores
tudo quanto possam precisar, para a montagem de um bom
LABORATORIO PHOTOGRAPHICO, hactores para en-
tender a grande e variada variedade de machinas de labor-
atorio, hactores a seosapparellhos, chapas de Kallotype e
Kallotypes e outros, hactores de diversos hactores,
convenientes para publicações, chapas, papéis, cartões, passe-
partouts e tudo mais que for desejado para, mais raras de se
acharem machinas, e mais raras de se acharem, tanto para se
acharem como para se acharem.

Assim, hactores, hactores hactores hactores e hactores hactores
da arte photographica — GRATUITAMENTE — na mesma
casa, onde ha tambem á disposicao de seus hactores um
quarto hactores, de qual hactores se utilizar tambem — GRA-
TUITAMENTE.



A FARPA
Semanario illustrado de literatura, arte, humorismo e
actualidades
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DIREITA N. 2, (Casa Tieté) — CAIXA POSTAL N. 817

Assignaturas
Anno. . 18\$000 Semestre. . 10\$000 Numero avulso. . \$400

<i>Proprietarios</i>	<i>Gerente</i>
Mario de Sampaio Ferraz	Lauro Marques da Veiga
Manoel de Queirós Aranha	Auxiliar—Aristides Pacheco
<i>Director literario</i>	<i>Photographos</i>
Simões Pinto	Haraldo Egydio
<i>Director artistico</i>	Conrado Wessel
Octavio Pupo Nogueira	Sylvio Freire

Conrado Wessel foi fotógrafo
de várias revistas paulistanas,
entre elas *A Farpa*, de 1910, com
seu nome no expediente da pu-
blicação. Também encontramos
inúmeras outras revistas com
fotografias impressas, assinala-
das como Clichê Wessel.



Conrado Wessel era muito próximo de seus pais, que o incentivaram em sua jornada e acompanharam passo a passo toda sua trajetória profissional.

Em diferentes momentos, nos deparamos com Conrado Wessel ao lado de seus pais, com quem mantinha boas relações afetivas e, em outras ocasiões, os fotografava em seus passeios pelos parques da cidade de São Paulo.





Nicolina Wessel demonstrava, em muitos momentos, a afeição especial pelo seu único filho Conrado Wessel.



Conrado registrou em seus esparsos devaneios memorialísticos que “já quando menino, tinha tendência em querer saber como as coisas eram feitas, por exemplo, queria saber porque a fotografia em parte era executada no escuro, porque a chapa fotográfica, mesmo depois de exposta não apresentava sequer vestígios da imagem fotográfica, somente com o revelador como num passe de mágica, aparece o objeto fotografado em seus menores detalhes”.⁵

Foi essa curiosidade que despertou nele a vontade de pesquisar mais profundamente os processos químicos fotográficos e entender mais sobre os diferentes procedimentos, a fim de obter os melhores resultados. Por outro lado, os estímulos familiares sempre foram respondidos com muito trabalho e dedicação.

Os negócios da família Wessel em São Paulo foram duramente afetados quando, em 26 de dezembro de 1908, o filho mais velho Georg Walter, nascido em 1888, assistente direto do pai nos negócios, faleceu aos 20 anos de idade, vitimado pela febre tifoide. Diante dessa tragédia, Conrado, então com apenas 17 anos, foi convidado pelo pai para assumir novas funções nos negócios e a contragosto tentava buscar alternativas para harmonizar o cotidiano nas relações familiares.

Mas Conrado preferiu não assumir as funções do irmão nos negócios e optou por trabalhar com a fotografia por conta própria. Nesse momento, Guilherme Wessel estava estabelecido com uma nova loja de artigos fotográficos⁶, localizada à rua Líbero Badaró, 48, e já prestava inúmeros serviços de fotografia. Desde 1901, atendia demandas das Secretarias da Fazenda, do Interior e da Justiça de São Paulo e, em 1909, foi nomeado fotógrafo oficial da Secretaria de Agricultura, com a ajuda do amigo H. Prault.

⁵ Arquivo Fundação Conrado Wessel, s. d.

⁶ Ver *Almanak Henault*, 1909.

Um pouco antes, em 1907, tornou-se o fotógrafo oficial do Jockey Club de São Paulo⁷, que inaugurava seu serviço de fotografia de documentação dos páreos. De acordo com o jornal *O Paiz*, de 23 de fevereiro de 1907, “A fim de obter o verdadeiro resultado dos pareos nas chegadas duvidosas, a diretoria da nobre sociedade resolveu entrar em negociações com o hábil artista photographo Sr. Guilherme Wessel, que ficará encarregado de photographar os animaes na ocasião precisa em que atinjam o poste de chegada. (...) Para bem desempenhar a sua missão, o Sr. Wessel usará de uma estendida e custosa machina para grandes instantâneos, última novidade dos célebres fabricantes R. Tuttig & Sohn, de Dresden, há pouco aqui chegada.”

Essa conexão com a tecnologia alemã – lentes Zeiss, Göerz e câmara Sohn, entre outras marcas – é parte da história de Guilherme e Conrado Wessel, seja pela origem familiar, seja pelos estudos e pesquisas que ambos realizaram na Alemanha, seja pela reconhecida qualidade dos equipamentos fotográficos produzidos naquele país.

Em algumas das fotografias publicadas no álbum *Exposition Internationale Urbaine de Lyon 1914 – État de São Paulo – Brésil*, vê-se o carimbo G. Wessel & Sohn, fruto da parceria estabelecida entre Guilherme e o fabricante Sohn. Muito provavelmente, todas as fotografias desse álbum são de autoria de Guilherme Wessel.

Em menos de uma década, a vida do professor Guilherme Wessel foi atravessada por inúmeras mudanças que se sucederam com muita rapidez. Em 1911, ele convenceu Conrado a estudar e aperfeiçoar-se na Europa com a finalidade de trabalharem juntos futuramente num novo projeto: uma clicheria avançada, de qualidade técnica superior àquelas que já prestavam serviços para os jornais e revistas da cidade de São Paulo.

Na década seguinte, um novo capítulo se abre para a família Wessel.

⁷ *Revista da Semana*, 3 de março de 1907.



Como fotógrafo, Guilherme Wessel deixou importantes registros da cidade que o acolheu. O álbum *Exposition Internationale Urbaine de Lyon 1914*, traz alguns documentos fotográficos da cidade de São Paulo, entre eles os registros da Avenida Higienópolis e do Museu Paulista.





O JOVEM CONRADO WESSEL

Nem sempre Conrado Wessel registrou datas em suas anotações. Porém, é fácil constatar em seus textos esparsos, redigidos em diferentes momentos, inúmeras tentativas de registrar suas lembranças de São Paulo, seus estudos em Viena e em São Paulo, seu trabalho e suas experiências. Uma tentativa autobiográfica, jamais concretizada.

A impressão geral, diante da documentação encontrada em seus arquivos, após seu falecimento, denota essa vontade de deixar algum registro a fim de evitar o esquecimento. A própria criação da Fundação Conrado Wessel esboçada ainda no início da década de 1980, é resultado de sua persistência em eternizar-se na história cultural – com os prêmios atribuídos às áreas de ciência, arte e cultura – e também valoriza sua atuação empreendedora no mercado da fotografia no Brasil.

Como exemplo dessa iniciativa autobiográfica, encontramos um texto, datado de 1982, no qual ele descreve suas lembranças e reminiscências sobre o espaço urbano e a geografia da cidade de São Paulo no início do século passado:

Estou com 91 anos, noventa de São Paulo. Alcancei São Paulo quando ainda a cidade era bem paulista. Quando

criança, viajei nos bondinhos puxados a burros que passavam pela rua S. Bento. Eram guiados por um cocheiro com apito na boca anunciando a sua passagem. Como os pobres burros cansados não iam com a presteza que queria o condutor, ele lascava sem dó o chicote com longas tiras que alcançavam os burros atrelados à frente do veículo. Os serviços de luz e de transporte eram de concessão particular, adquiridos posteriormente pela Light que, em seguida, extinguiu os bondes, fechou o depósito dos bondes e vendeu os burros. Construiu a represa em Parnaíba. Mandou vir bondes elétricos – o nome bonde provinha da palavra *bond*. Viajei no primeiro bonde dirigido por um engenheiro da companhia que ensinava as manobras para os futuros motorneiros. Eram abertos, tinham um estribo ao lado, por onde o condutor ia recolhendo as passagens, que custavam 200 réis. Para cada passagem que recebia, puxava um cordão que, com um pequeno toque, indicava o número de passageiros durante as horas em que o cobrador trabalhava. Muitos condutores puderam comprar casa e terrenos, pois faziam sociedade com a Light – três passagens para a companhia e uma para ele.

As lâmpadas eram fracas, tinham o filamento de carvão. As melhores lojas do centro instalavam lâmpadas de arco voltaico. A companhia de gás, que também era inglesa, mudou esse processo depois da descoberta do bico de Auer, que consistia numa espécie de meia que, com a chama do gás, dava uma luz brilhante. Este processo é ainda hoje usado nos lampiões a gasogênio. A companhia de gás fez grande propaganda do novo processo de iluminação e quase todas as casas comerciais adotaram o tal bico de Auer – era mais barato e econômico.

O Viaduto do Chá, deve sua denominação à cultura de chá que se encontrava no Vale do Anhangabaú, nome do córrego que corria pelo vale, hoje canalizado. Logo após a inauguração do viaduto, pagava-se um pedágio de um vintém por pessoa, taxa que posteriormente foi abolida, tornando-se livre a passagem. A rua São Luiz

era a mais fina de São Paulo, verdadeiras chácaras com belíssimos palacetes ornavam aquela região. Ainda há poucos anos lá se encontravam os restos daquela era – o Palácio da Arquidiocese, residência do Cardeal, entre outros. O Viaduto de Santa Efigênia não existia, foi construído pelo engenheiro italiano Julio Micheli.

Na rua Barão de Itapetininga já havia alguns negócios. Me lembro da fábrica de carros dos irmãos Grassi e uma fábrica de macarrão com o nome de Abundanza, e outras pequenas indústrias. A rua 24 de Maio era exclusivamente residencial e me lembro da residência do velho José Maria Lisboa.

Em outro fragmento o velho Conrado Wessel relata suas influências e justifica suas escolhas empreendedoras:

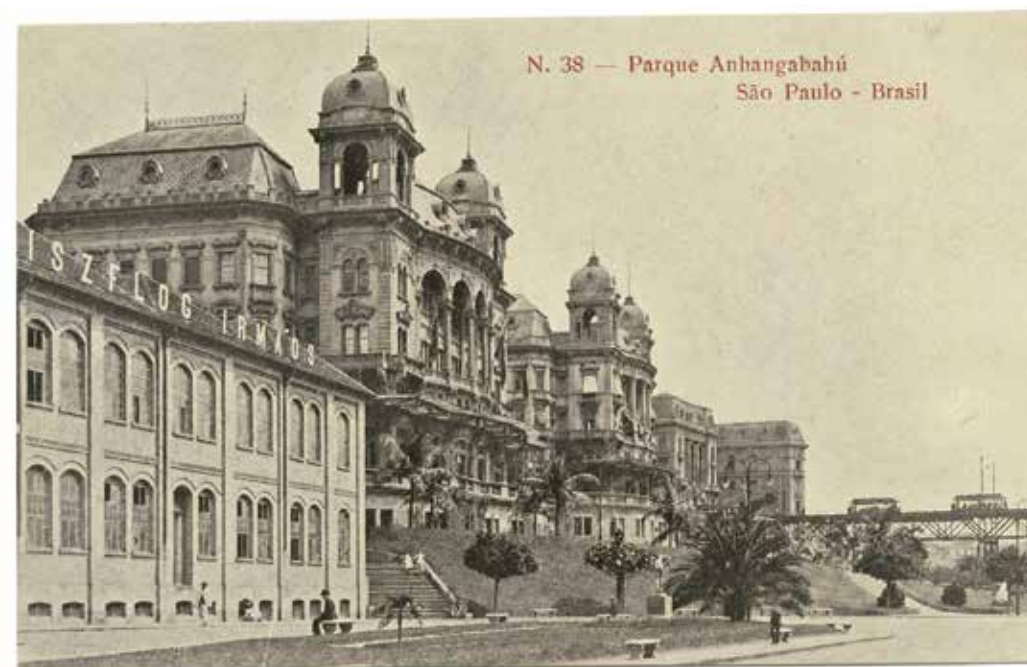
Desde pequeno sentia-me independente. Na escola era considerado pelos professores como indisciplinado e mau discípulo. Eu não podia me conformar com o currículo dos estudos. Abominava decorar versos. Não gostava da aula de religião. No entanto, adorava os feitos dos grandes gênios. Os sábios da Grécia, Alexandre o Grande, pintores da Idade Média e grandes inventores do século vinte. Me fascinavam os automóveis. Tinha grande devoção a Diesel, inventor do motor a explosão. A Santos Dumont coube a glória de voar com o Demoiselle, graças ao motor de explosão de Diesel, cujo peso, em relação aos então motores construídos, era extremamente baixo e de menor tamanho. Gostava muito das aulas de física e química, as reações nas retortas e provetas me fascinavam.

Nas diversas anotações encontradas em seu arquivo, nem sempre datadas, percebemos seu desejo de registrar sua trajetória pessoal e profissional. Mas, a cada texto, datilografado ou em letra cursiva, percebe-se alguma dificuldade, ao tentar estabelecer algum ordenamento cronológico de sua trajetória. Com frequência, ele registra em seus textos situações vivenciadas em diferentes tempos.



Bondinho puxado a burros, uma memória recuperada por Conrado Wessel, aos 91 anos de idade. No seu texto autobiográfico, ele descreve, com algum saudosismo, a cidade de São Paulo nos primeiros anos do século XX.

Os cartões postais recuperam a beleza harmoniosa da cidade e mostram a monumentalidade de algumas das suas principais edificações – o Viaduto do Chá, a Fábrica Melhoramentos, o Automóvel Clube e a Prefeitura Municipal.



Suas impressões memorialísticas buscam dar uma visão geral da cidade que acolheu sua família no início do século XX, sua trajetória com os estudos, a instalação da clichéria e depois da fábrica de papel fotográfico. Encontramos nos diferentes textos, que trazem, às vezes, distintas versões do mesmo fato, um depoimento mais pontual e diretamente associado com o início da sua prática fotográfica e cinematográfica.

Conrado Wessel escreveu:

Vou iniciar a minha biografia após o falecimento do meu irmão Jorge, em 26 de dezembro de 1908 vitimado pela febre tifoide. Naquela época meu pai estava estabelecido na rua Líbero Badaró, 48 com o ramo de artigos fotográficos. Sendo que meu irmão dirigia praticamente a parte comercial da loja, meu pai me perguntou se eu estava disposto a assumir o lugar do meu irmão. Como a situação geral da firma não era das melhores, se bem que nada devesse à praça, as entradas eram pequenas visto que os fregueses eram relapsos, talvez mais do que hoje. Sugeri a meu pai que preferia trabalhar no ramo fotográfico por conta própria, a estar atrás do balcão à espera de fregueses que depois de se abastecerem por longo tempo nos passavam o calote e, em seguida, passavam a comprar nos concorrentes.

Por interferência de um grande amigo nosso, sr. H. Prault, alto funcionário da Secretaria de Agricultura, meu pai foi nomeado fotógrafo oficial da Secretaria. Meu pai encerrou a firma e nos mudamos para a rua dos Guaianases, 139, onde instalamos o laboratório. A parte técnica estava a meu cargo e a comercial meu pai a dirigia. Assim vivíamos modestamente, porém felizes. Nesse mesmo ano de 1908, o diretor da Secretaria resolveu mandar vir da França um cinegrafista da Gaumont, de Paris, para apañhar cenas referentes à cultura do café que deveriam servir para propaganda do nosso café no exterior. Com a chegada do cinegrafista, cujo nome era mr. Colliot, eu, que havia absorvido nos preparatórios conhecimentos

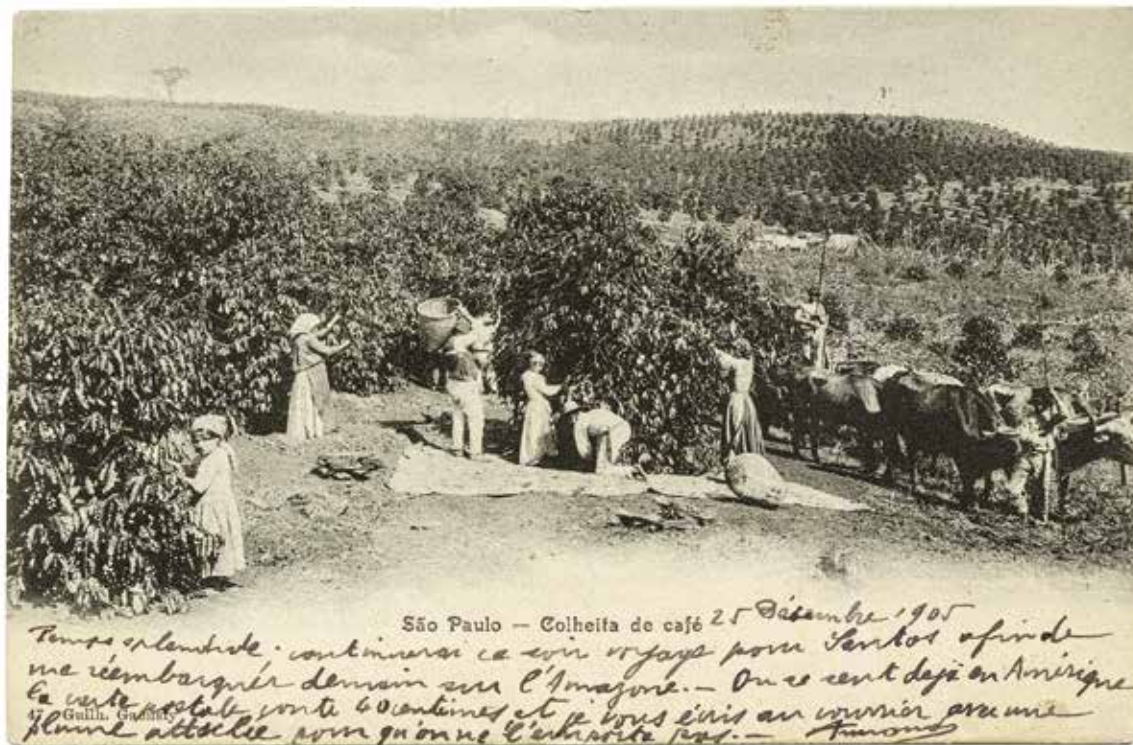
da língua francesa, fui designado seu secretário e ajudante. Durante alguns meses corri inúmeras fazendas ao lado do sr. Colliot. Quando o sr. Colliot retornou à sua pátria me forneceu um atestado firmado como chefe dos estabelecimentos Gaumont, e em papel timbrado da firma, no qual ele me considerava apto em poder substituí-lo plenamente como cinegrafista. Este documento se encontra em meu poder e parece documentar ser eu o primeiro cinegrafista no Brasil. Daí por diante me dediquei com entusiasmo à arte fotográfica. Com 15 anos consegui obter num concurso estabelecido pela Secretaria de Agricultura, para melhores fotografias de animais 'equinos e bovinos', os três primeiros prêmios, concorrendo com os melhores fotógrafos da época.

Nos arquivos da FCW não encontramos o Certificado da Gaumont e pouco sabemos a respeito desse concurso fotográfico. Mesmo desconhecendo suas imagens vencedoras, é interessante perceber como esse momento marcou definitivamente a opção de Conrado Wessel pela fotografia e sua busca incessante para encontrar alternativas técnicas associadas à qualidade de impressão. Os jornais e as revistas ilustradas estavam abrindo espaços para a imagem fotográfica, mas faltavam recursos técnicos para agradar os leitores. Por isso, a fotografia, por escolha pessoal, e a clichéria, por opção comercial do pai, se transformaram nas técnicas que deveriam ser aperfeiçoadas para alavancar os negócios familiares.

Conrado deixa claro que seu desejo era não depender de ninguém.

Ele escreve:

os outros é quem deveriam depender de mim e para conseguir isso era preciso que eu fizesse algo que os outros não fariam melhor. (...) Isso eu consegui quando trabalhei com fotografia, em clichês e, por último. na fabricação de papel fotográfico.



Lições de cinematografia que Conrado recebeu da Gaumont e os postais de Guilherme Gaensly sobre o café produzido no interior paulista. Ao lado, os certificados dos prêmios de fotografia que recebeu da Secretaria de Agricultura, aos 15 anos de idade.

Sabemos que seu trabalho com a fotografia era mais intenso quando em colaboração com o pai, seja no processamento químico dos filmes negativos, seja nas impressões em positivo no laboratório. Também na clichéria, era exímio na execução de boas matrizes. Mas, foi com o papel fotográfico que realmente conseguiu sua independência.

Seus registros datilografados e suas anotações em letra cursiva, mesmo que desordenados e fragmentários, tornam-se importantes documentos de sua trajetória. Eles atestam a veracidade dos fatos e abrem possibilidades para futuras pesquisas.

Já quando menino, tinha te-
eram feitas, por exemplo
te era executada no escuro
de expos
sômente
fotograf
com entu
num conc
melhores
premios,
meus pai
Anstalt
era de d
em São P
no começ
a primei
necessari
como a M
aquí não
poder fa
escola Pol
tisse as
frequent
colegio
vou para
eu tinha
liava q
cisão de
tidão. A
pão, por
estudos
tempo era
rem este
e ningu
muito me
fez desvi
in
bu
un

Apesar de at

que nanorei

da minha vid

to pela foto

todos os te

Vienna, fis

Beissner a

muito me a

salário. D

tuindo com

conseguir

Paulo. E

comigo v

autorida

ram junt

fissão,

Já meu

pronto

viço f

novos e

cionan

mente

todo

devid

depois

aquis

a tr

estí

cord

ris

no p. l

un

Ele

70.

in

bu

un

un

un

un

un

un

un

un

un

un

un

un

un

un

un

un

un

un

un

un

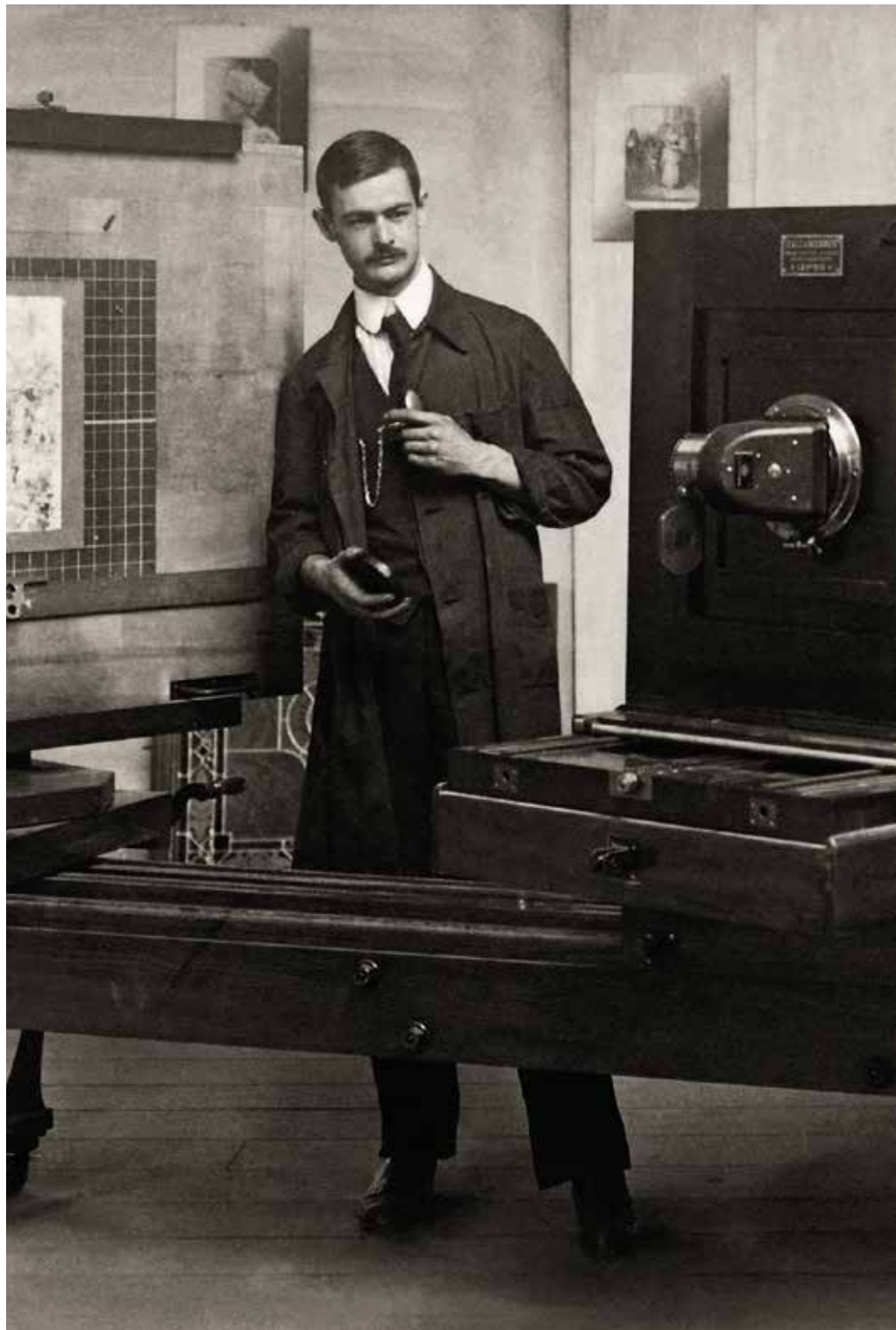
un

un

un

Cestuma-se usar um estabilizador nas emulsões muito rápidas como a
que acaba de descrever. Para isto usa-se geralmente, da Nitrobenzi-
midazole numa solução alcoólica de 2gr. em 1000 de alcool. Desta so-
lução toma-se 5 a 10 cc. por litro de emulsão. Há muitos outros esta-
bilizadores muito bons como o Chlorhydrate de Quinine, Bromure de Pot-
assa, Bromure de Magnesia que apresenta vantagens sobre o de Pot-
assa, porque simultaneamente age sobre os tons de Branco e Magnesia
da sensibilidade cromática e de enorme importância tanto na
fabricação de material negativo como no positivo, principalmente os
derivados das cyaninas, Thio-carbocianine, etc.
Bromure de Bromo ou Chloro- Bromure durante a mistura produz sempre
uma emulsão mais rápida e também mais granulosa, principalmente nas
baixas, nenhuma endureção, não fatura-se e obtém-se com a mistura fracionada
e contrastada. Os sais de Cadmio (Chlorure) aumentam consideravelmente
de importância a sensibilidade, mas produzem uma emulsão lenta-
mente e em pequenas quantidades, (0,2 a 0,5 gr.) por cada 150 litros de emul-
são. É um material difícil de se manejar, não se pode fazer uma solu-
ção mais concentrada para se diluir conforme a conveniência, porque
ela não se conserva, enfia perde seu efeito quando guardada.
Nas minhas experiências consegui um estabilizador de surpreendentes
resultados, compõe-se de uma solução de 10gr. de Potassa, 500cc. de
água. Para cada 10 litros de emulsão toma-se 5cc. da solução de
Potassa e Bromure, 500cc. da solução de 10gr. de Potassa e 2 cc.
da solução de Ácido Chromico. Esta solução dá um brilho e uma inten-
sidade enormes nas copias e não deprende a quantidade mais adequa-
da. Em outra parte vou descrever as emulsões que empreguei durante os
anos que passei a fabricar, que ainda hoje, apesar de ser de propriedade
da Kodak ainda usam as minhas fórmulas primitivas.
Graças a estes recursos me foi possível mesmo durante a Guerra, quan-
do me era impossível importar da Europa gelatinas que estava acentu-
mente de usar, tive que me contentar com gelatinas inferiores, da Ar-
gentina, Chile e mesmo do Brasil. Fei uma espécie muito difícil pois
nenhuma destas gelatinas se comparavam com as fabricadas especialmente
para fotografia, com grande sacrifício e muito trabalho consegui apre-
sentar um produto bastante bom. É preciso ressaltar novamente que a
gelatina é fator de maior importância na fabricação de papel e filme
fotográfico. havendo boas gelatinas torna-se relativamente fácil a
fabricação de boas matrizes.

reis, portanto
Com a eclosão da grande guerra
quasi todo o material era importado, tinteos, drogas, etc.
etc. Surgiu-me a ideia de frequentar os laboratorios da Escola Poli-
technica de São Paulo. Meu pai e eu fomos à escola Politecnica e conse-
guimos uma audiência com o então secretario da Escola Dr. Santiago.
Meu pai expôs ao Diretor secretario do Collegio a situação angustiosa
por que passava, principalmente devido a falta da emulsão de Colodio
que era importada da Alemanha, estando esta bloqueada pelos Aliados
não havia possibilidades em adquiri-la em parte alguma, portanto pedia
autorização para que eu frequentasse as aulas e os laboratorios para
assim poder preparar este produto no Brasil. Foi imediatamente autori-
sada a minha frequencia como ouvinte em todas as aulas e laboratorios



VIENA — A VIAGEM

Como vimos antes, a segunda década do século passado representou uma forte ruptura na estrutura da família Wessel. Guilherme encerrou suas atividades como comerciante de produtos fotográficos e passou a se dedicar exclusivamente à carreira de fotógrafo. Seu filho Conrado buscou sua independência profissional na fotografia, longe das atividades burocráticas da loja, antes comandada pelo seu irmão recém falecido Jorge Walter. Logo após essa tragédia familiar, Guilherme iniciou as negociações para Conrado ir estudar na Europa a fim de aperfeiçoar-se tecnicamente na área em que ambos tinham forte interesse: a clichéria.

Vamos ao relato de Conrado Wessel registrado em suas memórias:

Em 1911, meu pai resolveu mandar-me para Viena, onde deveria frequentar uma escola especializada em fotografia, a renomada K. K. Lehr und Versuchs Antstalt, colégio onde eu deveria me especializar em clichês para revistas e jornais. Na opinião de meu pai, esse segmento em São Paulo era ainda pouco explorado e malcuidado. Assim foi que, no começo de agosto de 1911, eu embarquei no transatlântico Tomaso di Savoia com destino a Genova, com duas paradas obrigatórias: Rio de Janeiro e Barcelona.

Só muito mais tarde é que eu pude avaliar quanta dor posso ter proporcionado à minha mãe, pois há pouco

mais de dois anos ela havia perdido seu filho mais velho, meu irmão Jorge com apenas vinte anos de idade, restando apenas eu dos quatro filhos que teve. Ele contraiu tifo e, em pouco tempo, no Hospital de Isolamento, sob os cuidados do Dr. Emilio Ribas, e tendo em sua cabeceira durante todo o período de sua doença a assistência abnegada de uma mãe, a morte, implacável, traiçoeira, num golpe rápido, ceifou a vida de um jovem que apenas iniciava sua trajetória com entusiasmo e destemor.

Assim, eu com apenas 20 anos, em companhia do meu pai, numa rápida e chocante despedida de minha mãe, sem uma lágrima nos olhos, um sorriso nos lábios, mas com o coração em prantos, segui para Santos. Por intermédio de um amigo nosso, agente do Lloyd Sabaudo¹, me foi reservada uma cabine de luxo, a mesma destinada aos diretores da companhia quando em viagem de inspeção. A viagem custou na época 700 libras, em nossa moeda naquela ocasião aproximadamente 580 mil réis. O navio só partiria à tarde. Tínhamos tempo para almoçar e percorrer o cais do porto. Nesse passeio meu pai não se cansava de recomendar que escrevesse todas as semanas para tranquilizar minha mãe, e que eu me esforçasse nos estudos, pois o sacrifício que faziam era grande, e disto dependeria o nosso futuro.

Conrado, antes de chegar a Viena, passou por Barcelona, onde circulou num automóvel com amigos que conheceu durante a viagem e visitou os principais pontos turísticos da cidade. Em seguida, desceu em Genova e teve uma estadia interessante em diferentes cidades italianas – Roma, Florença, Turim e Veneza. Foi em Turim, que na ocasião realizava uma Exposição Universal

¹O Lloyd Sabaudo Società Anonima di Navigazione surgiu em Turim, Itália, em 21 de junho de 1906, com forte participação da dinastia dos Savoia, que motivou batizar seus navios com nomes da família real. Inicialmente, para a rota sul-americana, foram encomendados ao estaleiro William Beardmore, de Glasgow, Escócia, os navios-gêmeos Príncipe de Udine e Tomaso di Savoia. Para a rota norte-americana, foram construídas no estaleiro James Laing & Company, de Sunderland, Inglaterra, outras 3 unidades gêmeas: o Re d'Italia, Regina d'Italia e o Príncipe de Piemonte.

(Esposizione Internazionale dell'Industria e del Lavoro), que recebeu entre abril e novembro, mais de 4 milhões de visitantes, que Wessel se deparou com as fotografias de Valério Vieira e Vincenzo Pastore, amigos e parceiros nas aventuras fotográficas em São Paulo. Para ele, foi uma boa surpresa conhecer o espaço dedicado ao Brasil.

Em Milão conheceu o Teatro Scala e o Castelo Sforzesco, uma grande fortaleza do século XV; em Veneza, visitou o Palácio Ducal, a Ponte dos Suspiros, a Praça e a Igreja de S. Marcos, onde encontrou diversos “photographos ambulantes que tiram retratos com os pombos e nas gôndolas”; em Roma ficou 4 dias e visitou a Vila Borghese e muitos outros museus; em Florença, se entusiasmou com a Galleria degli Uffizi, com as obras de Michelangelo, com a Catedral de Santa Maria Del Fiore e a cúpula de Filippo Brunelleschi. O jovem Conrado Wessel, ficou encantado com a arte, a cultura e a ciência desenvolvida a partir do Renascimento italiano.

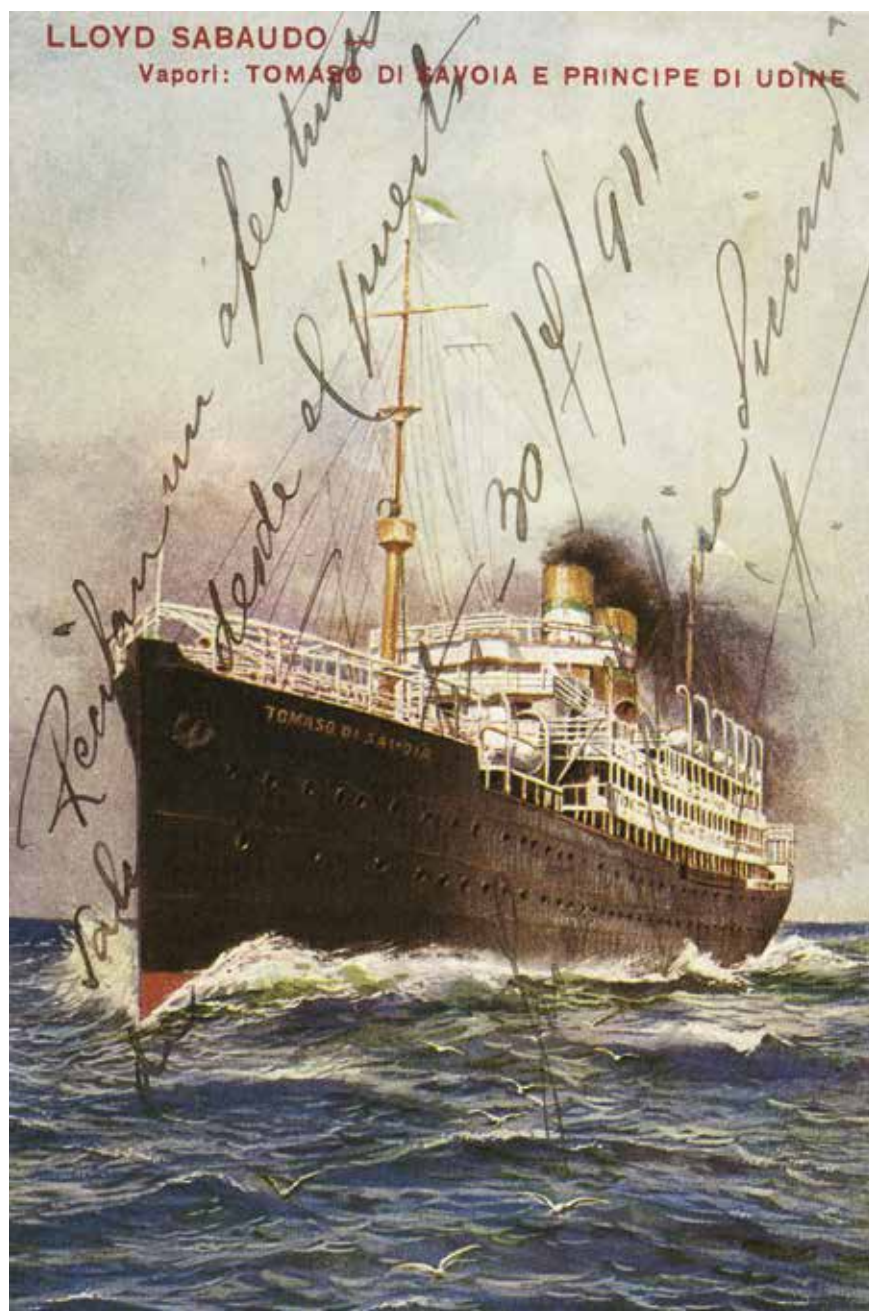
A CHEGADA EM VIENA

Após a experiência cultural e social em sua rápida e proveitosa estadia na Itália, chegou a Viena diretamente de Veneza. A cidade, na ocasião, tinha uma temperatura mais fria que as cidades italianas e Conrado, que levou apenas roupas leves, precisou comprar agasalhos mais adequados.

Ele descreve assim sua chegada:

Cheguei a Viena no dia 10 de setembro de 1911, às 7:30 da manhã, um domingo. Desci no Westbahnhof, tomei um carro e disse ao cocheiro que me levasse a um hotel perto da Westbahnstrasse, onde se localizava o Instituto. Ele respondeu que sim e falou alguma coisa para mim que, confesso, não compreendi, apesar da minha boa vontade. Passamos pela Estbahnstrasse onde estava o Instituto. Ele me mostrou e, em seguida, me levou a Neustiftgasse, para um hotel chamado Neuban. Pedi um quarto e dei

Um postal do transatlântico
Tomaso di Savoia, enviado por
algum viajante, em 30 de julho
de 1911, dias antes de Conrado
Wessel embarcar para Viena
nesse mesmo navio.



27) enquanto cheguei em Viena
descei no Westbahnhof. Tomei
um carro e disse ao cocheiro
que levasse a um hotel
perto da Westbahnhofsstrasse onde
está o Instituto, ele me
disse que ^{sempre} falava alguma
coisa para mim que eu
com a melhor boa vontade
de não o compreendi.
Mas ao passar pela West-
bahnhofsstrasse onde estava o
Instituto que ele me deu
um livro, depois me levou
a Stimbühlgasse num ho-
tel pequeno, chamado Heuberg,
fidei um quarto e me
deram um por 2 K. 40. En-
dai a minha roupa para
limpar e passar ferro e que
estivesse pronto para as 2 horas

As primeiras impressões de
Viena e a pose fotográfica en-
viada para os pais assim que
chegou à cidade.

a minha roupa para limpar, passar ferro e que estivesse pronta para 2 horas depois, pois queria me apresentar o mais rápido possível à escola.

Na manhã seguinte, segunda-feira, se apresentou à secretaria da renomada escola especializada em pesquisas voltadas à fotografia e à clicheria para jornais e revistas e em inovações tecnológicas do raio X e da fotoquímica. No Instituto K. K. Lehr und Versuchs Antstalt, um dos mais importantes da Europa naquele momento, criado por Josef Maria Eder, Conrado encontrou o ambiente propício para desenvolver, com liberdade e inovação, seu espírito criativo.

Com seus sólidos conhecimentos básicos nas matérias que selecionou para cursar, adquiridos ainda no Brasil, bem como sua experiência com a arte fotográfica, foi assimilando facilmente os novos processos e técnicas, destacando-se entre os demais alunos. Seu conhecimento, sua dedicação e a qualidade na execução das suas experiências nos laboratórios, foram essenciais para fazer novas amizades e ganhar a confiança dos professores.

Em pouco tempo tornou-se assistente do dr. Eder, seu professor de fotoquímica, fotometria e fotografia de raio X, ocasião em que teve a oportunidade de aprofundar suas pesquisas em fotografia. Essa convivência e esse aprendizado ensinaram também sobre ter postura ética diante da pesquisa e reforçaram a ideia da necessidade de uma permanente preocupação na execução de todas as etapas das tarefas desenvolvidas de maneira metódica e progressiva.

Tornou-se um dos alunos mais brilhantes do Instituto e, para cumprir seu estágio obrigatório, não faltaram cartas de referência dos professores. Com as portas abertas para uma das mais concorridas empresas especializadas na área de mídia, gráfica e fotografia, a Casa Beissner & Gottlieb, ele transformou o período do seu estágio no seu grande laboratório de pesquisas.

Conrado relata que:

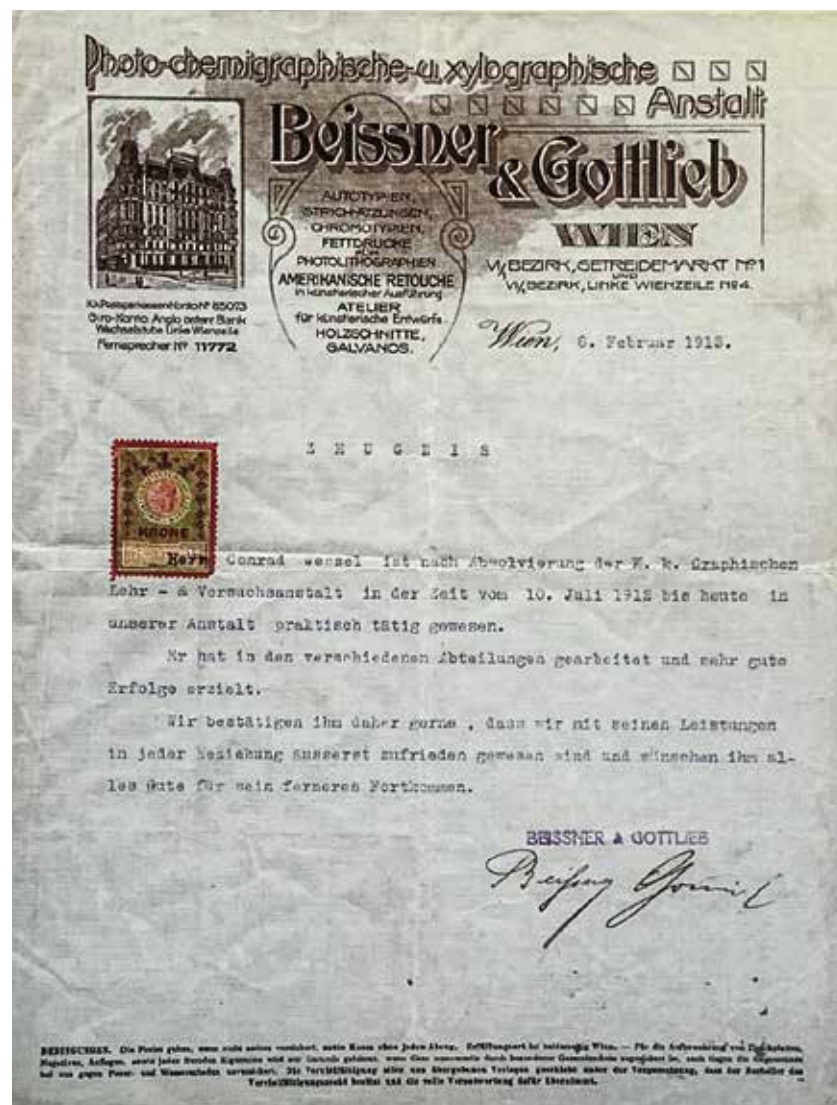
além do dr. Eder, havia outros professores de grande valor técnico que me incentivaram nas pesquisas e colaboraram com meu estágio realizado nos últimos seis meses em Viena. Foi muito proveitosa essa aprendizagem. Os chefes me apreciavam muito, tanto que me queriam como auxiliar, inclusive pagando um bom salário.

Durante todo o tempo em que permaneceu em Viena, Conrado, semanalmente escrevia para os pais, transmitindo em longas cartas tudo o que aprendia – novos processos, técnicas, fórmulas químicas, o andamento de suas pesquisas e o resultado de suas experiências. Mais no final da jornada, seu pai, Guilherme Wessel, contaminado pelo entusiasmo do seu filho, solicitou que fizesse pesquisas e consultas técnicas para a aquisição dos equipamentos de clicheria. Seu objetivo era avaliar os custos e verificar os recursos necessários para comprar as máquinas com a finalidade de montar um novo empreendimento na cidade de São Paulo.

O certificado da Casa Beissner & Gottlieb, emitido em 8 de fevereiro de 1913, documentou o estágio profissional obrigatório realizado por Conrado Wessel em Viena e, ao mesmo tempo, o qualificou tecnicamente dando por encerrado seus estudos no Instituto K. K. Lehr und Versuchs Antstalt.

Conrado Wessel, durante seus anos em Viena, conseguiu aprofundar seus conhecimentos técnicos e ter uma experiência única de viver o cotidiano sociocultural de uma cidade estrangeira. Suas impressões relevam o quanto a cidade tocou sua sensibilidade. Ele registrou 70 anos depois:

Viena de 1911, uma época maravilhosa, eu com 20 anos de idade, cheio de entusiasmo, alegria de viver e de vontade de conquistar o mundo. Os bosques de Viena são realmente espetaculares, não é de se admirar o gênio musical que



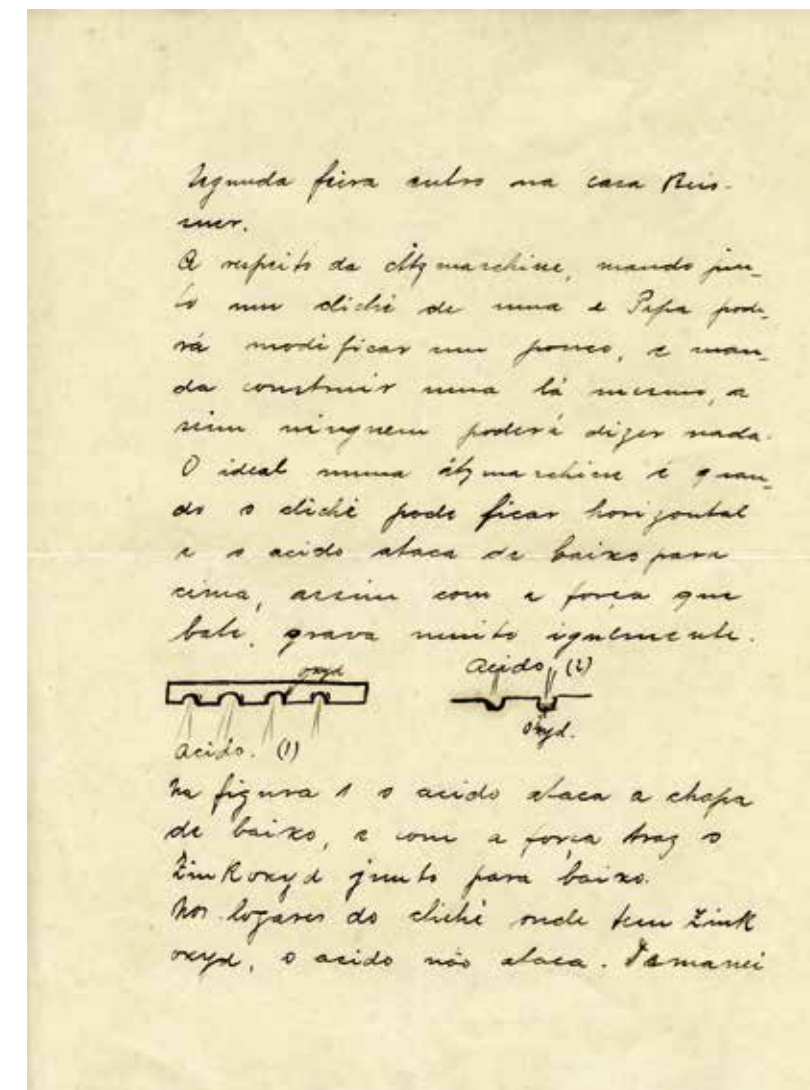
Datado de fevereiro de 1913, o certificado atesta o estágio realizado por Conrado Wessel nas oficinas Beissner & Gottlieb, uma das mais prestigiadas de toda a Alemanha. Ao lado, a caderneta em que Conrado descrevia diariamente suas despesas e o horário de suas aulas na renomada escola K.K. Lehr und Versuchs Anstalt.



Mai 1912		Juni 1912	
27	Abendmahl.	1	Abendmahl
30	Abendmahl	2	"
31	"	3	"
	12.44	4	Freitag
5	Heudens	4	Abend
5	Heuen	7	"
5	Leichen	1	Freitag
5	Lochen	8	Abend
6	Leichen	1	Schwerden
	14.71	9	Abend
	- 57	12	"
	17.57	10	Freitag
	5.88	11	Abend
	31.56	12	"
		13	"
		14	"
			727



Cartão postal de Viena, capital cultural da Europa naqueles primeiros anos do século XX, e a mesada enviada regularmente para Conrado pelo seu pai Guilherme Wessel.



Descrição feita por Conrado Wessel sobre as possibilidades técnicas da futura clichéria, empresa idealizada por seu pai para que trabalhassem juntos após seu retorno de Viena.

San Paulo, 4 de fev. de 1913.

Men querido Fatti

Recebermos uma carta de B. E. 1913 e confesso que fiquei
comovido pelo conteúdo. Viço que é rapaz direito e com
orgulho posso dizer que tanto os seus filhos, porém que este
único vale mais do que nunca dizia d'aquelles outros,
e ainda d'este começando, espero ainda assistir a muitos
fructos seus! E pôde contar com mim, e que puder
fazer seja muito ou pouco, fazi, e com a melhor vontade,
e não duvido que lhe será de alguma utilidade.

Vou escrever hoje novamente ao Hartwell que arranje
 passagem de 1.^a para os Hamburgo e de volta de 2.^a
 se ha a uniao, e mais prove e mais rapido o Expresso
 que tem, isto convem que I. fale mal a bordo.

Não sei se Faly & Werner informaram a V. Exa. sobre
indagar na igreja e escrever a carta a Volzgen e a c. p.
Volzgen Est. Carl Rindem. gadt.

Mostrei as suas photographias a diversos dos meus

Se lampodas amigos e elles fôrão admiradores pela belleza e por
que se usam pouco.

na de 50 Won. O antigo Caudam deseja que tenha uma list. mas
mas a rme uma joia de tintas. Ele cataloga os Minuscul e o M.
lade, porim, entre 80 Marcos. o n.º de livros de tintas nas instituições
votarem pode empregar uns 100 p. este fin. sendo branco
110 albes, preto vermelho amarello e azul.

not. - Juntos me apresentaram que fiz de matérias que
comum trazer, belozes aquecer alguma coisa e ainda
está em tempo. Se o diabo não chega para que saia
a diferença contra entrega do conhecimento

Dresden, den 1. Juli 1912

Main Center Spring.

Ich habe ein sehr gutes Reip gemacht und habe
 Ihnen ein grosses Salt versenden lassen.

Ich hoffe ich will nun wenig und nicht lange
Deyen der Deyen Deyen zu pflegen

Hilf bin sehr glücklich meiner Kunst. fassen es
den Weg sehr schön, zuweilen, ist sehr immer zu
gutes von der Freude selbst Lust als ein
ein Kind mehr.

Zuerst bin ich von Ihnen auf Pape und ein
Tanzpöbel und sein Töchter. Sie sind schon als
Zuerst und jetzt, dass ich nicht mehr
Machen nicht für mich nicht weiter gehen lassen

Gratulo o meu
querido pai por
ser o seu anui-
versario, desejan-
do muita saude
e felicidade. Talvez
talvez fava o proxi-
mo ano o fazei
verbalmente.

Glenn m.

Guillaume Hunt

139 Rua dos Guayanares 139.

São Paulo.

Brasilien

vibra em cada alma vienense. É um povo feliz, vive a vida gozando a beleza de sua terra, a beleza de sua música e a singeleza de seu povo. Quanta saudade sinto daquele maravilhoso povo. (...) Foram os mais lindos anos da minha vida – estudos e divertimentos.

Encontra-se nos arquivos da Fundação Conrado Wessel parte da intensa troca de correspondência entre Guilherme e Conrado, carinhosamente chamado pela família de Tutti. Numa delas, já no final da jornada em Viena, Guilherme escreve uma resposta para o filho, prestes a retornar à São Paulo:

“Meu querido Tutti – Recebemos sua carta de 13 de janeiro de 1913 e confesso que fiquei comovido pelo conteúdo. Vejo que você é um rapaz direito e com orgulho posso dizer que tenho só um filho, porém que este único vale mais do que uma dúzia daqueles outros e ainda você está começando. Espero assistir a muitos triunfos seus. E pode contar comigo, o que puder fazer, seja muito ou pouco, farei, e com a melhor boa vontade, e não duvido que lhe será de alguma utilidade. (...) Mostrei suas bicromias a diversos dos nossos amigos e eles ficaram admirados pela beleza e perfeição”.²

Nas correspondências podemos detectar o intenso diálogo técnico entre pai e filho, ambos pesquisadores da área físico-química voltada para as questões dos materiais sensíveis à luz, bem como seu processamento. Na volta para São Paulo, o jovem Conrado Wessel irá se dedicar à instalação da clichéria idealizada pelo seu pai e aprofundar seus estudos em torno das emulsões sensíveis com a finalidade de instalar sua sonhada fábrica de papel fotográfico.

² Fragmento de uma carta de Guilherme Wessel para seu filho Conrado Wessel, datada de 4 de fevereiro de 1913.





RETORNO A SÃO PAULO A INSTALAÇÃO DA FÁBRICA

Conrado Wessel retornou à cidade de São Paulo logo após desembarcar no Porto de Santos, em abril de 1913. Trazia com ele todas as máquinas que comprara na Alemanha para concretizar o sonhado projeto de uma clichéria idealizado pelo seu pai. Naquela época, as autoridades alfandegárias, mais flexíveis, possibilitavam que as máquinas adquiridas no exterior viajassem junto com o passageiro. Com exceção dos custos de armazenagem, tudo foi prontamente liberado e sem custos.

Guilherme, seu pai, já havia alugado um espaço na rua Vitorino Camilo, entre as alamedas Nothmann e Glete. Lembra Conrado que:

em pouco tempo estava tudo instalado e pronto para funcionar e meu pai depositava muitas esperanças nesse novo empreendimento. Depois de dois meses que a clichéria estava funcionando, com movimento muito pequeno, pois ainda era praticamente desconhecida, apareceu um fiscal da prefeitura, que diante de todo aquele maquinismo, declarou que tínhamos que pagar os impostos devidos a esse negócio. Alegamos que as atividades estavam no início e que, logo depois de minha volta da Europa, empregamos todas as nossas economias na aquisição e instalação dos maquinários. Perguntei se não poderia adiar o pagamento dos tributos da pequena indústria

para o próximo exercício. Como naqueles tempos havia compreensão e estímulo para quem desejasse concorrer para o progresso do país, ele concordou, deixando claro que para 1914, não haveria ‘choro nem vela’, teríamos mesmo que pagar. No ano seguinte, ele apareceu novamente para fazer o lançamento. Perguntou-me como iam os negócios e informei que já tínhamos um número limitado de fregueses, e pedi que fosse moderado nos impostos. Ele foi, muito mais do que eu esperava.

Em 1914 eclodiu a Primeira Guerra Mundial e novas dificuldades surgiram. Praticamente todo o material utilizado na clicheria era importado – zinco, as drogas químicas, a emulsão de colódio, entre outros. Foi nesse momento que Conrado Wessel admitiu que precisava se aperfeiçoar. Ele registrou:

apesar de ter concluído um curso de fotoquímica em Viena durante dois anos, quando regressei ao Brasil, percebi que meus conhecimentos ainda eram insuficientes para o meu desenvolvimento técnico e comercial.

Apesar de estar concentrado no negócio da clicheria, ele alimentava outros projetos pessoais, idealizando um futuro mais audacioso do que aquele sonhado pelo seu pai. Ele pretendia melhorar seus conhecimentos técnicos, visando a fabricação de um papel fotográfico nacional, que poderia ser vendido a um custo menor do que os importados que dominavam o mercado brasileiro naquele momento – o papel da norte-americana Kodak, da alemã Agfa e da belga Gevaert.

Essa mistura entre a falta de material disponível no mercado devido à Guerra e o desejo de estudar mais as emulsões sensíveis aplicadas à fotografia levou o jovem Conrado a novas conversações com seu pai. Juntos, foram até a Escola Politécnica, localizada na rua Três Rios, e conseguiram uma audiência com o secretário, dr. Santiago, amigo de seu pai, que autorizou que Conrado frequentasse as aulas e os laboratórios como aluno ouvinte.

Conrado Wessel destacou:

Nesse estabelecimento exemplar dediquei-me durante quatro anos, com o auxílio e assistência dos professores doutores Hottinger, Lindenberg, Wanderley e Magalhães, e tive a oportunidade de aprofundar meus conhecimentos em tudo que se referia aos processos fotoquímicos. Devo apresentar os meus mais sinceros agradecimentos ao dr. Hottinger¹ que, diante da minha determinação, colocou o seu laboratório a minha disposição.

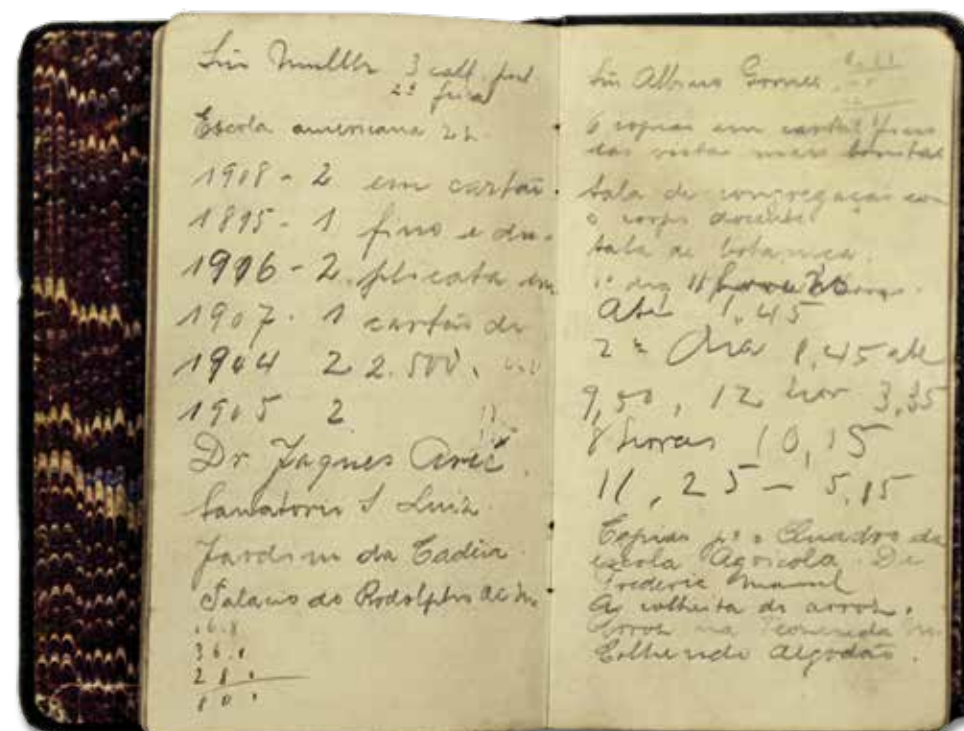
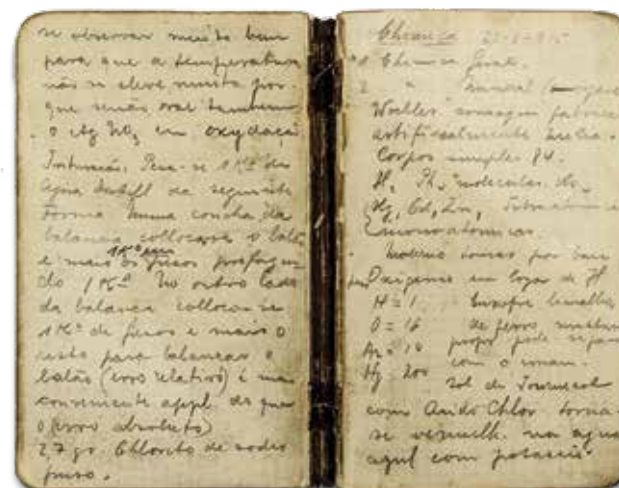
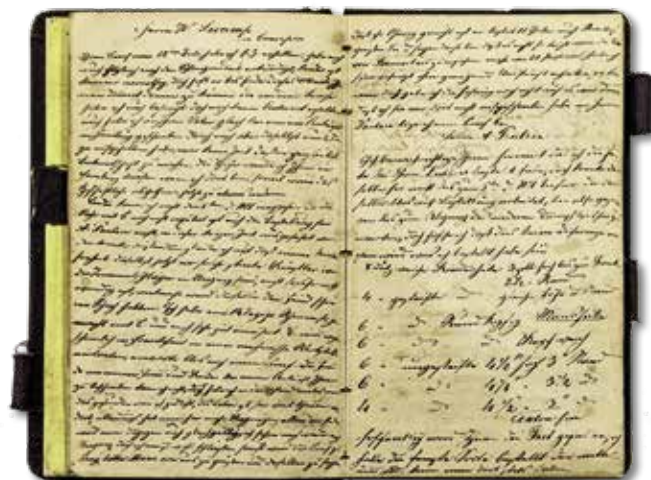
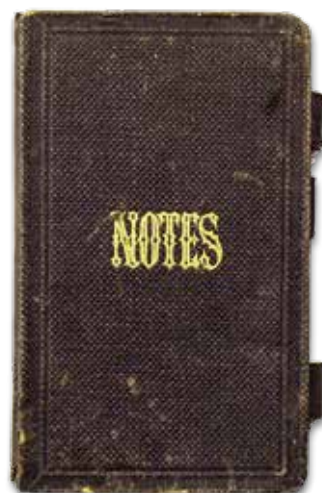
Durante quatro anos, fiz de tudo nos laboratórios da Escola Politécnica. Desde a preparação do nitrato de prata até os estudos das diferentes qualidades de gelatinas. Estudei a ação dos halogênios como o bromo, o cloro e o iodo sobre o nitrato de prata. Fiz inúmeras experiências misturando o nitrato de prata ao brometo de potássio, ao cloreto de sódio e ao iodeto de potássio. Cheguei à conclusão que a mistura de uma pequena dose de iodo ao bromo dava um resultado muito melhor, assim como a adição do bromo ao cloro. Depois de centenas de experiências cheguei a uma fórmula satisfatória para emulsionar o papel, cujas provas agradaram muito a meu pai.

Mas o que fazer com tudo isso? Não tinha meios para executar o plano de fabricar o papel fotográfico. Havia pouco dinheiro, faltavam as máquinas e o papel baritado para adicionar a emulsão.

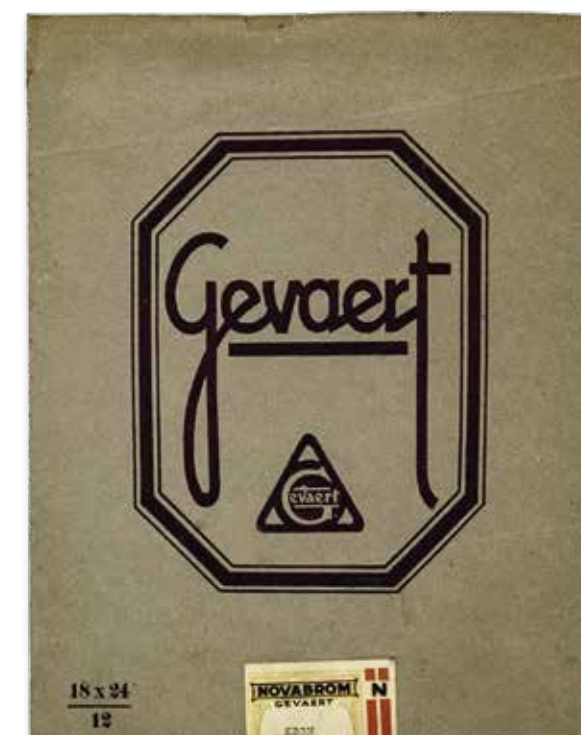
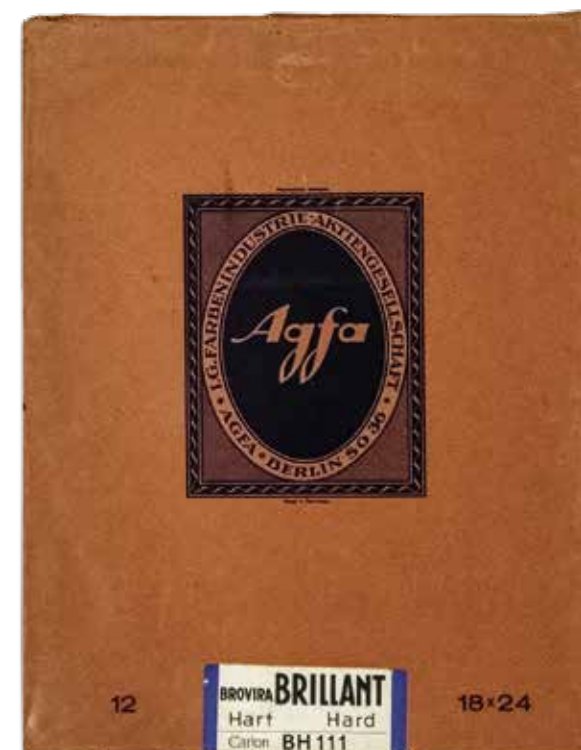
Esse foi um outro capítulo na incrível jornada de Conrado Wessel em busca de uma viabilidade financeira para industrializar sua fórmula e produzir o papel fotográfico. Assim ele relatou esse momento:

Certo dia, apareceu em nossa oficina um cliente que encomendara clichês de propaganda de um produto dentá-

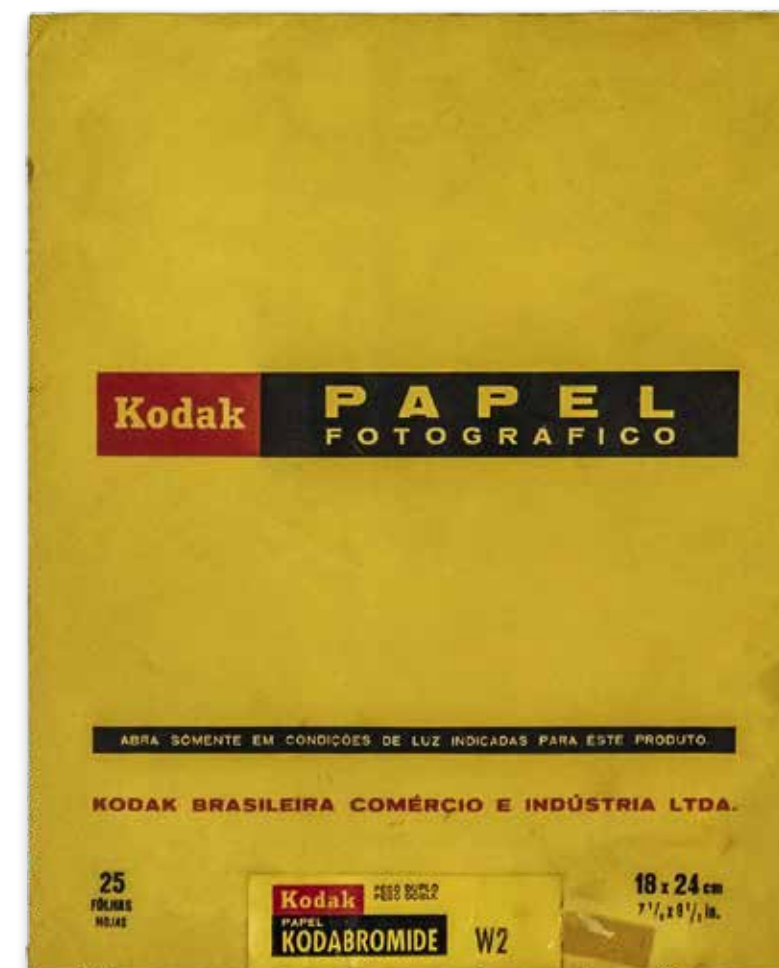
¹Para se ter uma ideia da importância do dr. Roberto Hottinger para a Escola Politécnica e para a sociedade, basta lembrar que ele fundou, com Adolfo Lutz e Vital Brasil, a Sociedade Científica de São Paulo; realizou a conhecida pesquisa para aproveitar a ação oligodinâmica de metais sobre microrganismos, o que resultou num processo conhecido por “Salus”, com o uso da prata coloidal para esterilizar a água, entre outros da maior importância social.



Alguns dos cadernos de notas de Conrado Wessel. Eles registram parte expressiva de todo o seu processo de investigação e criação do papel fotográfico Wessel.



Os três principais distribuidores de material fotográfico – câmera, filme, papel e químicos – em todo o Brasil do século XX. São essas as empresas estrangeiras que Conrado Wessel vai desafiar e vencer.



rio de sua fabricação. Durante a conversa mostrei-lhe os resultados de minhas experiências e ele me informou que o professor dr. Antonio Picarollo, lente de filosofia na Escola Normal Caetano de Campos, tinha um filho que estudava fotoquímica em Milão e tentara fundar uma fábrica de papel fotográfico em São Paulo, mas o negócio não deu certo e não prosperou. Disse-me que ele estava muito aborrecido e que provavelmente poderia dispor de toda a instalação por qualquer preço. Me apressei em procurá-lo. O lote consistia em uma máquina de emulsionar da marca alemã Kroeger, um motor, uma guilhotina e vários acessórios de laboratório. O preço inicial proposto pelo dr. Picarollo era de 12 contos. Regateando ao máximo, consegui, com a ajuda de meu pai, adquirir todo o acervo por oito contos e quinhentos.

Entusiasmado, Conrado Wessel instalou as máquinas num pequeno prédio na Barra Funda, de propriedade da família, localizado à rua Lopes de Oliveira, 198. O ano era 1921. A aquisição dessas primeiras máquinas, viabilizou os primeiros movimentos para a produção de papel fotográfico. Existe uma outra versão, publicada em 1986, no livro de Isaac Grinberg², bastante questionável.

Mas os problemas não acabaram. As fórmulas criadas por Conrado pareciam boas, mas era preciso aplicá-las em larga escala para verificar a qualidade dos

² Gustavo Adolpho Schmidt (1848 – 1936), chegou ao Brasil em 1876. Nasceu na cidade de Weimar, Prússia, estudou na Universidade de Leipzig, mas não chegou a concluir o curso de química, empregando-se numa fábrica de chapas fotográficas.

Contam seus descendentes que a curiosidade científica de Gustavo Adolpho Schmidt no campo da fotografia não tinha limites e que ele passava dias inteiros entregue aos seus estudos e experiências. Contam também que no começo do século ele planejou construir em Mogi das Cruzes, uma indústria para fabricação de material fotográfico. Adquiriu o terreno na atual rua Presidente Prudente de Moraes e convenceu um compatriota a entrar como sócio, financiando o empreendimento. As plantas e os projetos foram feitos e as máquinas encomendadas na Alemanha. Quando o equipamento chegou ao Porto de Santos, no entanto, o sócio desistiu do negócio e a iniciativa não teve piores consequências porque Schmidt vendeu as máquinas e os planos para o industrial alemão Conrado Wessel, que indenizou os prejuízos havidos até então. A indústria foi estabelecida em São Paulo, no bairro de Santo Amaro e muito tempo depois vendida à Kodak.

In: *Memória Fotográfica de Mogi das Cruzes*, Isaac Grinberg, Editora Ex-Libris, 1986, p.33.

resultados no processo de fabricação industrial. O primeiro problema que surgiu foi encontrar o papel necessário para realizar os testes. O papel baritado não era fabricado no Brasil e não havia disponibilidade para aquisição imediata. Mesmo na Europa, poucas fábricas se dedicavam a este tipo de papel. Na França, uma das fábricas era a Rivers e na Alemanha, a Scholler.

Conrado relatou em seus textos arquivados na FCW:

Me dirigi ao maior importador de papéis em São Paulo, sr. Oscar Fluss, instalado comercialmente no Largo S. Francisco. Falei com ele sobre a possibilidade de importar papel baritado. Ele respondeu que infelizmente não poderia me atender, pois só trabalhava com papéis para a imprensa. Porém, me disse que, casualmente, naquele momento, se encontrava em São Paulo um dos maiores representantes de papéis da Alemanha, e que talvez ele pudesse resolver o meu problema.

Encontrei-o no dia seguinte, à oito horas da manhã, e expressei os meus anseios. Como resposta, ele me olhou com um sorriso sarcástico e disse:

- Meu caro rapaz, você tem muito dinheiro para jogar fora? Se tem, jogue em corridas de cavalos, na roleta ou qualquer outro jogo. Isto lhe dará menos dor de cabeça. Por que se meter num negócio que está nas mãos de três ou quatro grandes empresas – a Kodak, a Agfa e a Gevaert?

- Mas eu já comprei as máquinas, eu respondi. Agora não posso mais voltar atrás, tenho que continuar.

- Moço, você não está dizendo coisa com coisa.

- Mas, o senhor não poderia importar algumas bobinas de papel?

- Não! Não nos dedicamos a este ramo de papéis.

Senti que ele me julgava um louco. Desolado, voltei para casa e contei ao meu pai o episódio. Ele me disse com alguma tranquilidade:

- Não se aflija meu filho, temos um amigo que importa da Alemanha o que se quiser. Amanhã iremos procurá-lo.

O homem se chamava Benverot e prontificou-se a importar o papel baritado. Enquanto a encomenda não chegava, estudei como pendurar o papel emulsionado para secar no pequeno espaço de que dispunha. Mais uma vez, o acaso me ajudou. Eu estava na Tapeçaria Schultz num serviço de propaganda para nossa empresa de clichê e, enquanto o chefe atendia um cliente, fiquei observando o sistema de cortinas, que se moviam por cordinhas usadas pelos tapeceiros. Rapidamente fiz um croqui do sistema e do seu funcionamento. Imaginei que poderia empregar esse modelo de modo semelhante. Mostrei-o a meu pai e ele achou uma boa ideia, pois com esse modelo poderíamos secar mais de cem metros de papel no pequeno espaço que tínhamos.

O papel finalmente chegou. Preparamos a primeira experiência. Na presença de meu pai e de mais um funcionário iniciei a primeira produção. Foi um desastre. Não se aproveitou mais do que dez centímetros dos dez metros emulsionados. Meu pai saiu abanando a cabeça. Oito dias depois, tentei novamente, sem a presença de meu pai. Arrumei mais dois empregados e os instruí sobre como deveriam agir durante a emulsão, puxando o papel, levantando as cordinhas para cima. As coisas pareceram correr regularmente. Depois de seco, o papel foi cortado em tamanhos menores. Mais uma desilusão. Dos dez metros não se aproveitava quase nada. Estava todo eivado de pequenas bolhas e outras pequenas partículas indesejáveis. O dinheiro da oficina de clichês estava, aos poucos, se diluindo nas experiências da fábrica de papel. E meu pai reclamava dessa situação. Passei dias inteiros matutando como evitar este problema.

Como sabemos, o acaso e o erro sempre colaboram com a ciência. É muito comum nos experimentos científicos, mesmo com todas as variáveis sob controle, as testagens não darem certo. De repente, como se os deuses

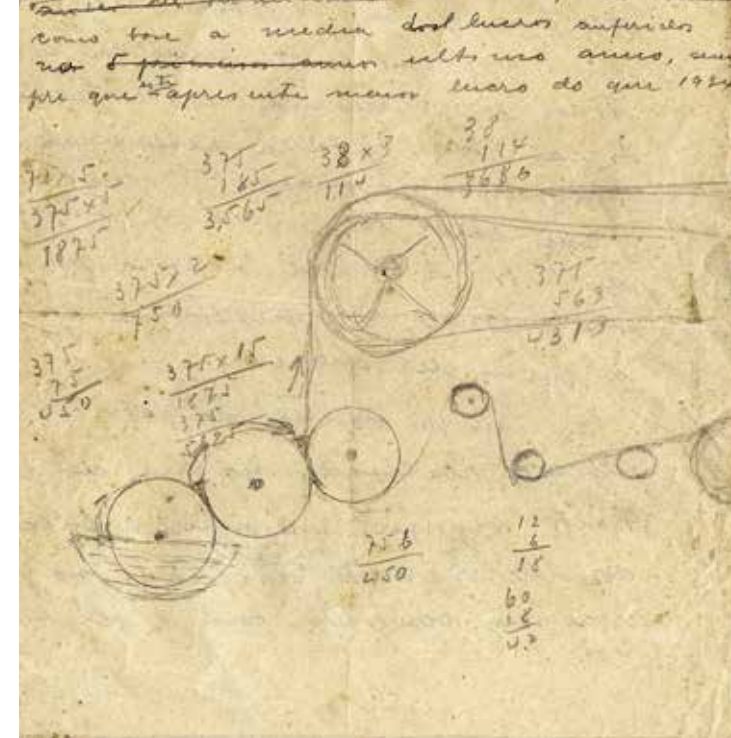
da ciência conspirassem positivamente, surge algo meio fora do controle, e os resultados esperados aparecem naturalmente. Conrado, mais uma vez, teve um novo insight ao visitar um cliente no bairro do Ipiranga.

Ele relatou:

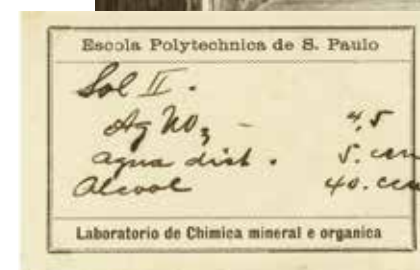
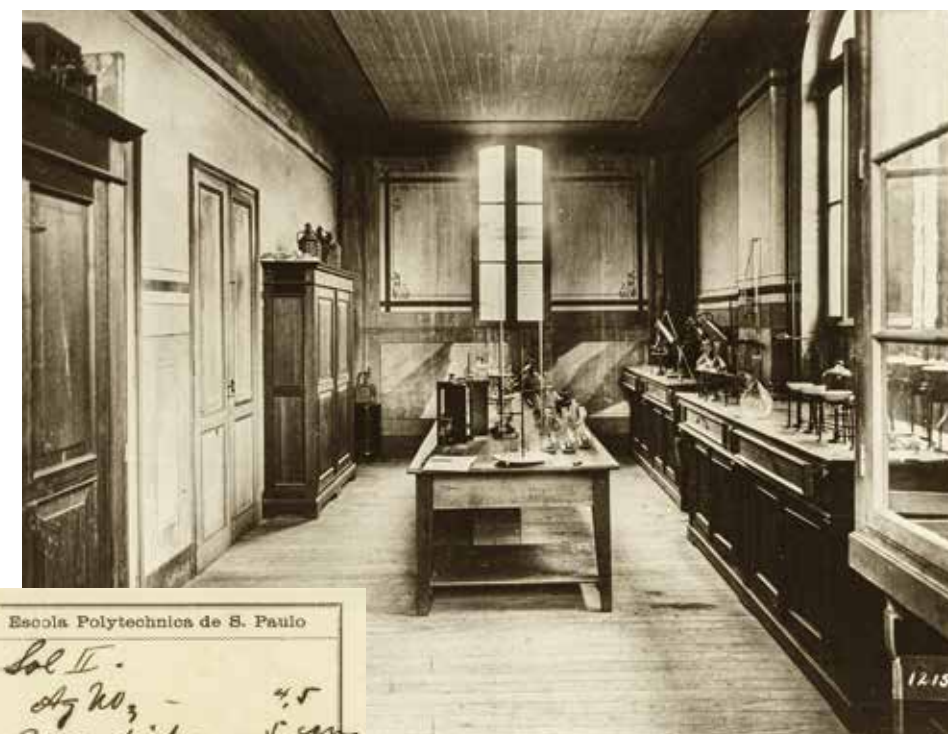
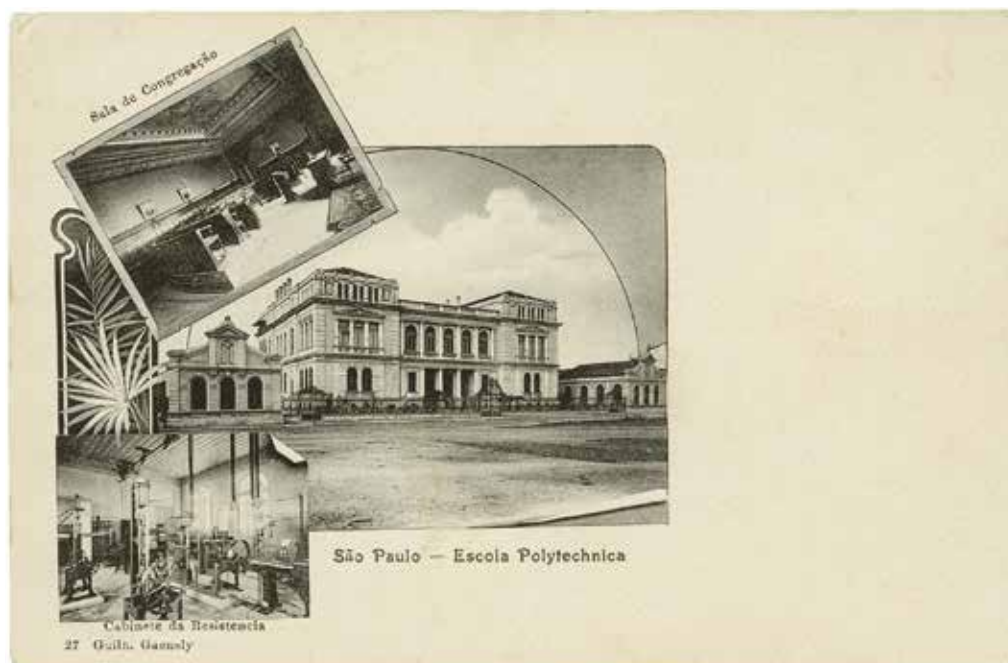
Fui chamado para executar uns clichês para a Fábrica de Linhas Corrente, no Ipiranga. Enquanto estava aguardando para receber a encomenda, o encarregado que deveria me confiar o serviço foi chamado para atender uma demanda em outra seção. Fiquei sozinho no salão a sua espera. Sempre curioso sobre o funcionamento das máquinas, chamou minha atenção uma pequena máquina num dos cantos da sala. Era uma máquina que passava goma no verso das etiquetas. Interessei-me por seu funcionamento. Havia uma cuba com a goma e um rolo imerso dentro dela. Com a máquina em movimento, o rolo passava uma certa quantidade da solução, deixando estrias sobre o papel, que também seguia seu curso. Eureka, pensei, meu problema está resolvido. Tirei do bolso o lápis e o caderno de notas e fiz um croqui. Examinei as folhas gomadas e não encontrei nem bolhas, nem sujeira alguma. Ao chegar em casa, imediatamente apresentei ao meu pai o que havia descoberto. Ele achou a ideia ótima. Pôs-se a estudar o assunto e ajudou-me a desenhar as modificações que seriam feitas na máquina de emulsão.

A máquina se resumia no seguinte: uma cuba de barro vidrado (naquela época não existia o aço inoxidável) cheia de emulsão e um rolo de ebonite, que mergulhava nela. O papel passava entre um outro eixo fixo, regulado como o rolo. Dessa maneira, as bolhas ficavam todas na cuba. Mais tarde, esse sistema foi melhorado, com mais um rolo de ebonite, tornando impossível o surgimento de bolhas sobre o papel. Fizemos novas experiências com pleno êxito. Agora, dizia eu, mãos à obra. Vamos fabricar e vender.

Tudo pronto! A fábrica estava preparada para produzir. Conrado, agora mais entusiasmado com os re-



Ao retornar de Viena, Conrado decide aprofundar suas pesquisas na busca da fórmula para produzir seu papel fotográfico. Por isso, frequentou por 4 anos, como aluno ouvinte, a Escola Politécnica de São Paulo.



sultados, encomendou novas bobinas de papel da Alemanha, com diferentes superfícies – brilhante, mate e semi-mate. O próximo passo era conseguir a Carta Patente do novo produto nacional. Juntamente com o pai, entrou com o pedido no Ministério de Agricultura, Indústria e Comércio.

Em 10 de novembro de 1916, Guilherme Wessel consultou os despachantes Moura, Wilson & Co, sediados no Rio de Janeiro, com a finalidade de registrar a patente da fórmula fotoquímica criada por seu filho. De 1913, quando retornou à cidade de São Paulo, até 1920, Conrado Wessel instalou a clichéria tão sonhada pelo pai, trabalhou e consolidou os negócios nessa área. Nesse período, ele também voltou a estudar como aluno ouvinte na Escola Politécnica, sempre em busca de seu objetivo, finalmente alcançado quando instalou à rua Lopes de Oliveira, 198, a Fábrica Privilegiada de Papéis Photographicos Wessel, fruto de suas pesquisas e do desejo de empreender num ramo de negócios inexplorado no país.

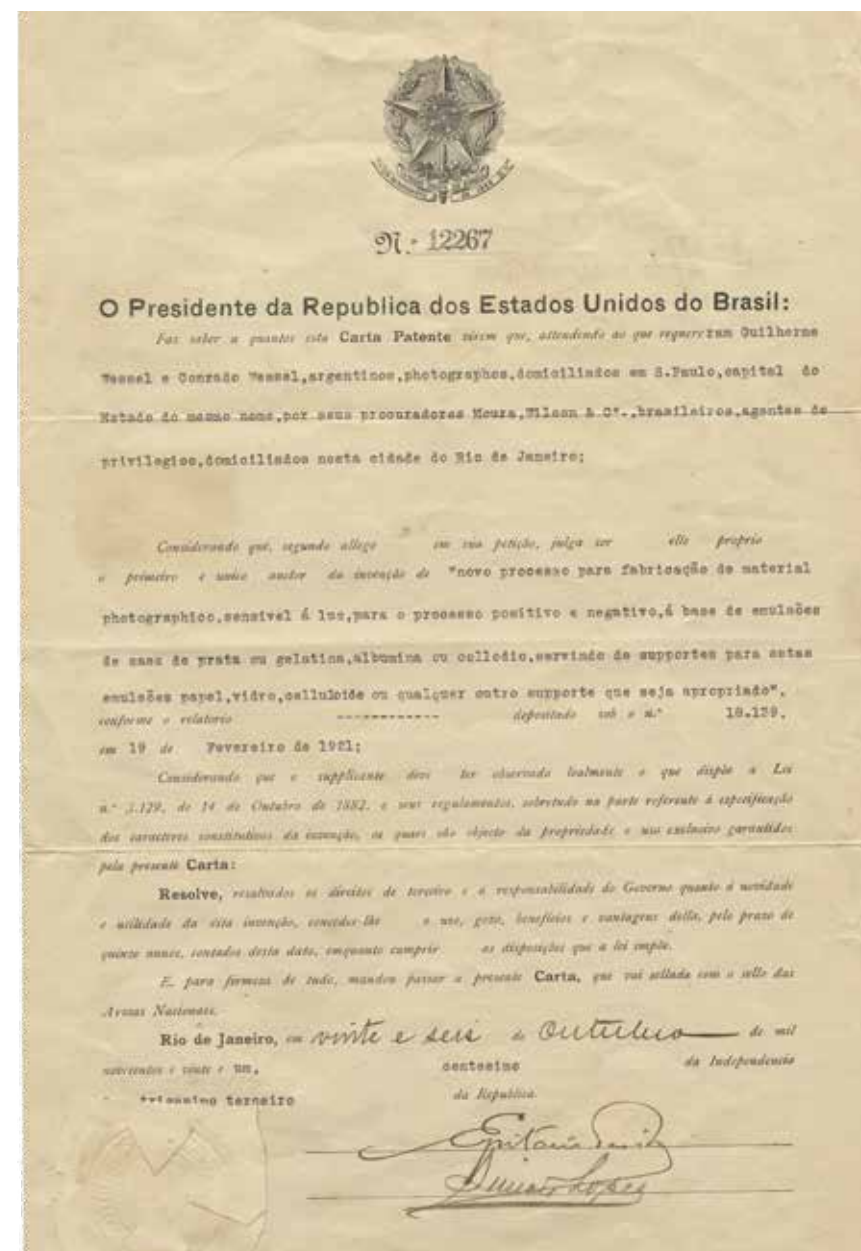
Em 26 de outubro de 1921, o presidente da República Epitácio Pessoa concedeu a “Carta Patente requerida por Guilherme Wessel e Conrado Wessel, argentinos, photographos” (...) auctor da invenção de ‘novo processo para fabricação de material photographico, sensível à luz, para o processo positivo e negativo, à base de emulsões de saes de prata ou gelatina, albumina ou collodio, servido de supports para estas emulsões papel, vidro, celluloides ou qualquer outro suporte que seja apropriado’, conforme relatório depositado sob o n° 18.139, em 19 de fevereiro de 1921”.

Alcançado seu objetivo de produzir um papel fotográfico nacional, Conrado foi à luta. Além de comandar a pequena indústria, nos finais de semana percorria os jardins públicos e as principais praças da cidade, local dos fotógrafos ambulantes – lambe-lambes – com a finali-

dade de promover o papel Jardim Wessel, distribuindo amostras gratuitamente. Também visitava os principais ateliês fotográficos da cidade. Curiosamente, apesar dos bons resultados apresentados e do preço mais acessível, havia má vontade dos profissionais em substituir o papel importado – Kodak, Agfa e Gevaert.

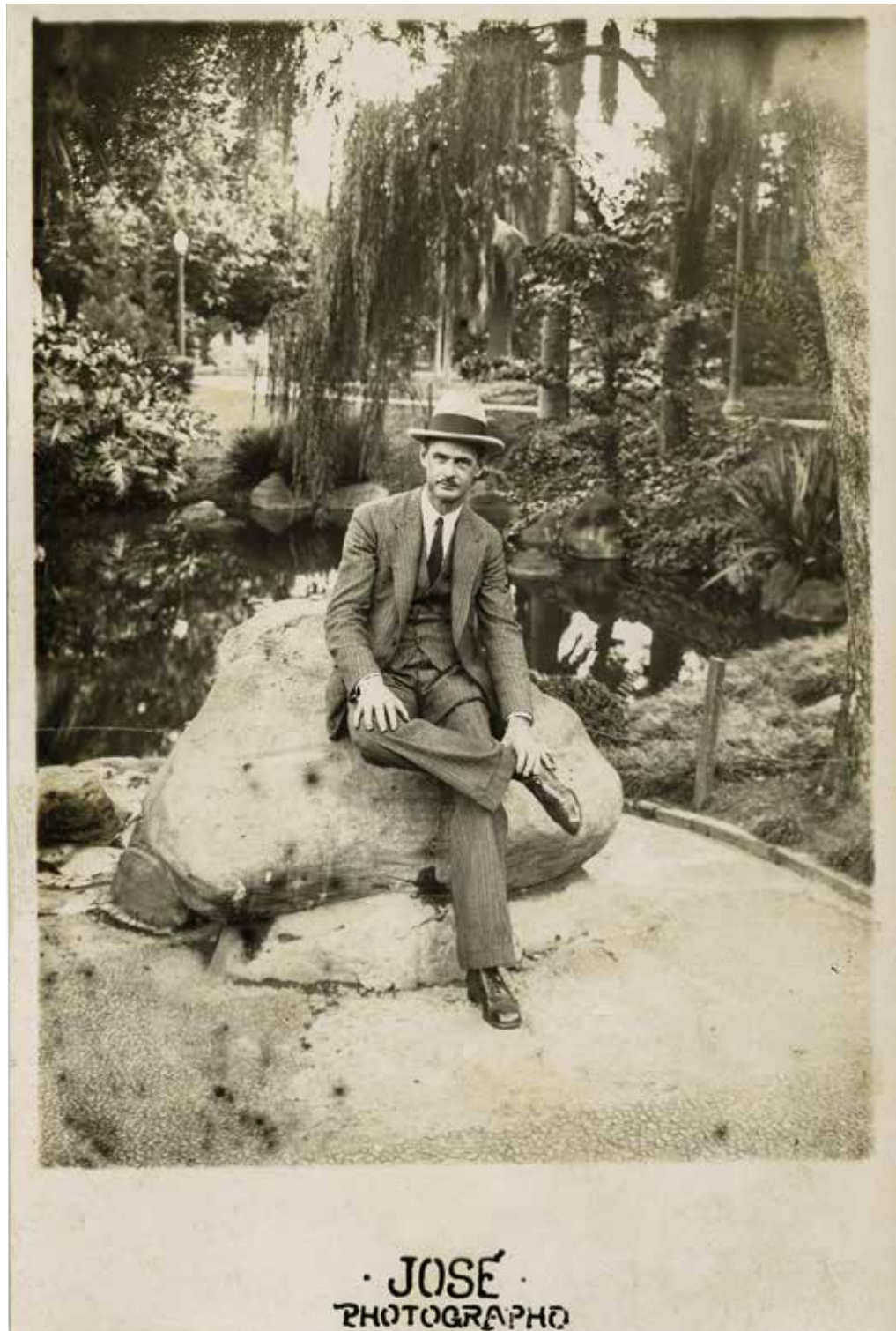
Wessel lembrou em suas memórias que:

o negócio andava mal. Todo o lucro da oficina de clichês era absorvido pela fábrica de papéis fotográficos, situação que desagradava muito meu pai. Esse estado de coisa se prolongou por mais um ano, quando um novo acaso surgiu para salvar a primeira fábrica de papéis fotográficos da América Latina.



A Carta Patente assinada pelo presidente da República Epitácio Pessoa, em 26 de outubro de 1921.

A REVOLUÇÃO DE 1924 O FOTÓGRAFO LAMBE-LAMBE E A PRODUÇÃO WESSEL



Não foram nada fáceis para Conrado Wessel os primeiros anos após a homologação da Carta Patente, assinada em outubro de 1921 pelo presidente da República Epitácio Pessoa. Os fotógrafos que mantinham seus estúdios na cidade de São Paulo e os ambulantes, particularmente os lambe-lambes, estavam acostumados com os produtos importados, em especial o papel fotográfico produzido pela Kodak, Agfa e Gevaert.

O jovem Conrado Wessel não mediu esforços para distribuir e defender a qualidade do seu papel fotográfico – um produto brasileiro com características especiais, resultado de pesquisas e testes realizados ao longo de mais de uma década, em suas experiências em Viena, na K. K. Lehr und Versuchs, e na Escola Politécnica de São Paulo. Mesmo sabendo das dificuldades que teria para enfrentar os gigantes do mercado internacional, Wessel não esmoreceu. Incansável e visionário, percorria a cidade oferecendo seu papel para ser testado pelos profissionais de estúdios e os ambulantes das praças públicas – Jardim da Luz, Parque D. Pedro II, Praça da República, Parque da Aclimação, entre outros. Conversar e conven-

cer os fotógrafos era uma batalha difícil e aparentemente sem grandes perspectivas.

Ele sabia que seu produto tinha qualidade, mas não conseguia distribuir, muito menos romper a barreira com seus possíveis consumidores. A resistência ao papel fotográfico nacional era muito grande e, ao mesmo tempo, os fotógrafos sequer queriam experimentar a novidade. O novo é sempre assustador e nenhum deles ousava se aventurar na marca até então desconhecida. O próprio Wessel registrou esse momento de incerteza:

Esta minha tarefa foi deveras difícil, pois tinha como concorrentes a Kodak, Agfa e Gevaert, todas empresas de renome mundial, com tirocínio técnico e comercial de alto nível. Mesmo com os conhecimentos que adquiri quando estudei em Viena, com a fotoquímica e com a fabricação de clichês, estava longe de poder me aventurar a criar uma empresa de tal porte, ou seja, a fábrica de papéis fotográficos. Para me aperfeiçoar em química, meu pai conseguiu que eu frequentasse a Escola Politécnica em São Paulo.

Inúmeras experiências efetuei na Escola Politécnica, até que consegui uma fórmula que julguei boa. Meus pais gostaram do resultado, assim como todos os que conheceram minhas experiências. Parece que chegou aos ouvidos da Agfa que eu pretendia fabricar papel fotográfico, pois certo dia apareceu em casa o sr. Beck, representante da empresa. Não sei qual era o seu intento, sei que lhe apresentei as provas das experiências que fizera em emulsões fotográficas. Ele olhou por algum tempo as cópias que eu fizera e depois disse:

- Você pretende fabricar papel fotográfico?
- Perfeitamente, é este o meu desejo.
- Desculpe-me que o diga, creio que não está regulando bem.
- Por quê?
- Pela simples razão de que nunca poderá concorrer com as célebres marcas, como Kodak, Agfa e Gevaert.

O que me dissera era, evidentemente, a verdade. Mesmo assim, não desisti do meu objetivo. Meu lema sempre foi: INSISTA, NÃO DESISTA. Fácil dizer insista, não desista, mas quando o dinheiro começa a faltar, a gente começa a se inquietar.

Por todos os meios procurei introduzir os meus produtos nos ateliês fotográficos da cidade de São Paulo. Entre eles, a Photo Schmidt, de propriedade do sr. Müller, um amigo da família. Depois de um curto bate-papo, entreguei-lhe algumas amostras dos meus papéis, pedindo-lhe a gentileza que experimentasse e, se possível, utilizasse em seus trabalhos. Ele aceitou as amostras e disse que iria repassar ao copista¹, para dar sua opinião. Pediu-me que voltasse depois de uma semana para saber o resultado. No prazo estipulado lá voltei.

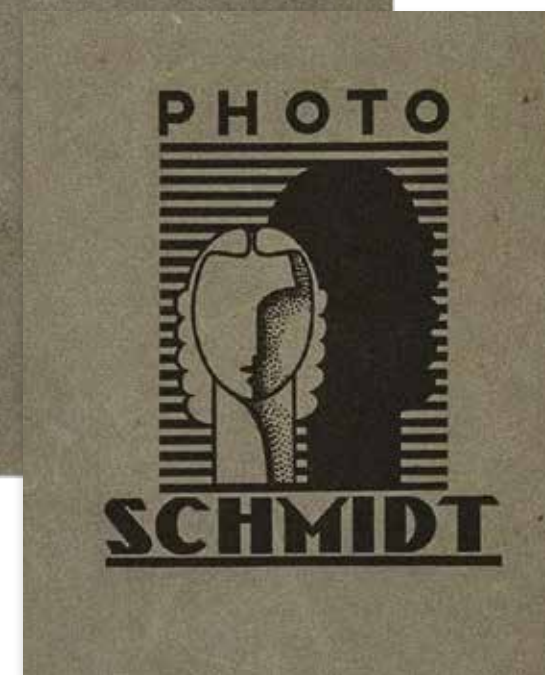
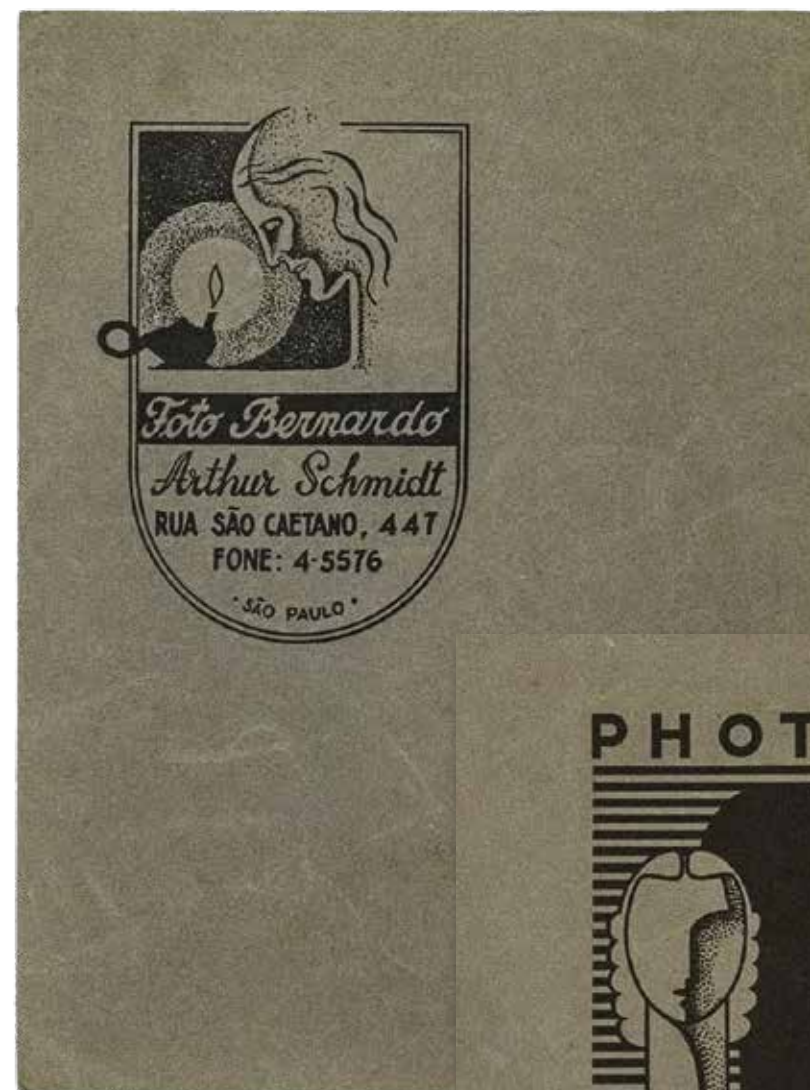
Após cumprimentar o meu amigo, perguntei qual o resultado das experiências.

- Conrado, tenho que lhe dar uma má notícia. O papel não foi aprovado.
- Mas qual é o defeito que apresentou?
- Bem, eu não sei, mas vou chamar o copista e assim você se entenderá diretamente com ele.

Quando o copista chegou, me disse: Nós aqui, somente usamos papel Kodak. Ele abriu a gaveta e tirou diversas cópias, uma em papel Kodak e outras em papel Wessel. Eram tão idênticas que nem mesmo ele poderia distinguir uma das outras. Eu pedi a ele que me indicasse quais eram Kodak e quais eram Wessel. Ele pegou uma cópia e mostrou: esta é Kodak, veja a tonalidade, as meias tintas, etc.

- E qual é Wessel? perguntei-lhe.
- É esta aqui, veja a diferença.

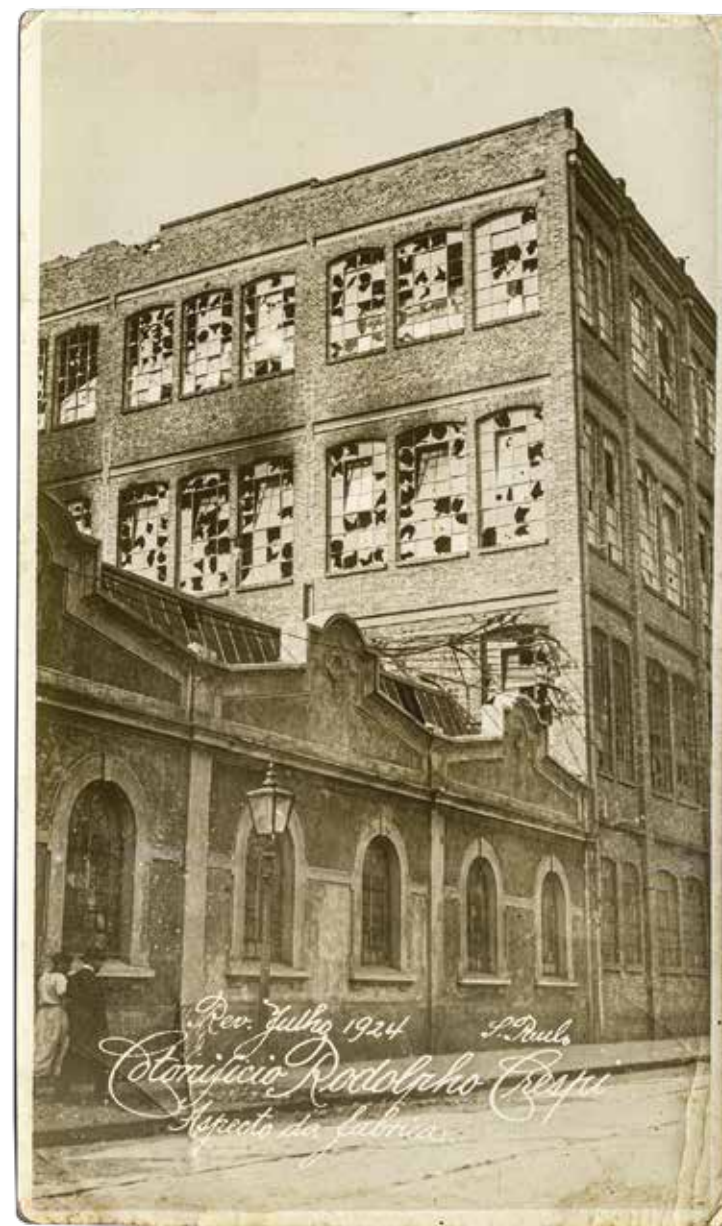
¹ Copista: o laboratorista que produzia as cópias positivas, impressões fotográficas feitas a partir de uma matriz, o negativo realizado no estúdio, geralmente um retrato.



O fotógrafo Bernardo Arthur Schmidt, amigo da família Wessel, evitou pressionar seu técnico e impressor, para aceitar o papel Wessel na produção das cópias fotográficas de seus retratados. Ao lado, o papel Wessel veiculado em anúncios na *Photorevista do Brasil*, editada pelo Photo Club Brasileiro, do Rio de Janeiro.



Aspectos das trincheiras na região central da cidade de São Paulo durante a Revolução de 1924. (fotógrafo Gustavo Prugner) e edifícios detonados pelos rebeldes (sem autoria identificada).



Eu examinei detidamente a cópia que ele dizia ser Kodak, reparei pelo verso do suporte, que era da fábrica alemã da qual importei o papel.

– Mas meu amigo, esta cópia que o senhor diz ser da Kodak é de minha fabricação. Conheço pelo verso do suporte.

Bastante irritado ele disse:

- Com licença, tenho muito trabalho para terminar e retirou-se.
- Está vendo sr. Müller, as cópias são idênticas, tanto que ele confundiu a Wessel com a Kodak.
- Concordo com o senhor, mas eu dependo dele. Se determinar que use os seus produtos, ele poderá propositalmente apresentar um mau serviço, alegando que o material não presta.

Assim, de desilusão em desilusão, continuei heroicamente lutando pelo papel fotográfico nacional. Foi a revolução de julho de 1924 que permitiu que a indústria brasileira não morresse no seu nascedouro. Mais uma vez, o acaso veio ao encontro dos sonhos do industrial.

A REVOLUÇÃO DE 1924

São Paulo, nos anos 1920, era o resultado da economia cafeeira com a conseqüente construção de ferrovias. Aspirava ser uma metrópole semelhante às mais belas cidades europeias. O estado mais rico do país, concentrava as atividades comerciais e bancárias organizadas em torno do café, o “ouro verde” e tinha também a pretensão de ser uma referência na cultura e nas artes. Essa pretensão estendia-se à educação dos filhos na Europa, à moda e ao comportamento. Os ricos proprietários das grandes fazendas de café, desejavam a modernidade e buscavam inspiração na tradição do velho continente. Isso acabou viabilizando inúmeros investimentos na indústria e no comércio.

Nesse período, o cenário sociocultural brasileiro pulsava de euforia e vivia um intenso diálogo com as múltiplas referências da identidade nacional. A economia também estava vibrante com a crescente demanda no exterior do café brasileiro.

Atraídos pela possibilidade de trabalho, um enorme contingente de imigrantes ocupou as fazendas de café do estado de São Paulo. Aos poucos, esses imigrantes foram se deslocando para as cidades, onde puderam exercer outras atividades, muitas vezes mais próximas aos seus ofícios de origem – na construção civil, no comércio, na indústria, nos pequenos negócios – mudando a paisagem da cidade e alterando as relações sociais e políticas.

Em 1917, foi inaugurada a primeira grande Exposição Industrial de São Paulo, no recém-construído Palácio das Indústrias, localizado no Parque D. Pedro II, projeto de Domiziano Rossi, em parceria com Francisco Ramos de Azevedo e Ricardo Severo. Os industriais paulistas celebraram o sucesso de reunir nesse evento o melhor da produção nacional.

Em 1922, a Semana de Arte Moderna, em São Paulo, agitou o meio cultural e germinou um princípio de grandes transformações pelas quais passariam, desde então, todas as manifestações artísticas do país. No mesmo ano, agora no campo político, acontece no Rio de Janeiro a Rebelião do Forte de Copacabana que engendra, entre outras coisas, a Revolução de 1924 na qual o general Isidoro Dias Lopes sai do Rio de Janeiro com destino a São Paulo e, na madrugada de 5 de julho, chega à cidade com o objetivo de derrubar o governo republicano de Arthur Bernardes. O clima era de revolução na cultura e na política.

Numa série de movimentos ágeis, ocuparam pontos estratégicos da cidade de São Paulo, forçando o então presidente do Estado, Carlos de Campos, a fugir com as

¹ Copista: o laboratorista que produzia as cópias positivas, impressões fotográficas feitas a partir de uma matriz, o negativo realizado no estúdio, geralmente um retrato.

tropas que lhe permaneceram fiéis para o interior do estado. Na verdade, “os rebeldes tomaram a cidade em razão puramente do seu prestígio, poderio industrial e localização estratégica como base de operações”.²

Com o estado de São Paulo sitiado, uma vez que as fronteiras estaduais estavam fechadas, o trânsito de produtos ficou inviabilizado. Entre os fotógrafos, os primeiros a sentir este bloqueio foram os ambulantes do Jardim da Luz. Nessa brecha, provocada pela política, é que Conrado Wessel teve a oportunidade de levar seus papéis fotográficos a todos aqueles que necessitavam do seu produto a fim de continuar trabalhando regularmente.

Como os resultados dos primeiros anos não foram bons, a maior parte da produção da Fábrica Privilegiada de Papéis Fotográficos Wessel estava estocada e pode suprir a forte demanda por esses papéis fotográficos provocada pela Revolução de 1924, premiando a obstinação de Conrado Wessel.

Ele relatou esse improvável acontecimento:

Todas as fábricas – Kodak, Agfa e Gevaert – estavam com suas matrizes instaladas no Rio de Janeiro e toda a importação era dirigida ao porto da capital do país. Com a revolução, a ligação entre São Paulo e Rio de Janeiro ficou completamente interditada. No Jardim da Luz, onde eu fora tantas vezes com amostras dos postais para serem utilizados entre os fotógrafos que lá trabalhavam, eu nunca consegui vender uma só caixa. Apesar de alegarem que o produto tinha qualidade, estavam acostumados com o postal Rifax produzido pela Gevaert e não pretendiam mudar. Com a falta total de papel Rifax, um deles lembrou do produto nacional e disse aos outros: a única saída é usar os postais Wessel. Ainda tinha amostras com eles onde mencionava o meu endereço – rua Guaianazes, 155. Um deles, se me recordo bem, chamava-se Russo, talvez por ter cabelos russos, disse: eu vou

² Richard Morse, *Formação Histórica de São Paulo*, Difusão Européia do Livro, 1970.

até lá; talvez possamos nos remediar até vir nova remessa do Rio de Janeiro.

Assim feito, ele apareceu em minha casa e pediu uma caixa para experimentar. Não demorou muito e uma hora depois, lá estava ele de volta.

- Quantas caixas tem deste postal Jardim?
- Tenho um estoque de 150 caixas.

Comprou todas e me disse:

- Fabrique mais, muito mais. O material é excelente.
- Isso me estimulou e tratei de produzir o máximo. *Le jour de gloire est arrivé.*

O resultado foi que todos passaram a comprar os papéis Wessel que, além de preços mais acessíveis, apresentavam qualidade e eficiência, igual ou melhor que os similares importados.

Wessel ainda registrou:

Comecei a trabalhar dia e noite, preparando emulsões e fabricando o papel Jardim. Os estúdios que antes repudiavam o meu produto já começavam também a me procurar. Fui ao Jardim da Luz para ver como o papel estava sendo recebido. Todos, sem exceção, elogiavam o material. Foi então que eu disse ao grupo:

- Eu tirei vocês desse apuro, mas, quando terminar a Revolução, vocês vão me deixar a ver navios, vou ficar com todo meu material encalhado.
- Não tenha receio, eles responderam. Os ambulantes agora só vão usar o postal Jardim.

Não levei muito em consideração essa promessa, mas me enganei redondamente. Os homens foram de palavra. Quando terminou a Revolução e chegou do Rio de Janeiro uma grande quantidade de material fotográfico, nenhum dos ambulantes comprou sequer uma caixa de papel Rifax, o postal que eles mais usavam até então.

Veio logo do Rio o gerente da Gevaert ver o que estava acontecendo. Foi ao Jardim da Luz conversar com os ambulantes. Eles disseram que o postal Jardim era tão bom quanto o Ridax, além disso era mais barato. E que, portanto, eles continuariam a prestigiar o produto nacional.

O gerente telegrafou à fábrica contando o que se passava. A Gevaert então remeteu imediatamente uma remessa de postais mais baratos do que os meus. Fiquei bastante assustado. (...) A única solução seria fabricar um produto ainda mais barato. Lancei então o postal Combate.

Na verdade, Wessel usou estratégias comerciais agressivas para manter a competitividade. O postal Combate era igual ao postal Jardim – a mesma fórmula e o mesmo papel, mas com um preço menor. Apenas uma mudança de rótulo para atrair os fotógrafos e competir com o rival. Sua alegação era a de que tinha diminuído o percentual de prata na composição química. Por incrível que possa parecer, tanto os postais da Gevaert quanto os do Wessel, mais baratos, não foram aceitos pelos fotógrafos.

Depois desse primeiro embate Wessel registrou:

minha produção cresceu assustadoramente. Tanto que fui obrigado a importar mais produtos químicos e papel suporte, e comprar um prédio maior na mesma rua, que adaptei rapidamente para uma produção de maior escala. De nada adiantaram as medidas que as firmas concorrentes aplicaram. A Fábrica Privilegiada de Papéis Fotográficos Wessel havia conquistado seu espaço.

A Revolução de 1924 provocou muitos estragos na cidade de São Paulo, mas, ao mesmo tempo, consolidou os negócios de Conrado Wessel que, definitivamente, conquistou uma clientela que lhe permaneceu fiel. Seus negócios se expandiram muito rapidamente e, em pouco tempo, atendiam uma considerável fatia no mercado fotográfico de todo o Brasil.





WESSEL – A FOTÓPTICA E OS FOTÓGRAFOS

Para distribuir sua produção no mercado, afora o acordo posterior firmado com a Kodak, em 1936, Conrado Wessel não hesitou em fazer parcerias com os fotógrafos lambe-lambes, com os profissionais de estúdios estabelecidos na cidade de São Paulo e com as lojas especializadas em produtos fotográficos. A principal delas, sem dúvida, foi a loja Fotóptica, localizada na rua São Bento, 55, comandada inicialmente pelo húngaro Desidério Farkas e, mais tarde, por seu filho Thomaz Farkas.

Conrado Wessel e Desidério Farkas, dois imigrantes empreendedores, viram no Brasil a possibilidade de estabelecerem seus negócios e prosperarem. É muito interessante constatar como a parceria Wessel-Fotóptica foi além das questões meramente comerciais. Fica claro através das publicações da Fotóptica, da troca de correspondências e dos eventuais anúncios, que os dois empreendedores estabeleceram uma amizade sólida e afetiva. Dois imigrantes – um industrial e outro comerciante – que buscaram se firmar no Brasil em suas respectivas áreas, trabalhando com produtos fotográficos.

Nos catálogos produzidos pela Fotóptica e distribuídos em todo o país, em diferentes línguas, a fim de atender outros imigrantes que trabalhavam com fotografia, sempre há uma ou duas páginas dedicadas aos papéis Wessel. Por outro lado, parte dos serviços de cópias foto-



Cartão postal da rua São Bento, endereço da primeira Loja Fotóptica e os primeiros catálogos de venda que relacionavam seus produtos, entre eles os papéis Wessel.

PAPEL NACIONAL WESSEL.

O papel Wessel satisfaz em todos os casos.
 O papel Wessel é igual aos melhores estrangeiros, e custam a metade do preço. Papéis de luxo, Antiqua, Seda.
 Papéis comerciais: Normal, Contraste, Rápido e Radio-brom.
 Cartões Postais: Jardim, Extra, e Super Extra, para amadores e profissionais.

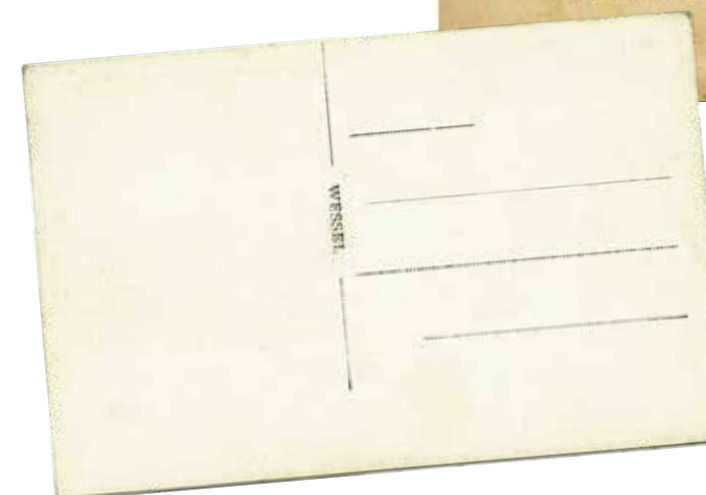
1. Suporte finíssimo, modelação ideal, emulação adequada ao nosso clima.
2. Artigo sempre fresco, por ser preparado no País.
3. Exijam sempre os papéis Wessel que são productos de qualidade, garantidos por preços vantajosos.

TABELLA DOS PREÇOS:

Normal, Contraste, Osiris, Radio Brom, Wessel, Rápido	6 X 9	6,5 X 11	9 X 12	18 X 18	18 X 24
Fino Dama	1\$000	1\$800	1\$300	2\$700	3\$000
Fino Grossa			1\$800	2\$700	3\$000
Carolina . . . Dama				1\$000	6\$000
Carolina . . . Grossa				4\$000	6\$800
Antiqua Grossa Seda Cart. Dama				1\$300	8\$500
Antiqua Grossa Seda Cart. Grossa				4\$800	9\$000
CARTÕES POSTAIS	Osiris, Wessel, Normal, Dama 2\$200 Caixa de 100 1\$8300 Osiris, Wessel, Contraste, Dama 2\$200 Caixa de 100 1\$8300 Radio Brom, Rápido, Antiqua 2\$300 Caixa de 100 1\$8300				

Nos laboratórios da FOTOPTICA usam-se os papéis Wessel.

— 6 —



Página interna do catálogo de produtos da Loja Fotóptica e o verso dos papéis Wessel, com a característica marca de identificação do fabricante.

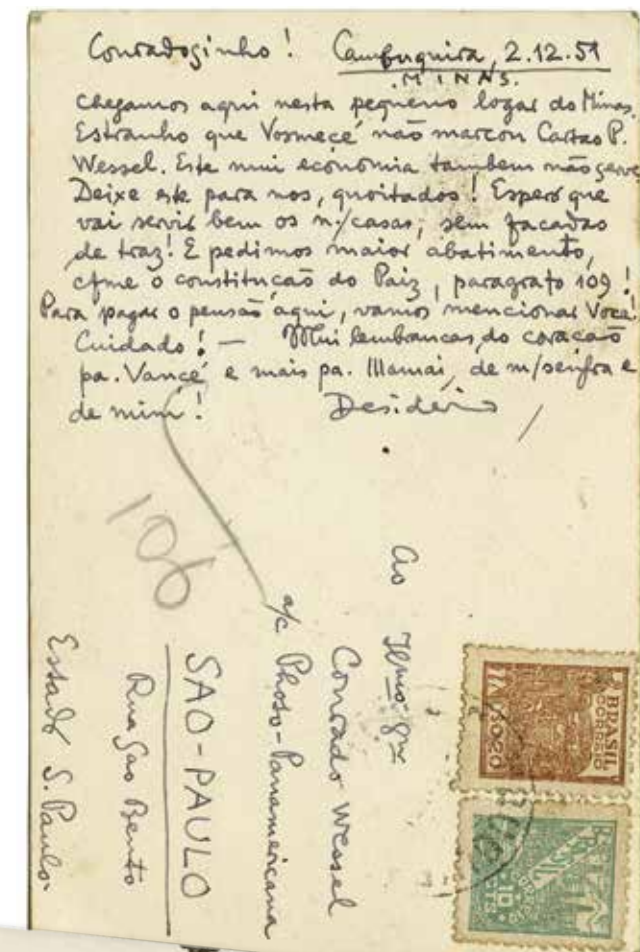
gráficas produzidas pela loja Fotóptica trazia no verso o nome do fabricante: Wessel. Parceria que seguramente gerou bons rendimentos e boas histórias.

No catálogo n° 51, publicado em 1936, há uma página dedicada ao Papel Nacional Wessel. No texto de apresentação podemos ler: "O papel Wessel satisfaz em todos os casos. O papel Wessel é igual aos melhores estrangeiros e custa a metade do preço. (...) Exijam papéis Wessel que são produtos de qualidade, garantidos por preços vantajosos. (...) Nos laboratórios da Fotóptica usam-se os papéis Wessel."

Mais tarde, no catálogo n° 59, datado de 1944, na categoria papel fotográfico, encontramos os papéis Wessel com algum destaque, mas o que chama nossa atenção é a nota final, após a apresentação de toda a linha de produtos Wessel – "Em virtude da grande procura dos papéis Wessel em todo o país, torna-se impossível o fornecimento pronto e integral dos pedidos. Por isso aconselhamos os senhores fregueses, a mencionarem sempre eventuais substituições". Essa observação denota a propagação do nome do fabricante em todo o país e, ao mesmo tempo, constata-se que a produção já não dava conta da demanda.

Um cartão postal encontrado no arquivo da FCW mostra a amizade e a camaradagem entre Desidério e Conrado. Escreveu Desidério no cartão postal, em 1951, diretamente da cidade mineira Cambuquira – "Conradozinho ... estranho que vosmece não marcou cartão postal Wessel". Na verdade, Desidério reconheceu o papel fotográfico (pela qualidade) e percebeu que no verso não estava impresso o nome do fabricante. E brinca com o descuido do amigo.

Essa amizade cheia de cumplicidade e essa parceria afetiva ativaram os negócios e potencializaram as duas marcas que são referências na história da fotografia brasileira. A Fotóptica e a Wessel permaneceram juntas por várias décadas, seja trocando experiências comerciais,



seja participando de eventos produzidos pelos sindicatos e associações de classe.

Outra manifestação dessa amizade de longa data está na correspondência enviada por Conrado Wessel, em 1970, que parabeniza pelo cinquentenário da Fotóptica, encontrada nos arquivos de Thomaz Farkas. E no arquivo da FCW encontramos a resposta de agradecimento pela lembrança. Em ambas as cartas, vemos o profundo respeito e amizade entre eles, iniciado em 1920, ano da inauguração da primeira loja. É possível perceber a proximidade entre as duas marcas que, naquele momento (1970), já estavam consagradas no mercado fotográfico brasileiro.

Conrado Wessel enviou os cumprimentos:

Há 50 anos me foi dada a honra de estar presente na inauguração da Fotóptica, que naquela ocasião não passava de uma pequena porta situada na rua S. Bento. A loja era pequena e quem a dirigia eram jovens húngaros, que, desiludidos após a Grande Guerra de 1914, procuraram o Brasil para expandir seus conhecimentos no ramo fotográfico e ótico. (...)

O escopo desta carta se resume exclusivamente em render a minha homenagem ao meu velho e saudoso amigo Desidério, que em todas as ocasiões, mesmo nas mais difíceis pelas quais passei, sempre me encorajou, difundindo e defendendo a incipiente indústria nacional de papel fotográfico. Grande parte do meu sucesso devo-o ao meu amigo Desidério. Lembro-me ainda do tempo em que v.s. de calças curtas ia e voltava do colégio, guiado pela mão segura e extremosa da sua mãe. Mais tarde, Desidério me contava orgulhosamente o progresso do filho na universidade. Hoje, quando passo por uma das lojas Fotóptica me orgulho de ter também contribuído com minha amizade e minha pequena participação nesta organização que hoje é uma potência no ramo fotográfico, para orgulho do Brasil.

Após o recebimento, Thomaz Farkas respondeu prontamente:

Prezado Amigo Wessel. Que agradável surpresa a sua maravilhosa carta relacionada com o nosso cinquentenário.

Pessoas como Conrado Wessel foram as que sempre nos animaram em horas difíceis e foram companheiras nas horas agradáveis. Acredito que, em toda as etapas de nossa firma, quando meu pai se lembrava dos seus amigos, aqueles que sempre o incentivaram nas iniciativas de maior vulto, era quando então ele se firmava nos conhecidos e amigos.

Nessa troca de correspondência, está evidente que a conexão entre as marcas não foi apenas uma estratégia para alavancar os negócios. Envolveu um profundo respeito entre eles e uma crença mútua em que ambos estavam convencidos do aspecto qualitativo de seus produtos.

Wessel produzia papel fotográfico competitivo e com preço atrativo para os consumidores, e a loja Fotóptica, através de seu laboratório de cópias fotográficas, utilizava os papéis Wessel, que atendia a demanda dos fotógrafos amadores, seus clientes preferenciais, afora toda a comercialização de equipamentos, a venda dos químicos necessários para os laboratórios de todo o país e os produtos associados ao fazer fotográfico.

No cenário da acelerada mudança ocorrida em São Paulo a partir da década de 1920, lá estavam os dois sonhadores que buscavam consolidar e dinamizar os seus negócios. Os imigrantes, sabemos, tiveram um papel fundamental no processo de industrialização e modernização da cidade nessa época. A parceria entre Wessel e os Farkas, voltada para uma ação comercial, estava sintonizada com a evolução social e cultural do país que estava acontecendo. Uma união que se transformou numa amizade entusiasmada e duradoura.

Afora essa associação profícua e amigável com a Fotóptica, Guilherme e Conrado Wessel tinham relações comerciais e profissionais com muitos fotógrafos atuantes na cidade de São Paulo. Podemos relacionar alguns deles, pois encontramos no arquivo Wessel fotografias assinadas por alguns desses profissionais e também cartas e cartões postais recebidos. Esses documentos não só comprovam a conexão entre eles, como também denota um relacionamento afetivo.

Encontramos os retratos familiares assinados pelos italianos Michelle Rizzo e Vincenzo Pastore, que também enviou uma carta de Roma para Conrado, datada de 29 de maio de 1912, agradecendo o catálogo recebido de Viena e indicando a máquina que pretendia adquirir na viagem.

O alemão Bernardo Arthur Schmidt, amigo da família, que evitou utilizar o papel Wessel para não brigar com seu impressor, e o austríaco Fernando Skarke, “Photographo da Casa Imperial”, retrataram Nicolina e Guilherme Wessel. Outra citação que despertou curiosidade foi do fotógrafo de origem polonesa Julio W. Dursky, que atuava em Sorocaba no final do século XIX, ocasião em que Guilherme e família moraram na cidade por alguns meses.

Com os fotógrafos brasileiros Valério Vieira, José Fontes Santhiago e Mario Prugner, as relações foram consolidadas em diferentes situações. Com Valério Vieira, Conrado colaborou na realização de seus panoramas dos anos 1920, emulsionando os papéis e participando dos processos químicos que envolviam a produção de imagem; com Santhiago, que além do estúdio de retratos também atuava como fotógrafo lambe-lambe no Jardim da Luz, deixou-se retratar nos dois espaços; e com Prugner, estabeleceu uma relação de forte amizade, ajudando até mesmo quando a família se transferiu para Blumenau e passou por dificuldades financeiras.

Como vimos, Conrado Wessel, trabalhou com muitos fornecedores, diferentes casas fotográficas e diversos fotógrafos, que demandavam serviços específicos para solucionar problemas técnicos do cotidiano. Desses relacionamentos, destacamos apenas alguns deles para situar sua atuação no mercado, sempre centrada na lealdade e objetivando fortalecer toda a cadeia da fotografia brasileira – a produção do papel, a distribuição e o bom atendimento ao cliente final.

São Paulo, 1º de setembro de 1970

Exmo. Snr. Dr. Thomaz Farkaz
DD Diretor da Fotoptica S.A.
Capital.

Há cinquenta anos me foi dada a honra de estar presente na inauguração da Fotoptica, que naquela ocasião não passava de uma pequena porta situada na rua de São Bento. A loja era pequena, porém quem a dirigia eram jovens húngaros, que desiludidos após a grande guerra de 1914 procuraram o Brasil para expandir seus conhecimentos no ramo da fotografia e ótica.

Naquela época poucas firmas exploravam esses ramos, sendo que quem se dedicava a ótica, não negociava no ramo fotográfico, assim sendo, as únicas casas de destaque no ramo ótico, eram a casa Fretin e Januario Loreito (Ao boticão Universal) e no ramo fotográfico a casa Stolze e Otto Stueck.

Bela Farkas, Schweizer, mais tarde Desiderio Farkas, seu saudoso pai, Pavel e Laszlo, com seus vastos conhecimentos adquiridos na Europa, entregaram-se de corpo e alma ao desenvolvimento destes dois ramos, naquela época pouco difundidos.

Rapidamente a Fotoptica tornou-se uma necessidade para todos que precisavam de óculos, ou se dedicavam à fotografia, pois encontravam num só estabelecimento tudo o que precisavam. Hoje a Fotoptica é inegavelmente a maior organização em toda a América Latina. O escopo desta carta se resume exclusivamente em render a minha homenagem ao meu velho e saudoso amigo Desiderio, que em todas as ocasiões, mesmo nas mais difíceis por que passei, sempre me encorajou, difundindo e defendendo a incipiente indústria nacional de papel fotográfico. Grande parte do meu sucesso devo-o ao meu amigo Desiderio. Lembro-me ainda do tempo em que V.S. de calças curtas ia e voltava do colégio, guiado pela mão segura e extensa de sua mãe. Mais tarde Desiderio me contava orgulhosamente o progresso do filho na Universidade. Hoje, quando passo por uma das lojas Fotoptica me orgulho de ter também contribuído com minha amizade e minha pequena participação nesta organização que hoje é uma potência no ramo fotográfico, para orgulho do Brasil.

Meu jovem amigo Thomaz, mais cinquenta anos de progresso à Fotoptica, são os desejos sinceros de admiração e agradecimento pelo apoio que me deram durante a minha longa carreira de industrial.

Atenciosamente:
Conrado Wessel

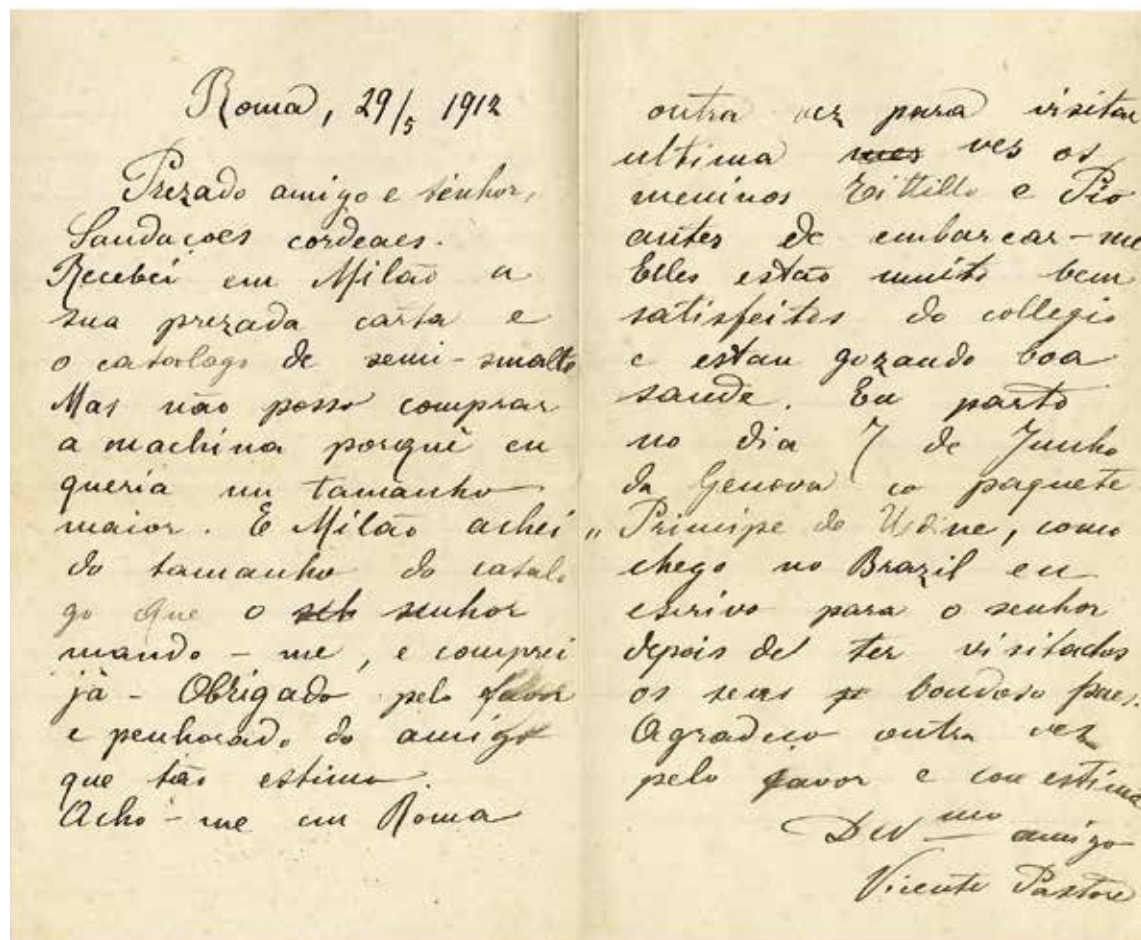
Rua Brigadeiro Galvão, 310



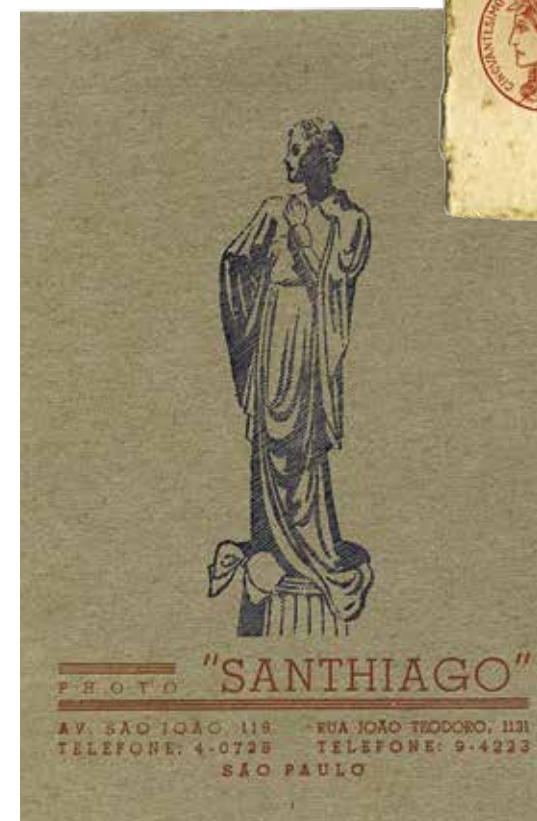


Diferentes catálogos de produtos da Loja Fotóptica que muito colaboraram na distribuição dos papéis Wessel para todo o Brasil.





Rara carta manuscrita do fotógrafo italiano Vincenzo Pastore, de Roma, datada de 29 de maio de 1912, para Conrado Wessel, que se encontrava em Viena. Uma troca afetiva de ideias e informações sobre o entorno da fotografia.



Dois amigos fotógrafos da família Wessel – o italiano Michele Rizzo, com o Ateliê Rizzo, na rua Direita, e Santhiago, que além de atuar como lambe-lambe, mantinha estúdio na avenida São João.



WESSEL E A KODAK

Uma anotação entre os papéis de Conrado Wessel gera dúvidas e algum desconforto com o posicionamento da poderosa multinacional Kodak após a transação comercial finalizada em 1954. Ao longo de mais de duas décadas a empresa norte-americana assediou a empresa Wessel com o objetivo claro de comprar a operação industrial, a patente e as fórmulas das emulsões criadas e desenvolvidas por ele. Nesse bilhete manuscrito, sem data, cifrado, Wessel registra:

"W. se obriga a vender à K. e K. se obriga a comprar todos os papéis photographicos fabricados por W. durante o período deste contrato, e de accordo com os termos e condições aqui pontuados."

1
W. se obriga a vender a K.
e K. se obriga a comprar todos os papéis photographicos fabricados por W. durante o período deste contrato, e de accordo com os termos e condições aqui pontuados.



A fachada da nova fábrica em Santo Amaro, à rua Antonio Bento, 509. Ao lado, informações técnicas sobre os papéis Wessel e Conrado Wessel em mais um dia de trabalho.

FABRICA PRIVILEGIADA DE PAPEIS PHOTOGRAPHIQUES
Conrado Wessel
 SÃO PAULO - SP

Há 12 anos que a Fabrika Wessel vem sendo reconhecida internacionalmente, a classe das photographias profissionais com papéis de sua qualidade por serem únicos.

O maior principal fator da qualidade, rapidez, estabilidade, no laboratório de seus papéis que se adaptam a todos os tipos de photographias que quer registrar e mais rapidamente de sua qualidade. Os resultados de laboratório com os papéis Wessel, são os mais perfeitos, rápidos e qualitativos da classe, e por ser mais baratos que os outros.

Os papéis Wessel, tornam-se disponíveis com os melhores materiais Europeus e Americanos, sendo os mais perfeitos.

Logo, pois, o exemplo dos seus produtos, sendo por isso Wessel a primeira e a melhor marca para os papéis.

CONTRASTE (Papel Branco)
 Especialmente para os laboratórios de fotografia, este papel é o mais perfeito, rápido e qualitativo da classe, e por ser mais baratos que os outros.

OSIRIS
 Este papel é o mais perfeito, rápido e qualitativo da classe, e por ser mais baratos que os outros.

Wessel NORMAL (Papel Branco)
 Este papel é o mais perfeito, rápido e qualitativo da classe, e por ser mais baratos que os outros.

POSTAES JARDIM EXTRA

Este papel é o mais perfeito, rápido e qualitativo da classe, e por ser mais baratos que os outros.

Wessel OSIRIS

Este papel é o mais perfeito, rápido e qualitativo da classe, e por ser mais baratos que os outros.

Wessel NORMAL (Papel Branco)

Este papel é o mais perfeito, rápido e qualitativo da classe, e por ser mais baratos que os outros.

Wessel CONTRASTE (Papel Branco)

Este papel é o mais perfeito, rápido e qualitativo da classe, e por ser mais baratos que os outros.

Wessel RAPIDO (Papel Branco)

Este papel é o mais perfeito, rápido e qualitativo da classe, e por ser mais baratos que os outros.

RADIO-BROM

Este papel é o mais perfeito, rápido e qualitativo da classe, e por ser mais baratos que os outros.

Wessel ANTIQUE — Novidade!

Este papel é o mais perfeito, rápido e qualitativo da classe, e por ser mais baratos que os outros.

NOVA LISTA DE PREÇOS

PAPEL PHOTOGRAPHIQUES

TAMANHO	QUANTIDADE	PREÇO
10 x 15	100	1.000
10 x 15	200	1.800
10 x 15	300	2.500
10 x 15	400	3.200
10 x 15	500	3.800

CARTÃO PHOTOGRAPHIQUES

TAMANHO	QUANTIDADE	PREÇO
10 x 15	100	1.000
10 x 15	200	1.800
10 x 15	300	2.500
10 x 15	400	3.200
10 x 15	500	3.800

CARTÃO ANTIQUE

TAMANHO	QUANTIDADE	PREÇO
10 x 15	100	1.000
10 x 15	200	1.800
10 x 15	300	2.500
10 x 15	400	3.200
10 x 15	500	3.800

CARTÕES POSTAES

TAMANHO	QUANTIDADE	PREÇO
10 x 15	100	1.000
10 x 15	200	1.800
10 x 15	300	2.500
10 x 15	400	3.200
10 x 15	500	3.800

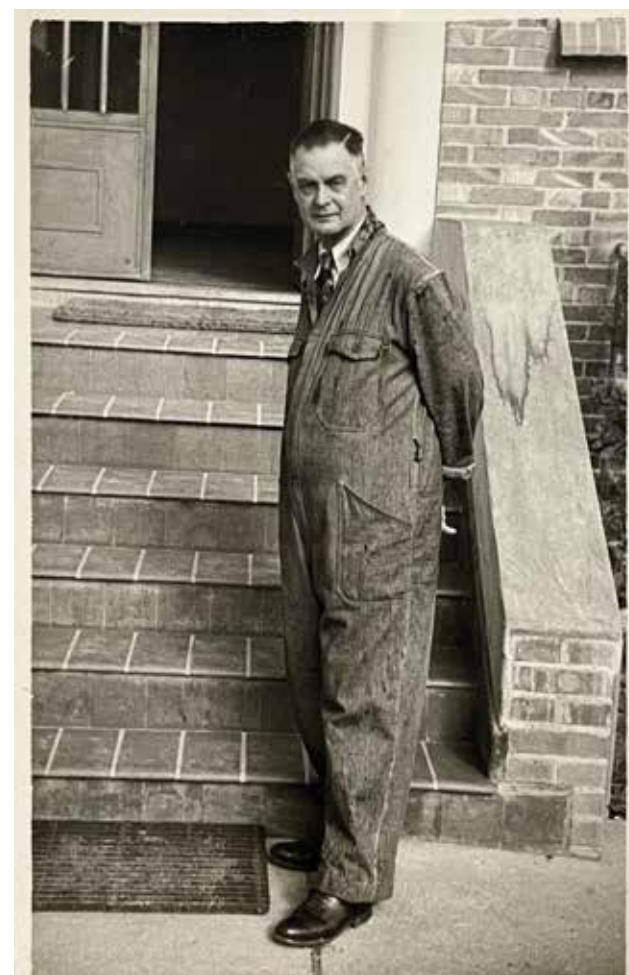
POSTAES JARDIM EXTRA

TAMANHO	QUANTIDADE	PREÇO
10 x 15	100	1.000
10 x 15	200	1.800
10 x 15	300	2.500
10 x 15	400	3.200
10 x 15	500	3.800

Roller de Papel RADIO-BROM rápido e fino

TAMANHO	QUANTIDADE	PREÇO
10 x 15	100	1.000
10 x 15	200	1.800
10 x 15	300	2.500
10 x 15	400	3.200
10 x 15	500	3.800

PRODUTOS QUIMICOS



Como vimos, desde 1924, com a ampla propagação dos papéis Wessel juntos aos fotógrafos e às casas fotográficas da cidade de São Paulo, as empresas estrangeiras – Kodak, Agfa e Gevaert – ficaram incomodadas com a nova empresa, concorrente, que conseguiu distribuir amplamente o seu produto e agradar seus consumidores. Afinal, quem seria o responsável pela Fábrica Privilegiada de Papéis Photographicos?

A situação tranquila das empresas estrangeiras aqui instaladas foi abalada por uma empresa nacional, de menor porte, mas com um produto competitivo na qualidade e no preço. Uma situação impensável, jamais enfrentada até então deixando todos curiosos em saber quem produzia o papel e como foi possível isso acontecer.

Alarmadas com o novo cenário, as empresas, que tinham sede no Rio de Janeiro, começaram a visitar as casas fotográficas e os fotógrafos lambe-lambes para tentar descobrir o que estava acontecendo. Mais tarde, tentaram alternativas mais baratas para retomar o mercado, mas Wessel, incansável e confiante nessa batalha, também criou artimanhas comerciais para manter ativa sua clientela.

Para enfrentar seus concorrentes, entre outras coisas, Conrado Wessel criou um cartão postal, veículo bastante simples e adequado nas décadas de 1920 e 1930 pela sua facilidade de circulação. A imagem é a de um cachorro “atacado e ferido” por uma pequena abelha. A metáfora publicitária é perfeita e remete exatamente ao seu enfrentamento inicial com as grandes marcas internacionais de papel fotográfico. Uma espécie de David versus Goliath. Como em outros casos, a imagem insinua exatamente o que Wessel pretendia: enfrentar os concorrentes e, se possível, vencer a batalha.

Diante dessa situação, a Kodak, por volta de 1928, tomou a iniciativa de propor a Conrado Wessel uma parceria. Ela assumiria a distribuição para todo o Brasil de 70% da produção dos papéis fotográficos da fábrica Wessel.

Em 1936, foi formalizado um contrato mediante o qual toda a produção era entregue à Kodak, que se responsabilizava pela comercialização, com opção de compra da patente. Esse contrato foi prorrogado e, em 1946, foi assinado um aditamento por mais 10 anos.

É interessante rever alguns trechos selecionados dos textos escritos por Conrado Wessel, durante essa negociação com a Kodak, onde descreve todo o processo de suas pesquisas:

durante 12 anos venho estudando e adaptando as fórmulas ao clima do Brasil. Um trabalho exaustivo, visto as condições climáticas do país serem adversas a este ramo de indústria. Outro fator que muito me preocupou foi a qualidade da água. Mas hoje, a fábrica ficou tão simplificada que, sem o emprego de gelo, consigo controlar entre 15°C e 30°C tanto o fabrico da emulsão, quanto o emulsionamento do papel. Havendo interesse da companhia¹, poderei fornecer maiores esclarecimentos se me forem solicitados.

Wessel também aponta a possibilidade de crescimento de sua produção nessa parceria com a Kodak que assumiu a distribuição da totalidade de sua produção. Em suas anotações informa que:

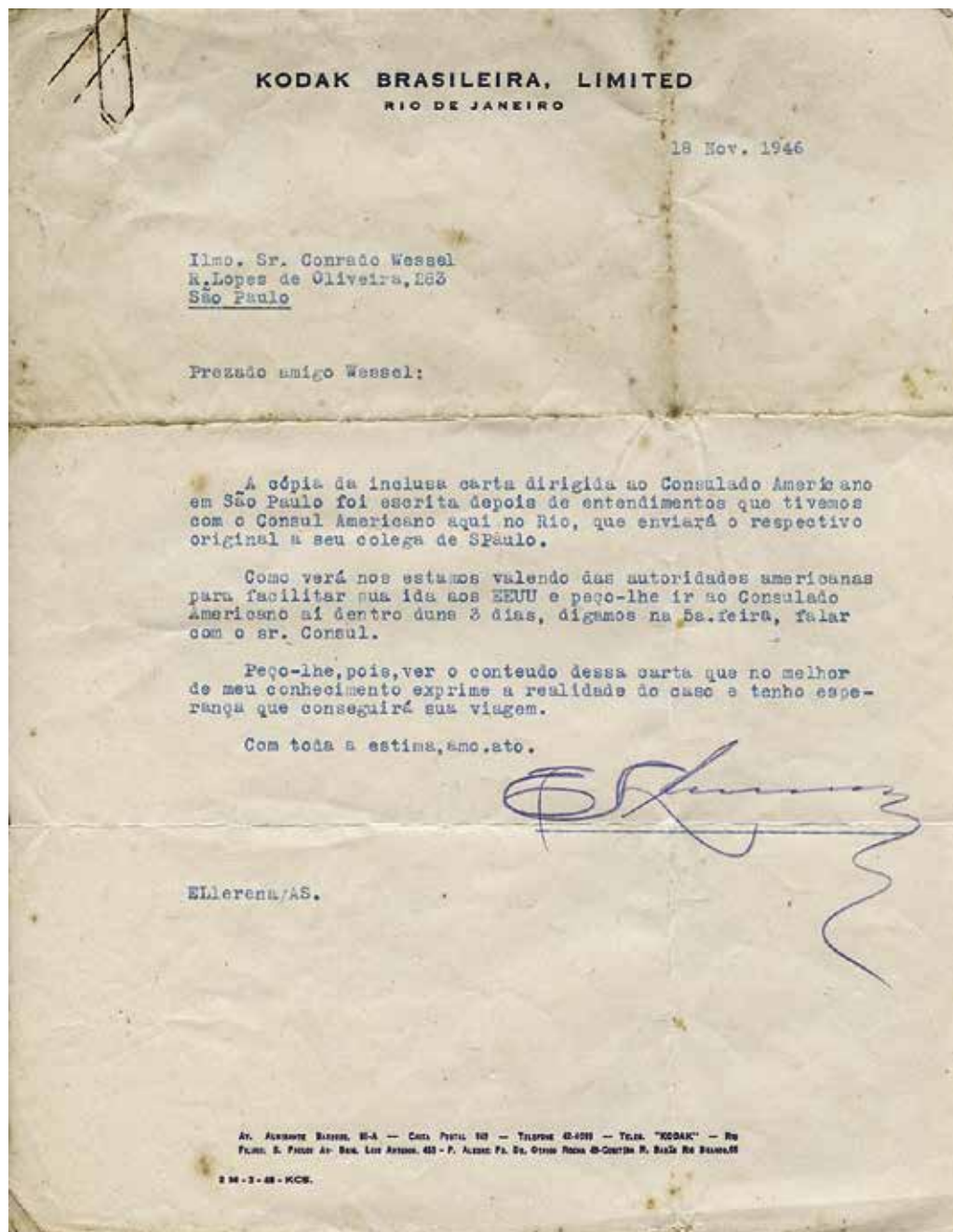
a fábrica, durante os anos de 1933 e 1934, apresentou um lucro mensal de 18:000 réis, ou seja, 220.000 réis anuais. Com máquinas modernas, secagem automática e outros aperfeiçoamentos para se produzir mais, facilmente poderei elevar este lucro ao dobro ou mais, principalmente se agregar à fabricação as chapas para os ambulantes e para os serviços comerciais, cujas fórmulas já tenho completamente estudadas, apresentando as qualidades exigidas a esses trabalhos.

Parecia uma boa associação do ponto de vista comercial, mas poderia ser perigoso para a continuidade da

¹ Companhia – leia-se Kodak.



Conrado Wessel e técnicos da Kodak Brasileira vistoriando as obras da nova fábrica em Santo Amaro; em reunião com os diretores da Kodak em Rochester, Estados Unidos; com os diretores da Kodak Brasileira, no Rio de Janeiro. Acima, Conrado Wessel, no pleno comando do controle de qualidade da sua produção.



Conrado Wessel em Rochester, Estados Unidos, sede da Kodak, em 1947.



pequena empresa. Wessel, então, conseguiu um contrato interessante e talvez único em todo o mundo. Em toda sua existência e em qualquer lugar do planeta, a Kodak jamais admitiu que sua marca fosse associada a outra empresa. Não temos conhecimento exato do contrato entre as empresas, mas Conrado Wessel, com toda sua astúcia para os negócios, impôs algumas condições. Só aceitaria a proposta da Kodak de distribuição do seu papel se, na famosa caixa ou envelope amarelo da concorrente, viesse grafado com a mesma importância visual as marcas Kodak-Wessel.

Uma vitória temporária. Ao longo das negociações, em 1948, Conrado Wessel foi convidado a visitar a matriz da Kodak, na cidade de Rochester, nos Estados Unidos. De acordo com o contrato firmado entre as empresas, a Kodak construiu uma nova fábrica, num edifício planejado, localizado em Santo Amaro, bairro da zona sul da cidade. Equipou todas as instalações com máquinas e acessórios importados dos Estados Unidos.

Conrado Wessel ainda realizou algumas adaptações e deu início ao processo de produção. Nesse novo contrato firmado entre Kodak e Wessel, ele ficou responsável pela administração das novas instalações, em todas as áreas e setores, e assumiu todos os custos de produção, que passaram a ser de sua total responsabilidade.

Entre as poucas correspondências que restaram no arquivo da FCW, uma nos chama a atenção. Um telegrama grafado em alemão, datado de 19 de agosto de 1953, curiosamente o dia mundial da fotografia, com os cumprimentos dos executivos de Rochester da Kodak pelo 90º aniversário da mãe de Conrado, Nicolina. O documento denota uma conexão muito mais interessante do que uma lembrança com alguma empatia.

Em 28 de outubro de 1954, Conrado Wessel produz seu último lote de emulsão para ser aplicada no papel, cujo verso já não traz o carimbo Wessel. Como sempre fez ao longo de sua vida profissional, antes de embalar



o produto, ele faz uma prova que irá atestar o controle de qualidade. A partir de um negativo, um belo retrato de uma jovem feliz e sorridente, ele imprime uma cópia.

No verso dessa cópia ele escreve:

última emulsão fabricada na fábrica usando o bromo como contraste III – 28 de outubro de 1954.

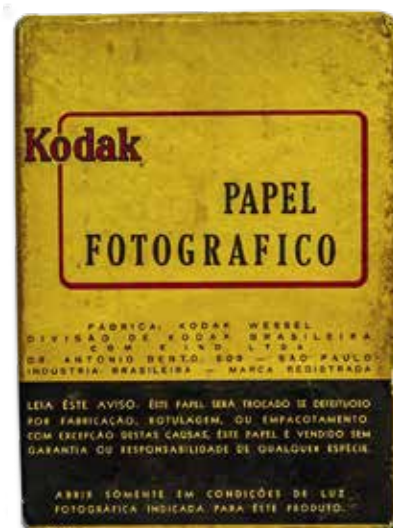
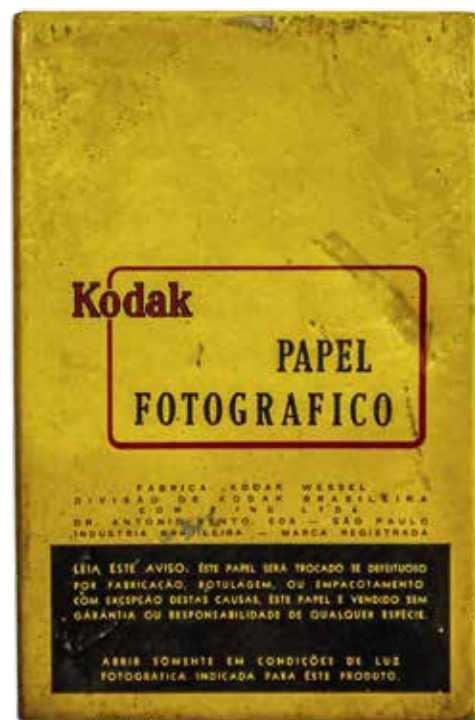
A fotografia parece iconizar sua alegria ao saber que suas experiências para desenvolver uma fórmula especial, capaz de apresentar um bom resultado, se concretizaram de tal maneira que a maior fabricante de produtos fotográficos do mundo se curvou à sua criação. Ao mesmo tempo, o texto no verso da fotografia, contrasta com o retrato sorridente de uma linda jovem. Um misto de alegria e tristeza.

A Fábrica de Papéis Photographicos Wessel desapareceu e surgiu uma nova marca Kodak – Wessel. Com o passar dos anos, a Kodak retira o nome de Wessel que estava garantido em contrato. Com isso, a marca e o nome Wessel passam por uma espécie de apagamento. Conrado fica deprimido ao ver que seu nome e sua pioneira indústria de papel fotográfico poderiam ser esquecidos na história da fotografia brasileira.

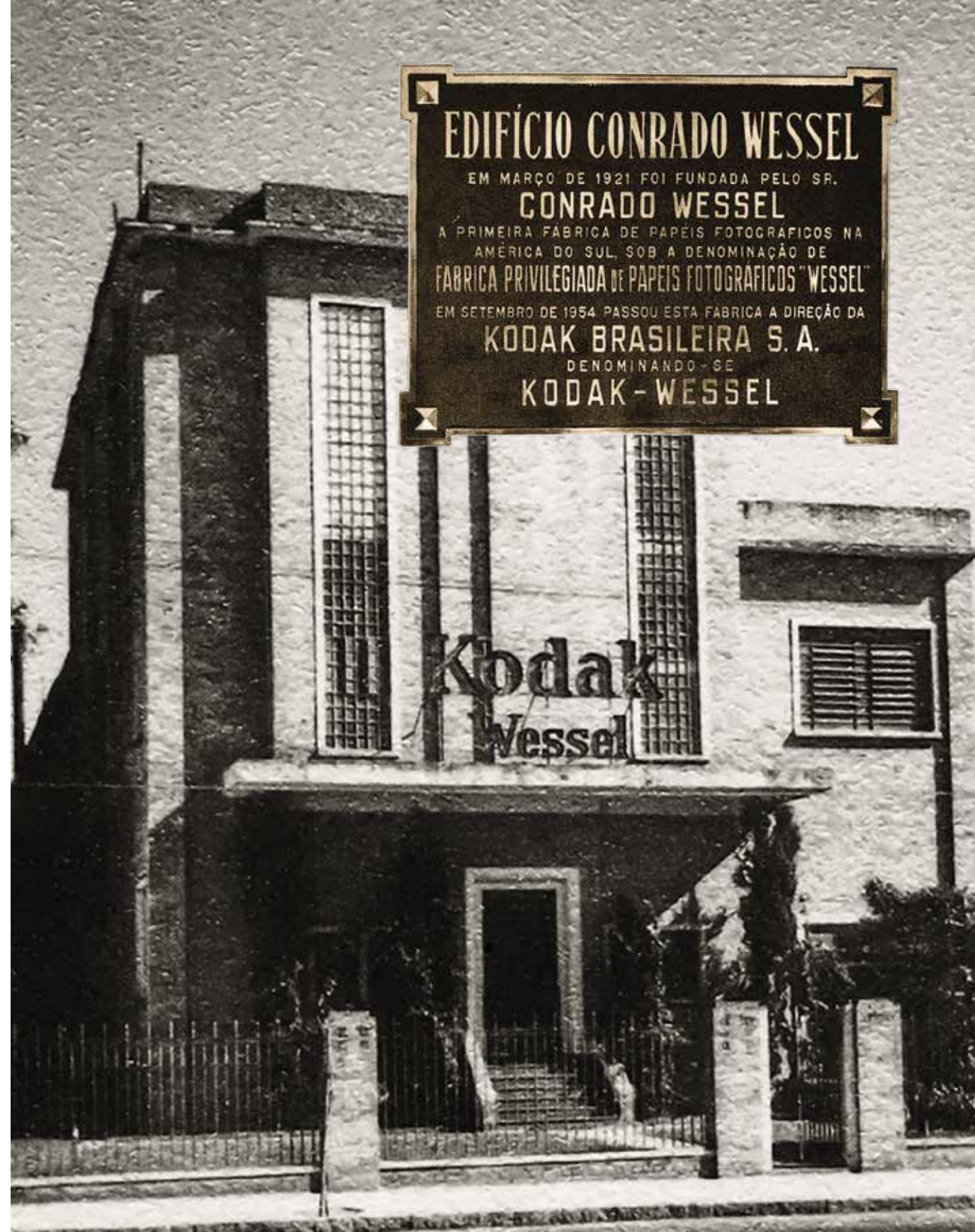
A última tentativa de resgatar seu nome e sua marca é datada de 20 de junho de 1965, após infrutíferas movimentações junto à Kodak para que seu nome não fosse apagado da história. A carta é uma espécie de último grito, enviada à direção da empresa no Brasil com o intuito de recuperar o acordo formal entre as empresas. Um derradeiro esforço para manter a dignidade do seu nome e de seu trabalho hercúleo ao criar uma fórmula diferenciada para produzir papel fotográfico, batalhar pela patente de sua invenção, instalar a fábrica, iniciar e distribuir a produção industrial e desafiar as empresas estrangeiras instaladas no país. Escreveu Conrado Wessel:

Carta dirigida à direção da Kodak Company Rochester:

Tem esta a finalidade exclusiva de exigir uma explicação ampla e cabal, sobre qual o motivo que moveu a Kodak em apagar sumariamente o meu nome no frontispício do prédio, assim como nos produtos que ainda ostentam as marcas por mim registradas, e isso sem a menor consulta ou consentimento de minha parte. O meu nome não se apaga como se fosse uma nódoa a conspurcar o brilhante nome da Kodak. Nunca tive a pretensão de me igualar à Kodak, porém o meu nome não é menos digno ao de George Eastman. Quero que saibam, se é que não sabem, que a Kodak é a graciosa sucessora de Conrado Wessel, que há 40 anos iniciou a primeira fábrica de papéis fotográficos na América do Sul. Menciono graciosa, porque todo o acervo da fábrica Wessel – máquina, marcas, patentes, freguesia e fundo de negócio – foi adquirido pela Kodak em setembro de 1954, conforme escritura lavrada no Tabelião Veiga desta Capital, pela importância de 1.000 cruzeiros (70 cts). Quero que saibam também, que se não fosse o meu trabalho e abnegação, a Kodak ainda hoje não estaria estabelecida como fábrica de papéis fotográficos no Brasil. Isto se comprova com o fato de nenhuma firma estrangeira do ramo, por motu proprio tenha se estabelecido no território nacional com fábrica de papel fotográfico. Pelo exposto, julgo de bom alvitre que se externem a este respeito pois, de forma alguma, permito que se borre o meu nome, de um empreendimento genuinamente brasileiro, onde a Kodak é mera sucessora, e agora se locupleta e se enfeita com penas de pavão, e se vangloria como sendo a iniciadora da obra que não é sua, mas sim minha, foi minha vida, foi um filho que criei, e agora querem usurpar a sua legítima paternidade. Note-se que durante as negociações que mantive com os diretores da Kodak, estes sempre se manifestaram concordes em continuarem a manter o meu nome como precursor da indústria fotográfica em suas novas instalações, o que aliás o fizeram até esta data. Espero uma retratação urgente desta atitude que talvez não seja do conhecimento de Rochester, mas que muito depõe contra a organização.



Logo após as tratativas finais com a Kodak, em 1954, a produção passa a ser denominada, por contrato, nas famosas caixas amarelas da empresa, "Fábrica Kodak Wessel". Isso não aconteceu em nenhum outro lugar do mundo. A poderosa empresa internacional assinando junto com seu concorrente local. Ao lado, a fachada da fábrica, agora Kodak Wessel.



Um verdadeiro desabafo de um homem extremamente dedicado, que durante décadas lutou para se estabelecer e deixar um legado para a indústria brasileira, em particular a fotográfica. Não deve ter recebido resposta, mas sabemos que lutou e se posicionou contra essa atitude da Kodak, que não estava de forma alguma prevista quando o negócio foi concretizado.

Numa entrevista do diretor presidente da Kodak brasileira, Adolfo Marquis, para a revista *Objetiva*², publicada pelo Sindicato das Empresas de Artes Fotográficas de São Paulo, onde ele traça uma breve história da Kodak, ele ressalta que “a Kodak brasileira já há alguns anos era a distribuidora do material produzido pela fábrica de Conrado Wessel. (...) justiça seja feita a este pioneiro da fabricação de materiais sensíveis no Brasil.” Aqui constatamos o reconhecimento dos fatos, além de uma elogiosa referência ao trabalho e à produção da Fábrica Privilegiada de Papéis Fotográficos.

Conrado Wessel, após sua saída definitiva do negócio, apareceu pouco na mídia como representante de uma geração imigrante empreendedora, mas batalhou, como sempre o fez, para manter o nome Wessel como a primeira grande iniciativa na indústria fotográfica do Brasil.

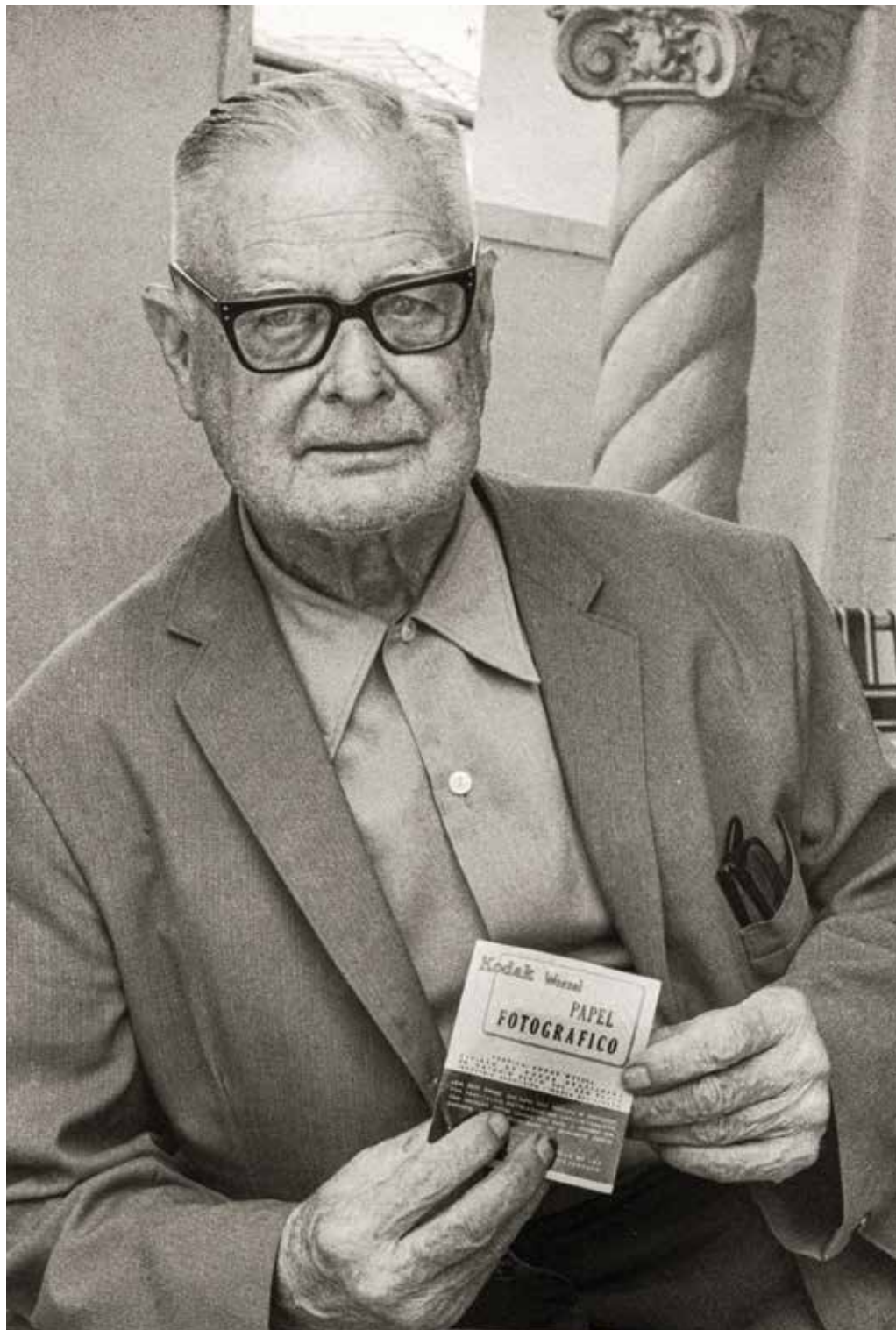
² Revista *Objetiva*, Órgão Oficial das Empresas de Artes Fotográficas de São Paulo, Nº1, Ano I, 1959, pp. 8-10.





O retrato de uma jovem modelo impresso no último lote de produção da fábrica Wessel, sob o controle de qualidade de Conrado Wessel.

No verso, ele registrou: "última emulsão fabricada na fábrica usando o bromo como contraste III - 28 de outubro de 1954".



1974 – BORIS KOSSOY

ENTREVISTA CONRADO WESSEL

Depois da venda da patente em definitivo para a Kodak, e conforme as regras contratuais, Wessel se afastou dos negócios. Em raríssimas oportunidades vemos Conrado Wessel sendo lembrado ou mesmo citado como um dos pioneiros da indústria fotográfica no Brasil. Entre 1954, ano da venda definitiva da marca Wessel à Kodak, e 1974, pouco se falou dele ou da sua iniciativa na produção de um papel fotográfico nacional.

A mídia impressa teve um papel fundamental na propagação de seu ideário pautado desde o início pela luta diária, tanto nas expectativas criadas a cada nova etapa de suas investigações, como no posterior reconhecimento de seu trabalho que intencionava produzir um papel fotográfico nacional, voltado para atender o mercado interno com o diferencial da eficiência e da qualidade competitiva.

Para conhecermos um pouco desse momento, que ficou completamente esquecido e apagado da história da nossa indústria fotográfica e da própria história da fotografia, vamos lançar um breve olhar retrospectivo através da mídia impressa. Lembramos que, após a venda à multinacional, Conrado Wessel passou por um período muito difícil, pois não apenas teve que retirar-se dos negócios, mas teve que afastar-se definitivamente

de uma atividade que ocupou sua vida por mais de 50 anos. Isso provocou, aos poucos, um esquecimento do seu nome e alguma melancolia cotidiana.

As coisas começaram a mudar a partir de julho de 1973, quando Pietro Maria Bardi, através do Museu de Arte de São Paulo, juntamente com o então fotógrafo e jovem pesquisador Boris Kossoy, organizaram a exposição “A Fotografia no Brasil”. Apesar da total liberdade na concepção da curadoria assinada por Kossoy, Bardi fez um único pedido: que procurasse o Foto Cine Clube Bandeirante, presente na fotografia paulistana e brasileira desde 1936, e conversasse com seu presidente Eduardo Salvatore e alguns dos associados do clube, para que pudesse obter algumas informações relevantes que pudessem contribuir para o projeto em andamento.

Esse foi o ponto de partida que guiou Boris Kossoy quando assumiu a responsabilidade de organizar a primeira grande exposição que sistematizou parcialmente a história da nossa fotografia e jogou luzes em alguns trabalhos de importantes fotógrafos que estavam totalmente esquecidos. E a conexão que estabeleceu com o Foto Cine Clube Bandeirante foi vital para ampliar significativamente sua trajetória como crítico e pesquisador.

Na revista *Novidades Fotóptica*, Boris escreveu: “Num momento em que a fotografia ganha terreno e alcança seu lugar merecido no panorama das artes plásticas, surge a oportuna iniciativa do Museu de Arte de São Paulo, em se fazer uma exposição sobre ‘A Fotografia no Brasil’. Está na hora de indicar nomes de fotógrafos que desapareceram. Muitos deles colaboraram decisivamente para a nossa iconografia gerando, todavia, fotos sem autoria, verdadeiros documentos de sua época.”¹

Entre os profissionais que Kossoy tomou conhecimento em sua ampla pesquisa, estava Conrado Wessel,

¹ Revista *Novidades Fotóptica*, “Retrato do século passado”, Boris Kossoy. São Paulo: n° 61, 1973, p.36.

o criador da Fábrica Privilegiada de Papéis Photographicos, dono da patente do papel fotográfico e pioneiro da indústria da fotografia no país. Kossoy, inicialmente como pesquisador e interessado na cartofilia produzida no Brasil, tinha o nome Wessel associado apenas à produção do cartão postal, impresso fotograficamente, e da fotografia produzida pelo lambe-lambe, o fotógrafo que atuava em jardins e parques públicos da cidade de São Paulo.

Desse modo, Boris Kossoy procurou Conrado Wessel e realizou algumas entrevistas em 1974. Na ocasião, Wessel estava com 83 anos. Lúcido e falante, aos poucos contou sua história e relatou sua trajetória como inventor e produtor industrial do papel fotográfico no Brasil. Ao chegar em sua residência, situada à rua Lopes de Oliveira, na Barra Funda, Kossoy relata que “se deparou com um homem humilde, morando numa casa simples, vestindo um paletó surrado, sem a menor ideia de que se tratava de um gigante na história da fotografia brasileira.”²

Ao tomar conhecimento de sua trajetória, desde a criação do papel até a instalação da fábrica de papel fotográfico, Kossoy percebeu que estava diante de um homem de uma inteligência singular e com uma história fantástica. Estava diante de um homem cujo empreendimento foi pioneiro no Brasil e talvez na América Latina.

Em 24 de novembro de 1974, Kossoy abriu sua página mensal no Suplemento Literário do jornal *O Estado de S. Paulo*, comentando a história do fotógrafo lambe-lambe, e deu amplo destaque ao pioneirismo de Conrado Wessel, afirmando que ele “contribuiu decisivamente para o desenvolvimento da fotografia em nosso país.”³

No ano seguinte, em 18 de outubro, no Suplemento do Centenário do jornal *O Estado de S. Paulo*, Kossoy publicou um especial denominado “Panorama da Fotogra-

² Entrevista ao autor em 20 de maio de 2024.

³ Suplemento Literário, jornal *O Estado de S. Paulo*, “O fotógrafo ambulante – a história da fotografia nas praças de São Paulo”, Boris Kossoy, 24 novembro 1974, p.5.

fia no Brasil desde 1832” e, mais uma vez, abriu um espaço para comentar as contribuições de Conrado Wessel à história da fotografia no Brasil. Aliás, nesse suplemento Kossoy traz as experiências de Hercules Florence e Conrado Wessel, hoje dois nomes indissociáveis da cronologia da fotografia brasileira e mundial. Suas iniciativas pioneiras, em tempos tão distintos, consagram a pesquisa científica na área da fotografia e são marcos determinantes para nossa história.

Kossoy, em entrevista recente⁴, relatou que logo após essas publicações foi procurado pelo Sindicato das Empresas de Artes Fotográficas do Estado de São Paulo. Eles desconheciam as atividades de Conrado Wessel e queriam propagar a história em seu boletim. Kossoy, mais uma vez, publicou um texto e um retrato do Wessel⁵ de sua autoria, que repercutiu positivamente nos associados do sindicato.

A iniciativa de Boris Kossoy, hoje o grande artífice da história da fotografia no Brasil, teve o mérito de retirar o nome de Conrado Wessel das profundezas do esquecimento e colocá-lo nas páginas do mais importante caderno cultural do país. Ao mesmo tempo, após essas publicações, o nome do Wessel se inseriu definitivamente na história da fotografia do Brasil.

O jornal *Folha da Tarde*, em 17 de setembro de 1979, também abriu um espaço para destacar o trabalho e o percurso de Conrado Wessel. Ao final, uma fala dele chama a atenção, pois afirma com certo orgulho que se não fosse ele, “a Kodak dificilmente teria entrado no Brasil, pois as empresas estrangeiras tinham muitas restrições. Mas aproveitando a minha estrutura, esta multinacional se estabeleceu”.⁶

⁴ Entrevista ao autor em 20 de maio de 2024.

⁵ Ver *Boletim 1976/1977*, do Sindicato das Empresas de Artes Fotográficas do Estado de São Paulo, “Conrado Wessel – o primeiro fabricante de papel fotográfico no Brasil”, de Boris Kossoy, pp.13-14.

⁶ *Folha da Tarde*, “No papel fotográfico nacional, a vida de Wessel”, de Antenor A. Braido, 17 de setembro de 1979, p.21.

O curioso é que essa e outras matérias subsequentes foram surgindo graças às publicações de Kossoy, que tornou público as atividades de Conrado Wessel e deu destaque para sua fábrica de papel que, ao ceder os direitos para a Kodak, exigiu em contrato que seu nome fosse incluído nas embalagens. Para Kossoy, “essa exigência é a primeira e única na história da Kodak. Imaginem só, a marca Kodak-Wessel impressa nas caixas e nos envelopes do papel fotográfico produzido no Brasil”.⁷

Outra divulgação de destaque no segmento da fotografia brasileira foi publicada na revista *Fotóptica*, em 1980. Na entrevista, Wessel no alto dos seus 89 anos, relatou que foi “o primeiro químico brasileiro que ousou colocar seus produtos nas prateleiras das lojas ao lado de nomes como Kodak, Agfa, Gevaert”.⁸ E ainda registrou a importância de amigos como Desidério Farkas, com quem colaborou, desinteressadamente, desde o início da loja Fotóptica.

Essas publicações impressas, a partir da iniciativa de Boris Kossoy, deram um novo ânimo a Conrado Wessel, que sempre acreditou em sua trajetória vencedora e na sua posição na história da fotografia brasileira.

⁷ Entrevista ao autor em 20 de maio de 2024.

⁸ Revista *Fotóptica*, “Wessel, o fundador da primeira Fábrica de Papel Fotográfico da América do Sul”, de Ivoty Macambira, n° 94, 1980, pp.56-57.

Conrado Wessel,

o primeiro fabricante de papel fotográfico no Brasil

Boris Kossoy

BOLETIM 1976/77

Sindicato das Empresas de Artes Fotográficas
do Estado de São Paulo

1976



1941

35 anos a serviço dos fotógrafos profissionais

12 - BOLETIM SEAFESP/76

Conrado Wessel nasceu em Buenos Aires em 1891, chegando ao Brasil antes de completar 1 ano de idade.

Estudou em Viena, onde desenvolveu sua preferência pela Química. Voltou ao Brasil em 1913 e não julgando suficiente o seu aprendizado, resolveu cursar a Escola Politécnica de S. Paulo, conseguindo uma vaga como ouvinte e onde obteve os conhecimentos necessários para seu aperfeiçoamento.

Seu pai, Guilherme Wessel, foi o fundador de uma das primeiras casas de material fotográfico em S. Paulo, na rua São Bento, no ano de 1900.

Conrado Wessel, influenciado talvez pela fotografia, dirigiu o seu interesse desde cedo para a emulsão e a química de sensibilização de papéis.

Após algumas experiências, sem resultado, na forma de distribuir a emulsão sobre o papel, Wessel verificou por acaso que uma certa máquina textil poderia eventualmente lhe servir, para uma distribuição homogênea na aplicação desta emulsão.

O resultado foi excelente e estava vencida a primeira etapa, ligada à qualidade industrial.

Sua primeira fábrica era localizada na Rua Lopes de Oliveira, 198.

O problema maior de Wessel e de difícil solução foi o da colocação do seu produto no mercado. Usava-se naquela época papel fotográfico importado (Gevaert) que era empregado pelos "lambe-lambe". Apesar de diversas tentativas de promover o seu produto junto aos ambulantes do Jardim da Luz, a receptividade foi nula.

Entretanto, durante a revolução de 1924, com o bloqueio da estrada de ferro, o material que vinha habitualmente do Rio de Janeiro sofreu interrupção no seu frete normal. Diante da falta de material fotográfico importado que havia no mercado, viram-se os fotógrafos obrigados a experimentar o produto



Fotos tiradas nos anos 30, no Jardim da Luz, em São Paulo. O material empregado era o "Postal Wessel".

nacional "Postaes Wessel Jardim" e o resultado foi ótimo pois além de ser de qualidade semelhante ao estrangeiro vinha suprir as necessidades na hora exata.

O consumo do papel "Jardim" foi enorme e a pequena fábrica mudou-se para a mesma rua Lopes de Oliveira, 283, e posteriormente para um estabelecimento ainda maior em Santo Amaro.

Mesmo após a revolução em 1924 a preferência pelo papel "Jardim" continuou a ponto do gerente de vendas da Gevaert vir a S. Paulo, a fim de verificar o que se passava.

A fábrica na Bélgica resolveu produzir um postal mais barato que o "Jardim" para concorrer com este, entretanto a preferência dos fotógrafos continuou e o sucesso de Wessel estava assegurado, fornecendo seu produto para todo o Brasil.

Mais tarde a própria Kodak interessou-se pela distribuição do

papel e em seguida adquiriu a empresa de Conrado Wessel. No rótulo dos envelopes e caixas constou durante muito tempo a marca Kodak-Wessel.

Recentemente Wessel nos informou sobre sua passagem também nas primeiras filmagens em São Paulo.

Tal fato se deu quando a Secretaria da Agricultura do Estado trouxe ao Brasil um técnico da Gaumont de Paris, de nome Colliot, com o fim de filmar aspectos de nossa vida agrícola nas fazendas.

Wessel foi contratado como intérprete e auxiliar de Colliot, recebendo no regresso deste à Paris, um atestado afirmando sua aptidão para filmar.

Wessel além de haver fundado a primeira fábrica de papel fotográfico no Brasil, isto em 1923, também contribuiu decisivamente para o desenvolvimento da fotografia.

Os "Postaes Wessel Jardim" serviram de veículo para o registro da evolução de inúmeros aspectos sociais da vida brasileira, por várias décadas, através das objetivas do nosso fotógrafo ambulante ou como é mais conhecido - o "lambe-lambe". ●

Nota do autor:

Este artigo é baseado em nossa publicação "O Fotógrafo Ambulante, a história da fotografia nas praças de S. Paulo", publicado no Suplemento Literário do O Estado de São Paulo, em 24/11/74, e em novo depoimento recentemente obtido especialmente para esta publicação.

●
Boris Kossoy: Superintendente do Depto. de Fotografia do Museu de Arte de São Paulo; professor de fotografia da Faculdade de Comunicação Social Anhembi, editor de fotografia da revista "Comunicação"; autor de "Viagem pelo Fantástico", Livr. Kosmos Ed., São Paulo, 1971, "Hércules Florence, 1833: a descoberta isolada da fotografia no Brasil", Fac. Com. Social Anhembi, S. Paulo, 1977; vários artigos em "O Estado de São Paulo".

BOLETIM SEAFESP/76 - 13

Wessel, o fundador da primeira Fábrica de papel Fotográfico da América do Sul.



No início do século, a maioria dos produtos industrializados vendidos no país eram importados. Para uma empresa nacional estabelecer-se no mercado havia muitas dificuldades.

O empresário da época precisava, muito mais do que um grande capital ou infraestrutura administrativa, ter um espírito de luta e acreditar muito, mas muito mesmo, no seu trabalho. Além disso, precisava, ter uma grande dose de romantismo, porque, em um país "importado", dificilmente um produto de fabricação nacional era aceito. Mesmo quando comprovada a sua equivalência com o similar estrangeiro.

A indústria nacional de materiais fotográficos é um típico exemplo disso. Conrad Wessel, o fundador da primeira fábrica de papel fotográfico da América do Sul, enfrentou anos e anos de luta diária até conseguir credibilidade para os seus produtos.

56

Atualmente com 89 anos e uma vitalidade de fazer inveja a muitos adeptos das correntes cooperativas, ele foi o primeiro químico brasileiro que ousou colocar seus produtos nas prateleiras das lojas ao lado de nomes como Kodak, Agfa, Gevaert.

Podia parecer ousadia querer competir com marcas estrangeiras. Mas Wessel conta que, quando sua fábrica já tinha um grande estoque de papel acumulado pelos cantos, encaixado, ele resolveu ir pessoalmente visitar clientes e oferecer amostras do seu papel. Um desses clientes recusou-se a comprar o papel Wessel, porque, ao compará-lo com o produto estrangeiro, o segundo revelou-se de muito melhor qualidade. Conrad conhecia o reverso do seu papel e explicou o engano ao comprador, pois aquele papel, supostamente estrangeiro, não era o da marca concorrente, e sim o seu. Mas nem assim conseguiu fazer negócio.

A história da pioneira indústria de papéis Wessel começa no ano de 1917, quando Conrad Wessel, um argentino de Buenos Aires, que veio para o Brasil com oito meses de idade, decide, incentivado pelo sucesso da clichêria que possuía com o pai, realizar seu grande sonho de trabalhar com fotoquímica.

O sonho ficou mais próximo quando um amigo lhe indicou um professor do Colégio Caetano de Campos, que queria vender máquinas para fabricar papel fotográfico. Com a ajuda financeira do pai, Wessel comprou as máquinas por oito contos de réis, alugou um pequeno galpão na Barra Funda e começou a trabalhar.

As primeiras provas foram desastrosas. As máquinas dispunham de poucos recursos e o papel saía com manchas e depósitos de poeira.

Desanimado, Wessel pensava em desis-

tir, quando foi convidado a visitar a fábrica de linhas Corrente. Lá descobriu uma máquina de gomar linha que, com algumas alterações, poderia resolver os seus problemas. Com isso, atingiu o nível de qualidade que almejava e pôde lançar seu produto.

Uma amizade para toda a vida

Muito jovem ainda, o industrial em vias de fracasso acumulava os cargos de químico, operador de máquinas, relações-públicas e vendedor.

E foi nas suas andanças como vendedor que ele acabou conhecendo Desidério Farkas. Recém-chegado da Hungria Farkas possuía uma pequena loja de material fotográfico na Rua São Bento, a FOTOPTICA.

Do contato comercial, iniciou-se uma amizade que só terminou com a morte de Farkas, há alguns anos atrás. Essa amizade de mais de sessenta anos acabou se transformando, por parte de Wessel, em uma grande admiração pelo filho do grande amigo, Thomas Farkas: "Conheci o Thomas quando ele tinha quatro anos, lá na loja do pai, que era ainda muito pequena. Depois, ele se formou em engenharia pela Escola Politécnica, tomou as rédeas da empresa e deu um impulso muito grande ao negócio iniciado pelo pai. Ainda me lembro do Desidério, falando das idéias ousadas do filho em expandir o negócio. Ele falava assustado, mas com muita admiração que o Thomas queria mudar tudo, aumentar muito e está aí, hoje é um colosso, creio que a maior loja do gênero no Brasil".

Nessa época, as marcas de papel fotográfico mais vendidas eram a Kodak, a Gevaert e Agfa. Desidério Farkas promoveu muito a venda dos produtos Wessel, colocando-os em destaque na sua loja e sempre oferecendo-os aos clientes. "O Desidério tornou-se um grande divulgador dos meus produtos. Era uma pessoa muito boa e que me ajudou muito."

A vocação

O amor à fotografia ocorreu na vida de Wessel pela convivência com fotógrafos e com os materiais químicos que ele conhecia desde muito pequeno, quando seu pai tinha uma loja de material fotográfico a GUILHERME WESSEL E CIA. A loja ficava na Rua São Bento, no centro de São Paulo, próximo ao local onde anos mais tarde Desidério Farkas instalou a sua loja: "Acho que sou o homem de fotografia mais velho do Brasil. Desde os dez anos que trabalho com isso. Desde cedo ajudei meu pai, e foi lá que

Hoje ele está aposentado e tranquilo em sua casa, no bairro dos Campos Elíseos. O descanso é merecido, pois, no início do século, esse senhor de 89 anos enfrentou todas as dificuldades existentes num país subdesenvolvido para conseguir produzir um papel fotográfico nacional. E conseguiu. Tanto que, posteriormente, a Kodak se interessou por sua pequena indústria, com a qual acabou se associando para fabricar o papel Wessel/Kodak. Nesta entrevista, Conrad Wessel fala de sua iniciativa pioneira, dos negócios e de algumas mágoas que ficaram pelo caminho.

me interessei por fotoquímica".

Como fotógrafo amador, recebeu dois prêmios instituídos pela Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo. Por causa dos prêmios acabou sendo convidado a trabalhar na própria secretaria. Lá conheceu um técnico francês que estava no país a serviço de uma empresa de material fotográfico e cinematográfico, a GAUMONT. Com ele estudou durante seis meses, e ao final recebeu um atestado de fotógrafo e cinegrafista. Isso aconteceu no ano de 1908.

Em 1910, seu pai, convencido da sua vocação para a fotografia, enviou-o a Viena para estudar química e aperfeiçoar seus conhecimentos na técnica de fabricação de clichês, necessária à expansão do negócio da família.

Estudou três anos em Viena e, ao retornar, conseguiu autorização para frequentar o curso da Escola Politécnica como ouvinte. Especializou-se em fotoquímica, dedicando-se exclusivamente a estudos de emulsões para fotografia.

A Revolução de 24

Os negócios iam realmente mal, os produtos Wessel permaneciam sufocados pela concorrência. Apesar de muito incentivado pelo pai, que o apoiou financeiramente, Conrad sabia que os recursos estavam se esgotando e que a solução final teria de ser a desistência.

Talvez o negócio do jovem químico tivesse acabado, se não fosse a Revolução de 1924. Como as ligações entre São Paulo e o Rio de Janeiro ficaram cortadas e os escritórios das importadoras estavam no Rio, os estoques de material fotográfico das lojas paulistas foram escasseando. Os fotógrafos profissionais, principalmente os do Jardim da Luz, começaram, com muita desconfiança, a usar os produtos Wessel.

Logo a notícia da qualidade dos papéis Wessel se espalhou e os estoques há muito acumulados se esgotaram. A partir desse acontecimento, houve um período de prosperidade que Conrad Wessel imaginava fosse terminar com o final da crise política.

Ao contrário do que imaginava o já pouco otimista Wessel, quando os papéis importados voltaram às lojas, a sua ainda recente clientela permaneceu fiel, e as vendas aumentavam a cada dia. Os representantes das empresas estrangeiras chegaram a vir a São Paulo para saber a razão da queda das vendas.

A Kodak, que havia perdido grande parte dos seus consumidores, propôs comprar toda a produção da Wessel para distribuí-la.

Conrad Wessel aceitou o acordo porque lhe pareceu vantajoso ter a produção vendida para um único cliente sem ter que pensar na distribuição. O contrato vigorou durante cinco anos.

Conrad Wessel acredita que a sua ajuda foi muito importante para a penetração das indústrias Kodak no Brasil. Apesar disso, tem uma certa mágoa, porque ao final dos cinco primeiros anos o contrato, foi renovado por mais cinco. Nesse novo contrato ficou acertado que o papel continuaria com a marca Wessel, mas a partir daí estabelecia-se uma sociedade entre as duas empresas. A Kodak contruía a nova fábrica e Wessel entraria com o capital. O contrato estabelecia 40% para a Kodak e 60% para Wessel.

Conrad Wessel viajou para os Estados Unidos e orientou a fabricação de todas as máquinas que haviam sido por ele projetadas. A nova fábrica, instalada na Rua Dr. Antônio Bento, em Santo Amaro, desenvolveu-se muito, e os papéis Wessel ganharam a notoriedade merecida, até setembro de 1954, quando o contrato expirou.

Depois disso, ainda durante alguns meses o papel Wessel aparecia nas lojas com o nome Wessel/Kodak, passando posteriormente a apresentar-se apenas com o nome Kodak.

Nessa ocasião, Conrad, que já era um homem de bastante idade, retirou-se dos negócios. Muito magoado até hoje, ele explica que não compreende como as fórmulas e a fábrica ficaram com a empresa estrangeira, que nem mesmo cumpriu o acordo de manter o seu nome na marca do papel.

Já com bastante idade e sem nenhum herdeiro que pudesse auxiliá-lo a começar tudo de novo, Wessel abandonou seus planos e aposentou-se nesse ano, passando a administrar outros negócios que possuía.

Hoje, sentado em sua bonita casa no antigo bairro dos Campos Elíseos, cercado de móveis que o acompanharam pela sua longa vida e das pinturas a óleo feitas por Dona Frida, sua esposa, que ele prefere chamar de companheira, e que são motivo de imenso orgulho para este sensível nonagenário, ele recorda: "No meu tempo as coisas eram bem mais fáceis. Ainda havia amigos como Desidério Farkas, que nos ajudavam desinteressadamente".

Olhando da sacada para o seu bem-cuidado jardim, Conrad Wessel diz que, se tivesse que começar nos dias de hoje, talvez não o fizesse, porque o mundo empresarial ficou muito complicado, muito competitivo: "Se fosse hoje, possivelmente eu não teria coragem para me lançar em tal aventura".

57



O TESTAMENTO E A FUNDAÇÃO CONRADO WESSEL

A ideia de uma fotobiografia de Conrado Wessel nasceu do conhecimento prévio da existência de um rico arquivo de fotografias e de relatos manuscritos e datilografados, bem guardados na Fundação que leva o seu nome. Tudo muito bem organizado, esperando a hora e a vez de vir a público para democratizar uma das histórias mais fascinantes e desconhecidas da fotografia brasileira.

Há muitas maneiras de se contar uma história, mas esta, em particular, tinha o desafio de chamar a atenção para a existência de um homem cordial, com uma visão de mundo acima de tudo humanista e extremamente ética. Pouco se sabe, infelizmente, de seu trabalho pioneiro em prol da indústria fotográfica nacional e de seu enfrentamento, com coragem e determinação, de inúmeras adversidades.

Conrado Wessel, após o falecimento de sua companheira Frida Densau, em 1982, sentiu ainda mais a velhice, a solidão e o esquecimento. Depois de uma tentativa fracassada de apropriação de seu patrimônio, no final dos anos 1970, entendeu que o melhor seria dar mais importância à elaboração de um testamento¹. Sua trajetória

¹ O testamento foi lavrado no dia 11 de maio de 1988, livro 2008, fls. 130, do 4º Cartório de Notas desta Capital, situado à rua Estados Unidos, 1078, São Paulo.

ria, pontuada por momentos tão diversos, mostra uma vida dedicada ao trabalho, em especial à pesquisa científica, com foco específico na química fotográfica.

Essa decisão ocorreu em 11 de maio de 1988, ocasião em que ele, “não tendo herdeiros necessários, quer ascendentes, quer descendentes”, determinou a criação da Fundação Conrado Wessel, com “objetivos filantrópicos, beneficentes, educativos, culturais e científicos”, cujo patrimônio inicial seria todos os bens acumulados ao longo da sua vida.

Conrado Wessel, sabemos, viveu com alguma intensidade muitos acontecimentos – perdeu seu irmão mais velho, estudou dois anos em Viena, passou por duas Grandes Guerras, pela Revolta Paulista de 1924, entre outros – que o afetaram profundamente. E sua história tem que ser registrada, ainda que incompleta, seja pela rica experiência de vida, seja pela originalidade de suas invenções – do papel fotográfico às adaptações de máquinas e formulações químicas para o clima tropical.

A fim de criar uma narrativa minimamente compreensível desse grande inventor brasileiro, que obteve sua Carta Patente em 1921, diretamente do gabinete do presidente da República Epitácio Pessoa, optamos por relatar seu percurso nos momentos mais transformadores de sua existência. Entre grandes e pequenos acontecimentos, evidenciamos emoções, amizades, paixões, desapontamentos, entre outros sentimentos que o próprio Conrado Wessel registrou em suas memórias. Uma trama pontuada por fotografias que documentam e ampliam as circunstâncias em que ocorreram as transformações.

Ao elaborar seu testamento, na presença de cinco testemunhas e da burocracia cartorial, seu desejo foi destinar parte dos rendimentos de seu patrimônio a diferentes instituições: Corpo de Bombeiros da Polícia Militar do Estado de São Paulo, Fundação Antonio Prudente, Assistência e Promoção Social do Exército da Salvação,

Fundação Escola Alemã de Vila Mariana – Colégio Benjamin Constant, Conselho Nacional das Aldeias S.O.S., Entidades de Amparo a Crianças Abandonadas.

Além desta destinação, ele idealizou uma maneira incrível de perpetuar o seu nome: que a outra parte dos rendimentos da futura Fundação Conrado Wessel, fosse destinado à criação de prêmios bem específicos: “um a favor do desenvolvimento e estímulo à cultura, um a favor do desenvolvimento e estímulo à ciência, e um último a favor do desenvolvimento e estímulo às atividades artísticas.

Sua previsão testamentária, é que tudo deveria acontecer após dois anos do seu falecimento² e deixou um registro claro de que o critério de seleção dos premiados “será baseado nas opiniões das associações científicas, literárias e artísticas e da imprensa credenciada. A decisão final, em todas as premiações é de responsabilidade da diretoria da Fundação.”

A Fundação Conrado Wessel foi instituída em 1994 e, nesses 30 anos, com suas premiações, participou ativamente da cena científica e cultural do país. Foram centenas de prêmios que contemplaram significativos cientistas, médicos e pesquisadores, personalidades na área da cultura e grandes nomes da fotografia. Uma diferenciada galeria de premiados. Alguns pensam criticamente o país, outros investem anos de suas vidas em pesquisas e tecnologias que geram produtos a fim de melhorar a qualidade de vida da população brasileira, e há os que acreditam na possibilidade transformadora da música, da literatura, do cinema e da poesia.

Passados mais de 30 anos, ainda é possível perceber a presença do espírito inovador e empreendedor de Conrado Wessel. Ao destinar o resultado dos rendimentos de seu patrimônio para a ciência, arte e cultura, ele imprimiu em sua sonhada Fundação, uma perspectiva

² Conrado Wessel faleceu em sua casa, na rua Lopes de Oliveira, 510, na Barra Funda, no dia 23 de maio de 1993.



Fotografias de Conrado Wessel e Erna Frida Densau, sua companheira por mais de 40 anos. Ao lado, página do álbum familiar.



singular de participação na vida social, política, científica e cultural do país. A Fundação Conrado Wessel tem um inédito programa de trabalho, centrado na produção e veiculação de conhecimento.

A Fundação Conrado Wessel é o resultado de um programa de trabalho que busca contribuir e construir um país mais justo, mais racional, mais solidário.

Talvez a síntese registrada por Conrado Wessel em suas memórias seja uma luminosa inspiração:

“INSISTA, NÃO DESISTA”.

Conrado Wessel e Frida Densau no Jardim Botânico de São Paulo, em 1938.





Ao longo de toda sua vida, o casal demonstrou um amor incondicional pelos animais, como se pode ver nos registros fotográficos feitos em diferentes momentos.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARQUIVO CONRADO WESSEL. Fundação Conrado Wessel, Rua Pará, 50, 15º andar.

BRAIDO, Antenor A. “No papel fotográfico nacional, a vida de Wessel”. São Paulo: *Folha da Tarde*, 17 de setembro de 1979, p. 21.

FERNANDES, Rubens Junior. “Desconhecidos Íntimos – o imaginário do fotógrafo lambe-lambe”. São Paulo: *Revista Facom-Faap*, nº 6, 1º Semestre de 1999.

_____. *Saudade pela ausência: fotógrafos lambe-lambes no Jardim da Luz, 1915 – 1935*. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2011.

GRINBERG, Isaac. *Memória fotográfica de Mogi das Cruzes*. São Paulo: editora Ex-Libris, 1986.

GUARIGLIA, Ana Maria. “Químico foi pioneiro do cinema no Brasil”. São Paulo: *Ilustrada, Folha de S. Paulo*, 2 de março de 1995.

KOSSOY, Boris. “O fotógrafo ambulante – a história da fotografia nas praças de São Paulo”. São Paulo: Suplemento Literário do jornal *O Estado de S. Paulo*, 24 de novembro de 1974, p. 5.

_____. “Panorama da fotografia Brasil desde 1832”. São Paulo: Suplemento do Centenário do jornal *O Estado de S. Paulo*, 18 de outubro de 1975, nº 42.

_____. “Conrado Wessel, o primeiro fabricante de papel fotográfico no Brasil”. São Paulo: *Boletim 1976/1977*, Sindicato das Empresas de Artes Fotográficas do Estado de São Paulo, pp.12 e 13.

MACAMBIRA, Yvoti. “Wessel, o fundador da primeira fábrica de papel fotográfico da América do Sul”. São Paulo: *Revista Fotóptica*, nº 94, 1980, pp. 56 e 57.

MAGALHÃES, Flávio. *Cemitério dos Protestantes repouso de ilustres*. São Paulo: Caran Gráfica e Editora, s.d.

MENDES, Ricardo e GOULART, Paulo Cezar Alves. *Noticiário Geral da Photographia Paulista 1839 – 1900*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado e Centro Cultural São Paulo, 2007.

MENDES, Ricardo. *Antologia Brasil, 1890 – 1930 – Pensamento crítico em fotografia*. Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Artes – FUNARTE, 2012.

XAVIER, Cássia Aparecida. “O fotógrafo de jardim e a fotografia lambe-lambe na cidade de São Paulo entre 1920 e 1955: subsídios para uma história”. Dissertação de mestrado, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2022.

FUNDAÇÃO CONRADO WESSEL

CONSELHO CURADOR

PRESIDENTE

José Roberto Drugowich de Felício

CONSELHEIROS

Vahan Agopyan
Soraya Soubhi Smaili
Rubens Belfort Jr.
Franco Maria Lajolo

DIRETORIA EXECUTIVA

DIRETOR PRESIDENTE E COORDENADOR CULTURAL

Carlos Vogt

ASSESSORIA JURÍDICA

André Pereira da Silva

DIRETORA FINANCEIRA

Rosemeire Festraets

GERENTE FINANCEIRA

Márcia Lopes de Souza

COORDENADORA ADMINISTRATIVA E SECRETÁRIA EXECUTIVA

Ivete Silva

INSISTA, NÃO DESISTA

UMA FOTOBIOGRAFIA DE CONRADO WESSEL

COORDENAÇÃO

Carlos Vogt

PESQUISA E TEXTO

Rubens Fernandes Junior

PROJETO GRÁFICO

Isabel Santana Terron

TRATAMENTO DE IMAGEM

Ricardo Tilkian

ARQUIVO ICONOGRÁFICO

Fundação Conrado Wessel
Coleção Cássia Aparecida Xavier
Coleção Rubens Fernandes Junior

IMAGENS CONRADO WESSEL

ABERTURA DOS CAPÍTULOS

p. 6 – 1938, p. 11 – 1985, p. 52 – 1920, p. 80 – 1932,
p. 150 – 1974 [© Boris Kossoy], p. 162 – 1988

REVISÃO

Daisy Lara

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Ipsis Gráfica

AGRADECIMENTOS

Boris Kossoy
Cássia Aparecida Xavier
Heitor Shimizu

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha elaborada segundo a AACR2r

F363i Fernandes Junior, Rubens.

Insista, não desista: uma fotobiografia de Conrado Wessel/
Rubens Fernandes Junior; coordenação Carlos Vogt — São Paulo:
Ed. do autor, 2024.

176 p. : il. fot. color. ; 23 cm.

ISBN 978-65-01-15829-7

Inclui bibliografia.

1. Fotografia. 2. História da fotografia. 3. Wessel, Conrado
(1891-1993) - Biografias. I. Vogt, Carlos. II. Título

CDD 920

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária
Renata Baralle — CRB-8/10366

FUNDAÇÃO CONRADO WESSEL
FCW

Rua Pará, 50, 15º andar
Higienópolis
01243-020
São Paulo-SP
www.fcw.org.br

Fontes Sofia Pro, Abril Display
Papel Offset 120 g/m²
Tiragem 500 exemplares
Impresso em setembro de 2024